

ANO 6 Nº57 1999 R\$ 4,50

BOOKMAKERS

MACMANIA

A REVISTA QUE PEGA NO PESADO

Que Máquina!

**Novo G3 é pau
pra toda obra**

**Economia:
O país vai mal,
mas a Apple
vai bem**

**Aprenda a
queimar CDs**

**Netscape 4.5
ou Explorer 4.5?**

**Dreamweaver 2:
HTML visual**

**PlayStation
no seu Mac**

**BBEdit 5.0:
A usina
de texto**





As Cartas Não Mentem

Eu quero meu upgrade!

Estava lendo um artigo na Web a respeito de upgrades para o iMac, onde eles diziam que seria difícil a fabricação de placas de upgrade de processador para o iMac, mas nada é impossível, já que um 6100 pode ser upgradeado para G3. É verdade? Existe esse upgrade? Já posso upgradear os meus Performas?

Pedro Gracia

pgarcia@stones.com

É verdade. O mercado de placas de upgrade cresceu bastante com a chegada dos G3. Infelizmente, com a alta do dólar, elas devem chegar por aqui a um preço bem salgado.

Habla-se coreano

Tenho que realizar um trabalho gráfico em coreano e precisarei digitar slogans promocionais. Já tentei mudar o teclado, mas parece que o layout coreano não está incluído no Mac OS 8.5.1. O que devo fazer? Preciso fazer algum download?

Fernando Lorenz

macmail@bragnet.com.br

O 8.5.1 tem a opção de mostrar coreano e várias outras línguas, mas não para digitar texto. Você precisa, realmente, usar o sistema coreano para realizar a tarefa.

Ops, dica errada

Gostaria de fazer um reparo. Na Macmania 55, na dica 24 (a primeira para o Quark), há um erro. A sequência sugerida **(⌘)F** faz surgir o Find/Change, e não Formats, cujo atalho correto é **(Shift)⌘F**. O "Gianttheadus nerdensis" que a escreveu devia estar com dor de cabeça :-). Por falar nisso, será que ele podia dizer como se copiam os ícones de tecla usados na matéria?

Ailton Santoro

ailton.f.santoro@br.eyi.com

Valeu a correção, Ailton. Os ícones são, na verdade, uma fonte feita pelo Tony (Teclado Magnético). Ele diz que em breve vai colocar todas as suas fontes para download em um site. Mas é bom esperar sentado, porque "em breve" por aqui tem um significado relativo...

Internet a cabo

Meu nome é Marcel, tenho 16 anos e sou macmaníaco desde os 12. Sou um velho assinante da Macmania e estou mandando este email para informar que aqui em Vitória (Cidade Sol), no Espírito Santo, nós temos um provedor (Interlink) baseado na plataforma Mac. Eles são um dos primeiros (se não forem os primeiros) a utilizar um sistema de Internet via cabo (transmissão da Internet por uma rede de TV a cabo de Vitória). Eu acho que, como um bom macmaníaco e como um fã da revista Macmania, gostaria de ler uma reportagem (quem sabe) falando dos Macs plugados em uma rede de TV a cabo, com velocidades muito mais rápidas que os modems comuns. A página na Web da Interlink é www.interlink.com.br. Quem sabe vocês não fazem uma reportagem entrando em contato com eles.

Marcel de Carvalho B. Pederzoli

marcelpederzoli@interlink.com.br

Uau! Mac com Internet a cabo? E aí, Marcel, é ultra-rápido mesmo? Já estamos preparando a reportagem. Alguém conhece outra experiência semelhante no Brasil?

Get Info

Editor: Heinar Maracy

Editores de Arte: Tony de Marco & Mario AV

Conselho Editorial: Caio Barra Costa, Carlos Freitas, Carlos Muti Randolph, Jean Boëchat, Luciano Ramalho, Marco Fadiga, Marcos Smirkoff, Oswaldo Bueno, Rainer Bockerhoff, Ricardo Tannus, Valter Harasaki

Gerência de Produção: Egly Dejullo

Gerência Comercial: Francisco Zito

Contato: Eliseu Simões Neto
Fonelfax (011) 253-0665 287-8078 284-6597

Gerência de Assinaturas: Rodrigo Medeiros
Fonelfax (011) 253-0665 287-8078 284-6597

Gerência Administrativa: Clécia de Paula

Fotógrafos: Andréx, J.C. França, Ricardo Teles, Hans Georg

Capa: Foto: Clício

Idéia: Egly Dejullo

Pbotoshop: Mario AV

Produção: Cláudia Tenório

Modelo: Eduardo Oliveira

Make-up: Marcia Lima

Sunga: Movimento (0800-814666)

Redatores: Márcio Nigro e Octavio Maron

Revisora: Danae Stephan

Assistente de Arte: Pavão

Colaboradores: Ale Moraes, Carlos Eduardo Witte, Carlos Ximenes, Daniel de Oliveira, David Drew Zingg, Dimitri Lee, Doca Corbet, Douglas Fernandes, Everton Barbosa, Gian Andrea Zelada, J.C. França, João Velho, Luiz F. Dias, Luiz Colombo, Marco Carillo, Mario Jorge Passos, Maurício Bussab, Néria Dejullo, Ricardo Cavallini, Ricardo Serpa, Silvia Richner, Silvio Almeida Jr., Tom B.

Fotolitos: Postscript

Impressão: Prol

Distribuição exclusiva para o Brasil:

Fernando Chingaglia Distribuidora S.A.
Rua Teodoro da Silva, 577 – CEP 20560-000
Rio de Janeiro – RJ – Fone: (021) 575-7766

Opiniões emitidas em artigos assinados não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.

Find...

Macmania é uma publicação mensal da Editora Bookmakers Ltda.

Rua Itatins, 95 – Aclimação
CEP 01533-040 – São Paulo/SP

Mande suas cartas, sugestões, dicas, dúvidas e reclamações para os nossos emails:

editor@macmania.com.br

arte@macmania.com.br

marketing@macmania.com.br

A Macmania surfa na Internet pela U-Net (0800-146070).

Macmania na Web: www.macmania.com.br

Índice

Cartas	4
Tid Bits	8
iMacmania	14
G3 Azul	16
Workshop: Toast	24
@Mac: browsers	30
Simpatips	37
Monitor Sony 210sf	38
Bê-A-Bá do Mac	40
Sharewares: PIMs	44
MacPRO	49
BEdit	54
FlashBack	58
Virtual Game Station	60
Dreamweaver	62
Ombudsmac	66



Juntando os SCSIs

O que acontece se eu ligar dois Macs pela saída SCSI? Eu já fiz de tudo (mesmo), e não consigo conectá-los pela porta da impressora usando AppleTalk. Help!

João Henrique Fernandes

jonnyl@altavista.net

O que acontece se você ligar dois Macs pelo SCSI? No máximo, um pau federal! O padrão SCSI não permite esse tipo de ligação. O AppleTalk é o único jeito (a não ser que os dois tenham porta Ethernet, mas esse não deve ser o caso). Cheque se o problema não está no cabo.

Microsoft x Mac OS

Não consigo instalar o Internet Explorer 4.5 no meu iMac, com Mac OS em português. Já fiz três downloads e, quando começo a instalação, aparece sempre o mesmo erro. Agradeceria se vocês me ajudassem.

Liquito

liquito@africanet.com.br

Tanto o Explorer quanto o Office dão problemas na instalação com o Mac OS em português, porque não encontram as pastas Extensions e System Folder. Parece que existe uma gambiarra pra fazer eles funcionarem, mas aqui ninguém conhece. Quem souber, mande a dica. Ganha camiseta.

Que que há com meu modem?

Tenho um Performa 6230CD com GeoPort e minha velocidade de conexão é de 19.200 bps, com o script Geoport/Express Modem da Apple. Andei olhando no site da Global Village e encontrei um script mais moderno, chamado "GV High Speed for ARA 2.0"; instalei o dito cujo no meu sistema 8.5.1 (cujo ARA é 3.x) e não consigo mais inicializar o GeoPort, que traz a seguinte mensagem (traduzida, pois o meu sistema é francês): "O arquivo Modem tem uma variável corrente impossível de tratar (-6027)."

Vitorio

vitorio@pro.via-rs.com.br

Atenção, pessoal! Global Village não é GeoPort nem vice-versa. São dois tipos diferentes de modem. O último script do GeoPort é o que vem com o Mac OS 8.0 (ou posterior), de 33,6 kbps. Se você não consegue atingir essa velocidade, a culpa é provavelmente da sua linha.

G3 horroroso

Terrível o design dos novos G3, parecem lancheiras do jardim de infância da minha filha! Por dentro, tudo bem, mas por fora... Ficarei com saudade dos sisudos Power Macs beges... Bem, tenho duas perguntas. Nos CDs de brinde que acompanham a MacFormat e a Macworld, vêm fontes a dar com pau. Porém, ao abrir algumas

delas para conferir o typeface e o corpo, dou de cara com barras verticais, uma letra capitular e... mais nada. Que mistério é esse? Outra pergunta: dias atrás notei (algo surpreso) que as impressionantes saídas de som do monitor do meu 6360 não emitem um pio! O som vem da parte de baixo da CPU! Existe alguma maneira tirar partido delas, ou são apenas enfeites?

Santoro Ailton

Ailton.F.Santoro@br.eui.com

Nem todas as fontes possuem todos os caracteres. Essas que você abriu, por exemplo, devem ter apenas as maiúsculas, por isso as minúsculas aparecem como barrinhas. Quanto ao som das caixas do monitor, você já experimentou conectá-lo à saída de som do Mac (com o desenho do falantezinho) usando o cabo que veio junto com o Mac (aquele com plugs de fone de ouvido em ambas as extremidades)?

Ai, meus dedos

Tenho uma dúvida sobre a matéria "Os tendões se rebelam", da edição 55 da Macmania. Eu tenho o costume de toda hora ficar estalando os dedos da mão. Isso causa alguma lesão? Trabalho com micro o dia inteiro.

Marcelo Costa

mcosta@logistech.com.br

O Departamento de Cultura Ortopédica Inútil informa: os estalos são produzidos pelas juntas, não pelos tendões. São decorrentes de bolhas que se formam no líquido sinovial, o lubrificante das juntas, que estouram sob a pressão e fazem o barulho. A menos que "toda bora" signifique uma vez por minuto ou mais, não vai causar lesão nos tendões. Mesmo assim, é aconselhável aprender a estalar os dedos puxando-os gentilmente, em vez de fazer isso dobrando-os. Isso sim, pode forçar os tendões... (dica do meu massagista japonês). O Márcio, aqui da redação, por exemplo, estala compulsivamente os dedos desde pequeno e nunca teve nenhum problema relacionado a isso.

Erro de memória

Sou leitor desta revista desde os seus primórdios e venho acompanhando o seu amadurecimento. Gostaria de chamar a atenção dos editores para uma informação que não está correta. A memória que o G3 novo (Yosemite) usa não é a mesma do iMac. A do iMac é igual à do PowerBook G3. Cheguei a tal conclusão porque já vi o

O Mac na mídia



Pai e filho mexendo juntos num computador? Acessando a Internet? Então só pode ser um Mac. Mas espera lá! Cadê os logos da maçã? Foram apagados no Photoshop, mas o mouse (sempre ele) dá a dica.

iMac e o Yosemite abertos na minha frente. Podemos concluir isso até mesmo a partir da foto da placa-mãe que está dentro da matéria. Estou gostando de ver que a revista está se tornando uma revista séria e já deixou a sua fase Hustler para trás. Acho que um cara que vai comprar um G3 para sua firma não pode chegar com uma revista cheia de mulheres seminuas e colocar em sua mesa! Não tenho nada contra, mas nunca vi isso numa Macworld, Mac User, MacAddict etc.

Clemente Gauer

cccwg@macbbs.com.br

OK. Atendendo a pedidos, nada de mulher seminua na capa desta edição. Aqui é o leitor quem manda.

Fato estranho na Macworld San Francisco

Gostaria de salientar algo que não vi comentado sobre o keynote do Steve Jobs durante a Macworld San Francisco no dia 5 de janeiro. Logo nos primeiros minutos da apresentação, no momento em que falava sobre os novos processadores PowerPC G3 de 300, 350 e 400 MHz, ele comentou que esses processadores serão fabricados pela "Motorola" e pela "Intel"; isso mesmo, eu ouvi nitidamente a palavra "Intel". No entanto, todas as reportagens sobre o evento citam o novo processador como sendo fabricado pela "Motorola" e pela "IBM". O que reforça minha teoria é que, no dia do evento, uma

matéria na área de informática do UOL falava também disso, que os novos processadores seriam feitos pela "Motorola" e pela "Intel". Afinal, estou delirando ou o que aconteceu?

Erick Castro

erickcastro@starnet.com.br

Se você ler de novo a nossa matéria sobre a Macworld, poderá constatar que esse fato foi mencionado no texto. Realmente, até mesmo os melhores CEOs interinos cometem erros. Ele disse Intel em vez de IBM, gerando uma grande confusão no meio jornalístico.

Cadê as fontes?

Instalei no meu 6230CD o ClarisWorks 5.0, após ter mudado do Mac OS 7.5.1 para o 8.1. O menu de fontes da nova versão não aparece mais com as fontes com a aparência própria de cada uma, como na versão anterior. Poderia me ajudar a resolver isso, por favor? Mais uma: o 8.5 rodaria bem no meu Performa?

Jean-Pierre Ryckebusch

ryckgil@uol.com.br

Para que a aparência das fontes volte, só é preciso habilitar a preferência "Show Fonts in Font Menu". O que deve ter acontecido é que, durante a instalação, o programa deve ter apagado as preferências anteriores. O 8.5 rodará bem se o seu Mac tiver pelo menos 32 MB de RAM.

Sumiço de itens no menu

Olá, como vão? Sou leitor assíduo e gostaria de saber qual o exemplar em que foi feita uma avaliação das várias marcas e modelos de scanners disponíveis no mercado. Outra pergunta: tenho um Mac 9500 com o 8.0 e percebi que no menu Special não estão habilitadas as seguintes funções: Erase Disk e Restart (elas nem sequer aparecem no menu), tão pouco o atalho **⌘F** para o Find (no menu File). Será algum control panel ou uma extensão desabilitada?

Iko Kasper

kmundos@uol.com.br

Foi na Macmania 46, já tá na bora de fazer outro teste. O seu Mac deve estar com os settings do Simple Finder. Selecione Edit ► Preferences no Finder e desligue a opção Simple Finder para ter todos os comandos de volta.

Fotógrafo indignado

Quero deixar clara a minha indignação com respeito à fotografia de capa desta edição. Sendo eu um humilde fotógrafo, tenho que me submeter às mais desvairadas idéias daquele que se auto-intitula "editor de arte" desta revista, o Tony, sob pena de não mais poder colaborar com a Macmania.

Digo "se auto-intitula" porque editor que se preze não cede aos caprichos femininos de produ-

toras de moda taradas que exigem a presença de homens semidesnudos na capa de uma respeitável revista de informática.

Esta não é a revista "G", os leitores não são boiolas e, se as leitoras querem ver homem pelado, que vão ao "Clube das Mulheres". Isso posto, devo acrescentar que me causou enorme repugnância a presença deste representante da raça humana quase pelado no meu estúdio, sem nenhum motivo aparente a não ser o de instigar os mais perversos instintos reprimidos da tal produtora (excelente profissional, baideuei).

Sendo eu profissional da área editorial há muito tempo, sei (assim como o Tony) que mulher bonita em capa de revista vende mais. Se estiver sem roupa, vende mais ainda. Não é uma mera opinião pessoal e machista, é fato comprovado por estatísticas honestas e sérias. Por este motivo, leitores, protestem!

Homem pelado na Macmania, nunca mais!

Clicio Barroso

www.clicio.com.br

Valei-me, minba Nossa Senhora do PostScript Error! Não se pode agradar a todos, mesmo. Primeiro foram as feministas, agora são os ma-

chistas a reclamar. Dá vontade de só fazer capa com caixote (hardware) daqui pra frente. Em tempo: render-se aos caprichos femininos não é defeito, é virtude.

Tony

Sistema véio de grátis

Poderiam me informar onde posso encontrar um set completo do System 7.1 para download? Explico: entre outros Macs (um 7600 e um PB 5300c), tenho um Mac Plus de estimação (comprado em 86 por US\$ 5500), ainda em uso. Como trabalho basicamente com texto, ele é bastante útil. Acabo, contudo, de perder o disco e o backup dos disquetes do sistema que necessito para formatar outro disco e reativá-lo.

Klaus R. Pereira

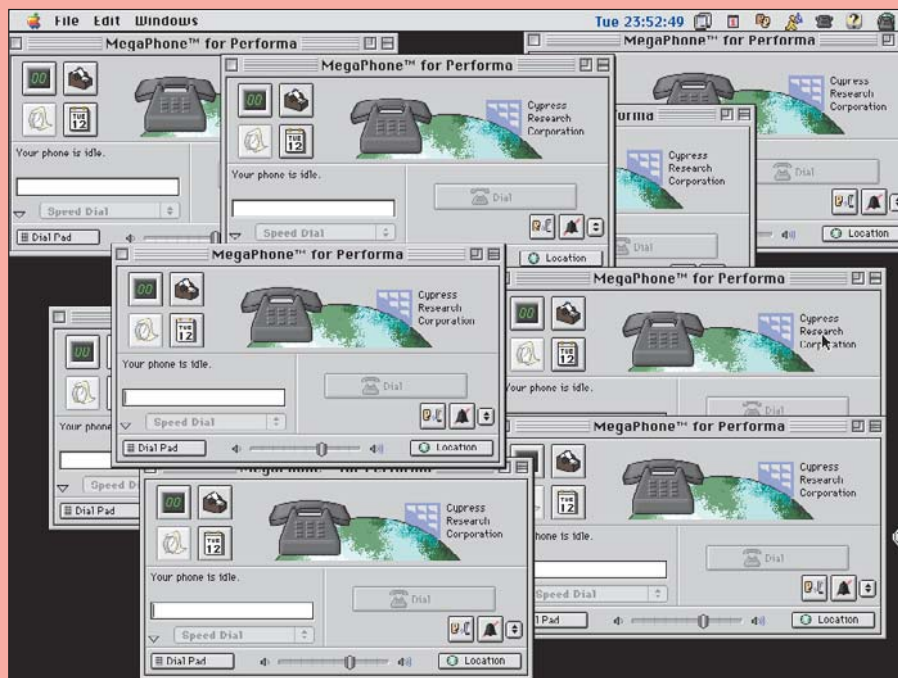
kdhome@uol.com.br

Experimente este endereço:

ftp://ftp.info.apple.com//Apple_Support_Area/Apple_Software_Updates/US/Macintosh/System/Older_System/

Nele você encontra o sistema 6, o 7.0, o update pro 7.1 e o 7.5, que acabou de ser liberado para download gratuito pela Apple.

Bomba do leitor



Essa eu chamo de Megabomb, em homenagem ao rei dos congelamentos: o MegaPhone for Performa. Essa maravilha de clonagem foi conseguida quando eu voltei ao computador depois de um tempo distante. A proteção de tela do On Guard (On Screen) estava ativada e, ao acionar o mouse, a tela continuou preta, não me permitindo ver a área de trabalho. Comecei a mover a

janela do MegaPhone e o resultado que consegui foi esse. A tela só voltou ao normal quando abri uma janela de um dos Control Panels através do Apple Menu e a usei pra apagar o erro, movendo-a como se fosse uma borracha. Pelo menos funcionou, né?

Fábio Freitas Figueiredo

fabioff@ruralrj.com.br



Crise? Que crise?

Apesar da desvalorização do real, Apple Brasil espera crescimento em 99

Hans Georg

A desvalorização meteórica do real frente ao dólar em janeiro último abalou fortemente a indústria de informática. Com um modelo de negócio quase totalmente baseado na importação de componentes montados em “fábricas” nacionais, a indústria viu sua composição de preços explodir e suas vendas caírem de uma hora para a outra. Dentro desse cenário, a Apple, que importa não apenas componentes, mas máquinas completas, deveria estar muito preocupada com seu desempenho este ano, certo? Errado. “Pretendemos continuar aumentando nossa participação no mercado este ano”, diz Luciano Kubrusly, diretor geral da Apple Brasil. Segundo ele, a Apple pretende ampliar suas vendas reestruturando sua rede de revendas no país, priorizando mercados ainda considerados “virgens” pela empresa. “São Paulo já é um mercado um tanto saturado, mas ainda podemos crescer bastante em outros estados, dando condições às revendas locais para que elas possam oferecer melhor suporte e

atendimento.”

Para Kubrusly, a crise no mercado de informática não deverá afetar tão fortemente o mundo Mac. “A Apple foi a única empresa que manteve os mesmos preços após a alta do dólar. Hoje o iMac vendido no Brasil tem o mesmo preço em dólar que o vendido nos EUA. Além disso, temos grandes lançamentos programados para este ano, que irão manter nossa competitividade em relação à concorrência.”

Dólar Apple

Uma das estratégias da Apple em relação à nova conjuntura econômica é a criação de um “Dólar Apple”, abaixo da cotação do dólar oficial, que será fixado no começo



Valdete Sena, diretora da MacWorld, crê que o mercado de Mac não sofrerá tanto, graças à política de preços da Apple

de cada mês e mantido até o mês seguinte. Para fevereiro, por exemplo, a Apple estipulou um dólar a R\$ 1,70 para máquinas desktop e R\$ 1,45 para PowerBooks.

Bom momento

“A crise do real aconteceu num ótimo momento para a Apple”, diz Fernando Perfeito, gerente de produtos Apple da SED Magna, distribuidora Apple. “As revendas estão com um bom estoque de iMac com o preço antigo, e a transição de linha deve estimular as vendas nos próximos meses.” Perfeito acredita que, apesar das novas máquinas chegarem mais caras em real, o canal de vendas não deverá entrar em crise por causa disso. “O volume de vendas deve diminuir, mas o faturamento não deve ser tão afetado, porque as máquinas estão com um preço mais alto.” Para Perfeito,

o cliente tradicional Apple (agências de propaganda e bureaus de editoração eletrônica) vai continuar comprando Macs mesmo com a alta do dólar, devendo repassar o aumento de custos em seus produtos. “O mais difícil será atrair novos usuários para a plataforma, como vinha acontecendo com o iMac.” Já Valdete Sena, diretora da revenda MacWorld, pensa diferente. “As vendas caíram bastante, 40% em média. Os clientes estão retardando suas compras, a incerteza em relação ao futuro do dólar tem deixado todos com um pé atrás. Por outro lado, as máquinas atuais (o iMac original e os G3 bege) estão bastante competitivos. Temos que reconhecer que a Apple fez um bom trabalho segurando o preço do dólar para as revendas, que acabaram sendo menos prejudicadas pela crise.”

Não é o G3 que está caro...

Compare o preço dos Macs no Brasil nos últimos anos

Período	Modelo	Preço (US\$)
Abril de 94	8100 de 80 MHz	8.100
Novembro de 96	9500 de 200 MHz	8.200
Agosto de 97	9600 de 350 MHz	8.000
Novembro de 97	G3 de 266 MHz, minitorre	5.000
Novembro de 98	G3 de 333 MHz	5.000
Janeiro de 99	G3 de 333 MHz	4.000

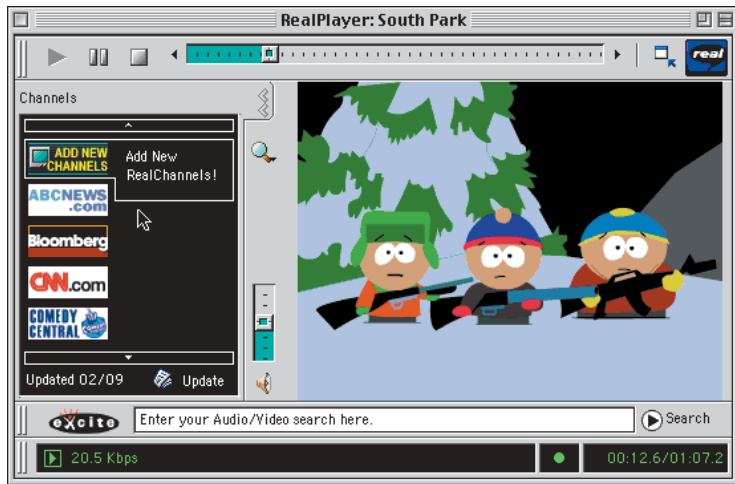
RealPlayer G2 sai para Mac

Já está disponível no site da Real Networks a versão beta para Mac do novo **RealPlayer G2**, programa que recebe transmissões de vídeo e áudio ao vivo pela Internet. Com ele é possível assistir a um número cada vez maior de eventos ao vivo,

do desfile da grife de lingerie Victoria's Secret ao discurso de abertura da Macworld, feito por Steve Jobs. De novidade, o G2 traz maior velocidade que a versão anterior e uma interface revista e melhorada. Tem ferramenta de

busca e permite adicionar ou tirar canais de notícias, música, entretenimento ou estações de rádio, salvando os links no próprio programa e eliminando a necessidade de abrir a página no browser toda vez que você quiser se conectar a um site com transmissão ao vivo.

Lançado com grande atraso (a versão PC do G2 já existe há meses), o beta para Mac não é muito confiável: toca clips de som com estranhas interrupções e até trava o Mac. Em caso de pau no G2 beta, é possível continuar usando a versão anterior do RealPlayer (5.0), que é mais pobre mas funciona direitinho. **RealNetworks:** www.real.com



Desligue a sua TV e assista a tudo pela janelinha do RealPlayer

Carracho, o Hotline alemão

Um software alemão com um nome que mais parece espanhol chegou como uma alternativa para o já conhecido Hotline. O **Carracho** faz basicamente a mesma coisa que seu concorrente, oferecendo recursos de chat, newsgroup, download e upload de arquivos em um protocolo bastante eficiente que permite continuar downloads interrompidos pela queda da conexão.

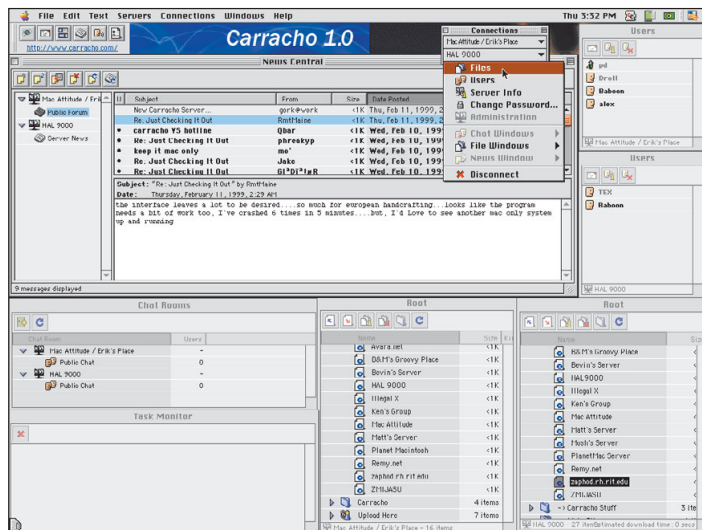
Fácil demais

A vantagem do Carracho (que, segundo alguns, deveria mudar de nome urgentemente) é que ele possui uma interface muito mais amigável e ainda permite conexões com mais de um servidor ao mesmo tempo. Ao contrário do Hotline, não é necessário abrir uma janela para cada diretório, uma vez que todos os arquivos estão reunidos em uma janela igualzinha ao estilo lista do Finder, o que realmente é muito mais prático. Fora isso, o programa está

completamente integrado ao Mac OS 8.5, enquanto o Hotline ainda mantém a mesma interface desde quando foi lançado. Por outro lado, a desvantagem do Carracho é que ainda não existem muitos servidores utilizando seu protocolo, e

a ferramenta de tracker, que permite encontrar servidores ativos, ainda não foi lançada. De qualquer maneira, tem um futuro promissor pela frente.

Carracho Communications: www.carracho.com



Apesar do nome esquisito, o Carracho é um programinha legal

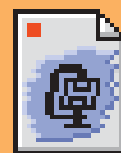
Linux sem partição

Para quem quer testar o Linux mas não quer fazer uma partição de disco só por esse motivo, a solução é usar o **LinuxPPC Live 4.0**. Lançado pela LinuxPPC, o produto combina uma imagem de disco Linux com o BootX, utilitário que permite iniciar o Linux a partir do próprio Mac OS sem ter que restartar. Essa configuração do Linux, de 105 MB, também incorpora o K Desktop Environment, uma interface gráfica para lançar aplicações e manipular arquivos. Tudo isso de graça.

LinuxPPC: www.linuxppc.com

StuffIt 5.1 encara arquivos zipados

A Aladdin promete boas novidades para o **StuffIt Expander 5.1**, que deverá decodificar arquivos em formatos de PC (UUEncoding e Zip) e ter performance até duas vezes mais rápida que a da versão 5.0. O programa também procurará automaticamente aplicações auxiliares (helper applications) para os arquivos que não suportar. Seria uma resposta ao MindExpander da MindVision (ver edição passada)? A concorrência, afinal,



faz bem para os usuários.

Aladdin: www.aladdinsys.com

O ponto vermelho mostra que o arquivo é de StuffIt 5.0

Som surround no seu Macintosh

A Apple anunciou o licenciamento de várias tecnologias de software de áudio do **Spatializer Audio Laboratories**. O acordo cobre três tecnologias que criam a ilusão auditiva de som surround e sons em pontos específicos de um espaço tridimensional, utilizando apenas dois alto-falantes, além de outra tecnologia para melhorar a percepção de áudio de baixa frequência para todos os tipos de caixas acústicas. É claro que, com esse acordo, é bem possível que os jogos de computadores fiquem bem mais interessantes.

Apple: www.apple.com/pr/libary/1999/jan/19spatializer.html

Bug do milênio nos Macs?

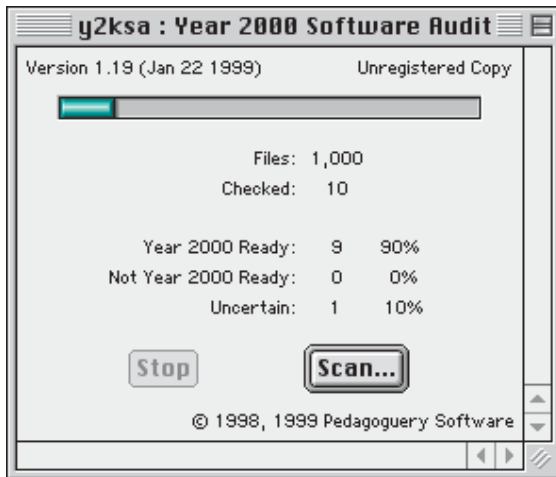
O Y2KSA faz uma auditoria em seus arquivos

Bastou a Apple dizer em anúncios de TV que os Macs são imunes ao bug do milênio para aparecer alguém dizendo que não é bem assim.

A Pedagoguery Software, de Toronto, Canadá, descobriu que alguns programadores incorporaram inadvertidamente o bug do milênio em softwares criados antes de 1991.

A empresa lançou o **Year 2000 Software Audit**, ou Y2KSA, um programa que testa os

arquivos de seu disco rígido, programas, painéis de controle, extensões e outros arquivos que contenham códigos que possam apre-



Esse é o programa que detecta o bug em arquivos de Mac

gramas de Mac deverão funcionar perfeitamente. Porém, arquivos que contenham datas podem ser seriamente prejudicados. Isso ocorrerá devido ao padrão de data do Mac OS, o "StringToDate", que atualmente interpreta 89 como 1989. No ano que vem, 89 será interpretado como 2089; logo, os aplicativos que usam o "StringToDate" começarão a apresentar problemas no primeiro dia de janeiro de 2000.

sentar problemas no ano 2000.

A Pedagoguery Software interpreta a situação da seguinte forma: depois do ano 2000 todos os pro-

Apesar da dúvida, a própria Pedagoguery Software acredita que os Macs estão livres dos efeitos catastróficos do bug.

A volta do Palace

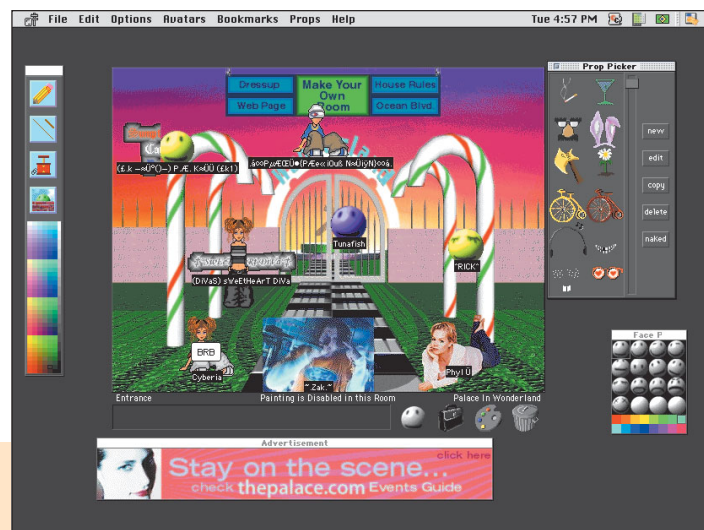
Escolha seu avatar e grite: "Oh my God, they killed Kenny!"

O **The Palace 3.0** é uma sala de chat no sentido mais literal da expressão, oferecendo um ambiente que realmente simula uma sala (pode ser uma paisagem qualquer, na verdade) onde as pessoas podem assumir figuras humanas ou então de criaturas (você pode definir seu próprio "avatar", sua representação online), que falam através de balões iguais aos das histórias em quadrinhos. Cada servidor do Palace tem seu próprio tema, sendo que cada operador pode definir a decoração da sala e as portas que você usará para movimentar-se de um lugar a outro. O interessante é que o Palace permite deixar as conversas bem mais próximas de uma experiência real, apesar de ser ainda

virtual, permitindo mover seu avatar para perto das pessoas com quem quer conversar. O único problema é que, em algumas salas muito cheias ou com muitos gráficos, a conexão pode ficar lenta demais (devido à lentidão de nossas linhas) e você pode não conse-

guir acompanhar o que as pessoas estão falando. Quem tiver modem mais lento pode visitar o servidor dedicado exclusivamente ao desenho South Park (palace://southpark.thepalace.com), onde os gráficos são mais rápidos de baixar.

The Palace: www.thepalace.com



The Palace é o chat para quem não curte chat

A ameaça do vírus falso

Se você ouvir falar de um novo vírus de Mac chamado **mysound**, esqueça. Há pouco tempo surgiu um boato sobre esse vírus, supostamente perigosíssimo, capaz de destruir seu System Folder bem devagarinho e capaz de se renomear sozinho para "mysound1" ou "mysound2".

Encontrado pela primeira vez em Macs com o programa UMAX VistaScan versão 1.13, que vem junto com o scanner Umax Astra 610S, o tal vírus criaria um misterioso arquivo com o nome "mysound" na pasta do sistema. Antes do pânico se espalhar, um usuário mais esperto tentou abrir esse arquivo em um programa de áudio e descobriu que era mesmo um arquivo de som, fato confirmado pela Umax. Ele era resultado de uma função mal implementada do programa de scanner, que foi retirada das versões posteriores do software.

E já tinha gente aconselhando aos usuários que encontrassem o arquivo "mysound" a reformatar o disco!

Quem está usando a minha CPU?

O **Peek-a-Boo 1.4** (US\$ 20), da Clarkwood, é um shareware que permite descobrir quanto uma aplicação está consumindo da memória e da CPU.

O programa mostra uma lista com todas os programas abertos, incluindo informações como uso da CPU e da memória, entre outras possibilidades. Para uma medição mais acurada, talvez você queira também baixar o **Null 1.0**, da ClearWays, um utilitário freeware que "suga" os ciclos de CPU não utilizados que acabariam sendo direcionados para outra aplicação aleatoriamente, gerando estatísticas pouco precisas do uso da CPU.

A nova versão do Peek-a-Boo possibilita que você determine manualmente a prioridade de uso da CPU de uma aplicação, como baixa, média ou alta.

Clarkwood Software: www.clarkwoodsoftware.com
Clearway: www.clearway.com

Acesse seu email de qualquer lugar

Viajantes que vivem carregando seus laptops de lá para cá só para ler seus emails precisam dar uma conferida no **JustMail 1.0**, da

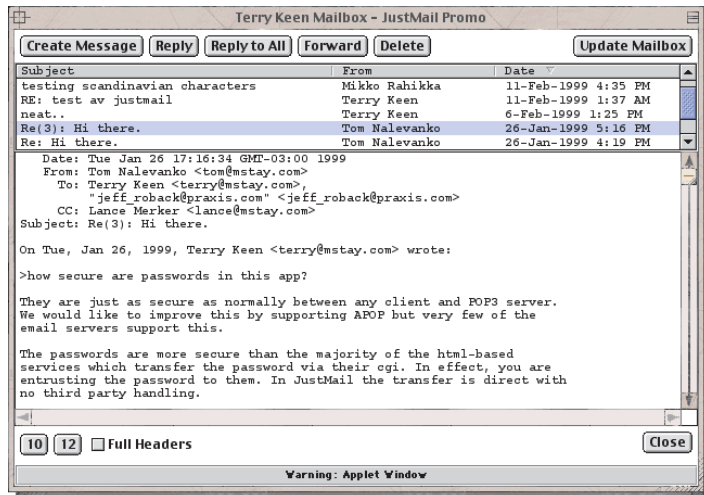
Mainstay. Trata-se de um cliente de email baseado em Java, que permite ler a correspondência em seu servidor POP e mandar mensagens

através do servidor SMTP a partir de qualquer browser de Web. Com isso, é possível ler seus emails no computador de um amigo, do escritório ou de qualquer outro lugar onde seja possível acessar a Internet. Para isso, é necessário instalar um applet Java em algum lugar de seu próprio servidor Web. Quando acessar essa página, o código com menos de 30 kB é baixado e executado na sua máquina local. Por esse motivo, o JustMail é mais rápido e seguro do que utilizar um serviço como o Hotmail, uma vez que a informação de autenticação e seu email não estão

Tão simples quanto sempre deveria ter sido

JUSTMAIL
Finite Web-based Email Access
Version 1.0 for Windows, Macintosh, Linux
Copyright © 1999 Mainstay

Name: Terry Keen
E-mail address: terry@mstay.com
Password: *****
Incoming mail (POP3) server: mail.mstay.com
Outgoing mail (SMTP) server: smtp.mstay.com
Buy It JustMail Promotional v1.01 Connect

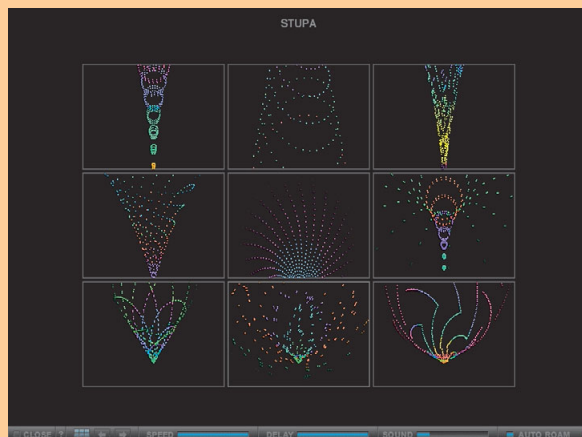


viajando pelo computador alheio. O único problema é que o programa requer que os seus servidores POP e SMTP estejam no mesmo endereço IP que está abrigando sua página Web, o que não é muito comum, pelo menos em grandes provedores. Bom, o download é gratuito.

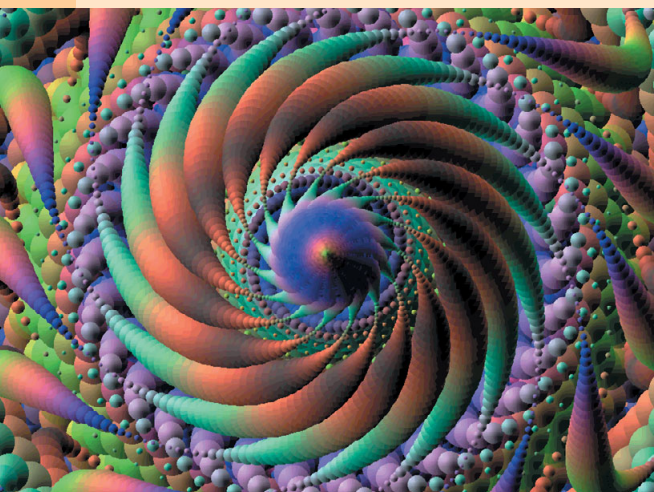
Mainstay:

www.mstay.com/jm10_ab1.html

Site do Momento



Pena que capturas de tela não podem ter movimento. O ClusterWorks Stupa (acima), um software comercial (disponível em CD), "sopra" pontos luminosos e emite sons harmônicos de acordo com o movimento do seu mouse. O SolidNirvana (abaixo) gera mandalas infinitas que não páram de girar em novas e estonteantes configurações



O artista do século 21

Arte na Web, ou melhor, para a Web é algo ainda incomum. Não, não estamos falando de museus virtuais ou coisas do tipo. O artista japonês **Hisashi Hoda**, ao que parece, enxerga a Web e o Mac como uma maneira eficiente de criar e divulgar o seu trabalho. O site de Hoda, **OnScreenArt**, é prova de que a Internet pode ser um meio de expressão artística. O site é literalmente uma viagem, no sentido mais psicodélico da palavra. Na página de abertura encontra-se um link para o **NetNirvana**, um lugar que leva o navegante a imagens com cores hipnotizantes e padrões abstratos em constante movimento (ou "luminescências", como o autor batizou), que chegam a dar a impressão de que o próprio monitor está balançando. Mágica? Java? Flash? Nada disso. Para que o **NetNirvana** funcione, é preciso baixar o **NetNirvana-Handler**, um software de 20 kB que possui versões para o Internet Explorer 4.0 e Navigator 3.0 ou superiores (só funciona no Mac). Esse pequeno aplicativo toma conta da paleta de cores do sistema operacional e, em background,

passa a mudar as cores das imagens GIF que estão nas páginas do **NetNirvana**. O usuário pode definir diferentes padrões de luminescências. Para interrompê-las ou continuá-las, é só clicar no botão Pause/Play no alto da página. As setas do teclado permitem acelerar ou desacelerar as luminescências e outras variáveis. A experiência fica ainda mais interessante com as luzes apagadas e com algum disco da fase inicial do Pink Floyd rolando, por exemplo. Outro software de Hoda (com versão PC) é o **ClusterWorks**, que anima nuvens de pontos coloridos e toca sons musicais que seguem os movimentos do mouse. É um dos programas mais difíceis de descrever e mais impressionantes do gênero "brinquedo visual". É possível ainda baixar o **DropDragon**, um protetor de tela freeware bem bacana, e também uma demo do CD **Nirvana Engine**, que contém várias obras de Hoda no estilo do **NetNirvana**, só que em tela cheia e milhões de cores. Vale conferir.

OnScreenArt: www.voyager.co.jp/OnScreenArt/OnScreenArt-e.html



Qual iMac eu compro?

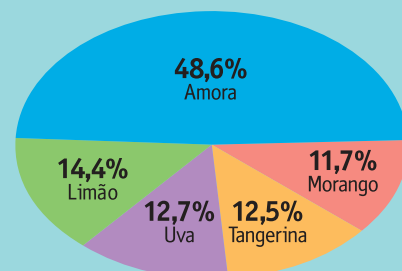
E stá aberta a temporada de caça ao iMac. Com o preço congelado e o dólar explodindo, nunca o pequeno G3 Bondi Blue esteve tão atraente por estas bandas. Pela primeira vez é possível comprar o iMac no Brasil por praticamente o mesmo preço que nos EUA (US\$ 990). Mas os estoques estão chegando ao fim, por isso é bom ficar esperto e comprar o seu o quanto antes. Os novos e lindos iMacs coloridos já estão pintando no mercado e, se por um lado trazem um processador mais veloz e mais disco, por outro devem chegar a um preço bem mais salgado, provavelmente acima de R\$ 3.000. O que pouca gente sabe é que na verdade não

existem dois, mas sim três modelos, ou melhor, revisões de iMac. Existe o iMac Classic (Revision A), o original, lançado em agosto de 98 nos EUA e que começou a ser vendido no Brasil em outubro. Em seguida veio o iMac Redo (Revision B), que nem chegou a aparecer por aqui, mas que traz mudanças significativas em relação ao primeiro. E, finalmente, temos os iMacs Multicolor (Revision C), lançados em janeiro deste ano. As principais diferenças entre o iMac original e o Revision B é que este último permite o restart apertando o botão frontal do iMac, tem mais memória de vídeo e uma versão mais atual do chip ATI RAGE. Cheque na tabela as diferenças entre as três versões.

	iMac Revision A	iMac Rev. B	iMac Rev. C
Sistema	Mac OS 8.1	Mac OS 8.5	Mac OS 8.5.1
Controlador gráfico	ATI RAGE IIC	ATI RAGE Pro	ATI RAGE Pro
Procedimento de restart forçado	Botão lateral (precisa de um clip de papel)	Botão frontal	Botão frontal
Firmware do modem	v2.1	v2.2	v2.2
Processador	G3, 233 MHz	G3, 233 MHz	G3, 266 MHz
RAM	32 MB SDRAM (expansível para 128 MB)	32 MB SDRAM (exp. para 256 MB)	32 MB SDRAM (exp. para 256 MB)
VRAM	2 MB SGRAM (expansível para 6MB)	6MB SGRAM	6 MB VRAM
Disco rígido	4 GB, IDE	4 GB, IDE	6 GB, IDE
CD-ROM	24x	24x	24x
Ethernet	10/100Base-T	10/100Base-T	10/100Base-T
Modem	56 kbps	56 kbps	56 kbps
Porta IrDA	4 Mbps	4 Mbps	Não possui

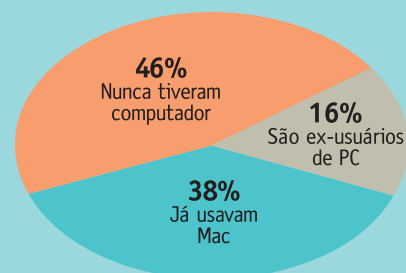
Qual é a sua cor de iMac favorita?

Vote no iMac da sua cor preferida no site da Macmania! Veja os resultados parciais até agora:



Macmania: www.macmania.com.br

IndiMac Quem são os usuários de iMac no Japão



Fonte: Apple

Adaptador põe seu iMac na rede AppleTalk

Muito bem. Você comprou seu iMac para fazer companhia a seu velho Mac de guerra que tantas alegrias lhe deu todos esses anos. Mas aí começam os problemas. Sua impressora LaserWriter não pode ser conectada ao iMac. Seu velho Mac não tem Ethernet e, portanto, não pode ser ligado ao iMac em rede. O que fazer? Felizmente, o que não falta é gente querendo solucionar os problemas dos milhares (a essa altura, provavelmente mais de milhão) de usuários de iMac. A Farallon, por exemplo, pegou seu velho conceito de bridge (ponte)



Ethernet/LocalTalk e o remodelou para a era iMac. E assim nasceu o **iPrint**. Custando cerca de US\$ 200 (no Brasil), o iPrint é um conversor de Ethernet para LocalTalk que permite ligar impressoras compatíveis com esse protocolo ao iMac utilizando aquelas caixinhas conhecidas como PhoneNet, que fazem rede LocalTalk com fios de telefone. O iPrint vem com dois cabos Ethernet (um crossed, para ligar o iMac direto a uma rede LocalTalk, e um normal, para ligar o iMac através de um hub). Vem também um cabo RJ-11 (tipo fio de telefone) e uma fonte de

força. A instalação é super plug & play. Basta conectar o iMac pela Ethernet de um lado do iPrint e a impressora do outro, via PhoneNet, e pronto. Seu iMac está em rede e pode imprimir usando drivers de impressoras LocalTalk.

Mil utilidades

Infelizmente, o iPrint não funciona com impressoras seriais, como as StyleWriters 1500 e 2500 e a Epson 600. Para essas, existem cabos especiais feitos pela Epson ou pela Belkin. A verdade é que o iPrint não precisa ser utilizado exclusivamente com o iMac. Serve para qualquer usuário que tenha o clássico problema de ter uma impressora LocalTalk para ligar em uma rede Ethernet. **M**

CD-R e regraváveis a caminho

Logo, logo haverá todos os periféricos de que precisamos para o iMac e os novos G3. No momento, estão sendo lançados dois modelos de drives CD-R/RW para permitir o backup de informações dos novos Macs diretamente em CD. O **USB CD-**

RW, da LaCie (ao lado), disponível na metade de março, oferece um gravador



2x2x6, ou seja, grava e regravando em 2x e lê em 6x. A empresa resolveu limitar a performance de gravação a 2x porque, a 4x, não haveria margem suficiente para outros dispositivos USB conectados ao mesmo bus trabalharem. Junto com o drive vêm alguns programas de gravação modificados, incluindo o Toast, da Adaptec. O produto é feito de plástico azul e traz um ponto em verde translúcido que acende quando o drive é ligado. O preço ainda não tinha sido divulgado até o fechamento desta edição.

O outro modelo é o **Que!, da QPS** (abaixo), que oferece performance de 4x2x8. Pelo fato de a gravação ser feita em 4x, ele pode acabar usando quase toda a capacidade de transferência do barramento USB. O Que! deverá ser lançado mais para o final de março, nas cores verde e branco translúcidos, mas a QPS também oferece um kit opcional para deixar o equipamento com a aparência dos novos sabores de iMac. Inclui o QPS CD Producer e o Toast. O preço é de US\$ 299 (nos EUA) e o kit custa US\$ 30.



LaCie: www.lacie.com

QPS: www.qps-inc.com

Controlador para Virtual Game Station

Não adianta: para jogar direito qualquer jogo de PlayStation no Mac (assim como outros jogos), você precisa de um joystick decente. Para facilitar as coisas para os usuários de iMac, a CH Products lançou o **USB Gamepad**



(US\$ 30, nos EUA), um controlador de game para portas USB com dez botões, design ergonômico e duas cores: preto e azul iMac. A empresa

garante que funciona muito bem com o Virtual Game Station da Connectix.

CH Products: www.chproducts.com

Nova câmera digital USB

As câmeras digitais estão a cada dia mais avançadas. Exemplo disso é a nova câmera da Ricoh. Destinada a usuários domésticos e aplicações semi-profissionais, a **RDC-5000** inclui zoom ótico de 2.3x, macro para regis-

trar objetos a até 3 cm de distância, capacidade de disparo contínuo, controle sobre o tempo de exposição e porta USB para permitir a conexão com o iMac. Outro recurso interessante é o timer embutido, que possibilita capturar imagens em intervalos regulares de 30 segundos até 3 horas. A câmera tem 8 MB de memória para o armazenamento de imagens e permite utilizar cartões SmartMedia de até 32 MB. Ela ainda inclui um monitor LCD de 1,8 polegadas e oferece resoluções de 1792 x 1200 e 896 x 600 pixels.

O formato de armazenamento é o JPEG.

Você quer conhecer a bicha? Pois é, nós também. A RDC-5000 só vai estar disponível em maio e, segundo a Ricoh, a preços competitivos (pelo menos nos EUA). Aguardemos.

Ricoh: www.ricohcpg.com

Restarte diferente

O que você acha de um pequeno botão que elimina aquele chato e penoso ritual de desentortar um clip de papel para resetar seu iMac Revision A? O **iMacButton** (US\$ 9.95)

dá um jeito nisso rapidamente. Ele é preso no buraco onde fica o reset do iMac e facilita bastante a ingrata tarefa de restarar à força



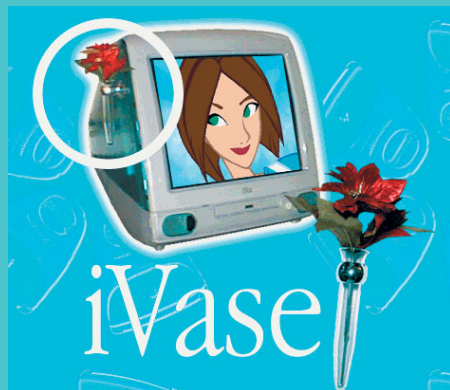
depois de um congelamento. Testado e aprovado nos laboratórios da Macmania.

iMacButton: www.imacbutton.com

i de iDiota?

O concurso "coisas inúteis com um i minúsculo na frente só pra vender para usuários de iMac" ganhou um sério concorrente.

O **iVase** (US\$ 9) é um pequeno vaso de flores, desenvolvido "especialmente" para o iMac. Ele é afixado à lateral do computador por meio de uma tecnologia própria de sucção por ventosa, criada na França. O vaso preso no iMac cria um espaço de fácil acesso para você armazenar uma iRosa ou uma iMargarida.



O produto é da Freeverse, a empresa que já nos agraciou com pérolas de software como Jared e Virtual Viagra.

Tudo ótimo, mas será que o iVase vai combinar com o sabor do meu iMac??? Sem problema: o iVase combina com qualquer um. Que a natureza esteja com você.

iVase: www.freeverse.com/ivase

Trouvãõ



AZUL

Os iMacs agora vêm em vários sabores: morango, uva, limão, tangerina e amora. Mas e os novos G3 azuis e brancos, que gosto têm? Por semelhança deveriam ser amora, como o iMac azul. Mas os novos G3 são muito mais saborosos e têm mais polpa que os compactos iMacs, mesmo não tendo uma aparência tão apetitosa, na opinião de alguns. Bonitos ou não, eles rompem de uma vez por todas com o passado bege da Apple e – sem exagero – abrem uma nova era para os computadores pessoais. Veja o que a Macmania descobriu num teste rigoroso com uma dessas máquinas de sonho.

Por Márcio Nigro e Mario AV

Não é uma bravata: inovação é a palavra de ordem do mestre Steve Jobs. Os novos G3 representam a continuidade do iMac, que por sua vez representa a cara da nova Apple: um empresa inovadora e arrojada (como em dias passados), num mundo povoado por PCs rançosos e sem imaginação. Era o que faltava para que o microcomputador finalmente alcançasse o status de eletrodoméstico popular (com direito a fila na frente da loja para comprar um iMac), que, além de ter diversas utilidades, pode combinar muito bem com o sofá da sua sala. Sem contar que vai ser o centro das atenções, pois não dá para ignorar a sua presença num ambiente, a menos que esteja escondido. Mas aparência não é tudo quando se fala das novas máquinas.

A velocidade é azul

Os G3 azuis são os primeiros Macs da linha "Estilo Jobs" que são capazes de satisfazer praticamente qualquer usuário profissional e também os gamemaníacos mais exigentes. Afinal, para os padrões atuais, é um monstro de desempenho e capacidade. O seu novo chip PowerPC de cobre roda a velocidades de 300 a 400 MHz, com muita eficiência elétrica, sem o problema de geração de calor que tem sido a praga dos Pentiums. Num só Mac cabem inimagináveis 100 GB de disco

interno (distribuídos em três HDs de 36 GB, que a IBM já terá lançado enquanto você lê este texto).

E, pasme, dá para instalar até 1 GB de RAM. A placa-mãe (motherboard) dispõe de quatro slots de memória RAM, mas só funciona com pentes PC100, um novo tipo de SDRAM de 168 pinos que roda na nova velocidade de barramento (bus) do sistema (100 MHz). O inconveniente

é que, por esse tipo de memória ser uma tecnologia em vias de padronização, o seu preço ainda está um tanto alto (um pente de 128 MB custa em torno de R\$ 400 e o de 256 por volta de R\$ 900). Mas os preços devem cair nos próximos meses.

Em relação ao modelo que substitui, o G3/300 bege, o Mac azul e branco com chip de 400 MHz tem performance até 30% superior, o que não é de se estranhar. Afinal, as velocidades de processador e de barramento foram aumentadas juntas, nessa mesma proporção.

Já o desempenho de disco subiu pelo menos 50%, de acordo com o software MacBench 5.0. Nada mau para um fator que atrapalha a maioria das funções mais frequentemente realizadas por qualquer usuário.

Usina de pixels

Mas é graficamente que o novo G3 de 400 MHz dá um salto impressionante. A inclusão da placa de vídeo ATI Rage de 128 bits, com incríveis 16 MB de SDRAM, garante uma performance de vídeo 95% maior do que a do antecessor bege e do iMac, que usam o chip ATI Rage de 64 bits (soldado na motherboard). Que tal trabalhar a uma resolução de 1152 x 870 pixels

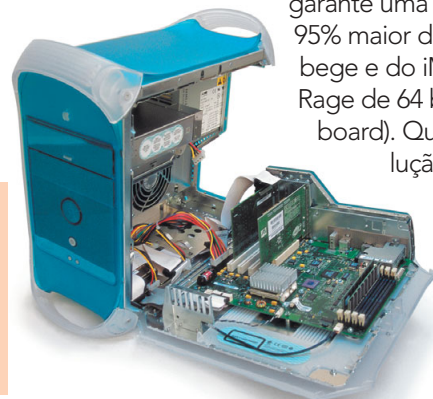
(isso se o seu monitor permitir) e milhões de cores? Que tal rodar um game cabeludo como o Unreal a 832 x 624 pixels (quatro vezes a definição de um



Ricardo Teles



Abra seu computador como se fosse um carro: tudo está à mão, mesmo com a máquina ligada





arcade), com milhões de cores, à velocidade de 30 imagens (frames) por segundo? Para os

gamemaniacos e profissionais de artes gráficas, é uma bênção.

A combinação de muita SGRAM com muita SDRAM é explosiva. Para começar, a rolagem (scroll) das janelas é até seis vezes mais rápida que no G3 bege. É o fim do efeito "janela-desenhando-na-tela-pouco-a-pouco", uma encheção histórica do Mac OS.

O desempenho 3D também impressiona. O nosso game de teste foi o Unreal, um jogo mais famoso pela sua extravagante exigência de hardware e visual suntuoso do que propriamente pela sua

qualidade como jogo (que é medíocre). Além de rodar decentemente no G3 azul, o Unreal tem um visual muito melhor, mesmo nas resoluções de tela usuais. Isso por causa dos efeitos ópticos adicionais, gerados pela nova placa de vídeo em acordo com o game. Todas as texturas são mapeadas de forma difusa, eliminando completamente os famosos pixelões quadrados que normalmente aparecem ao se chegar perto dos objetos. Além disso, as transparências (vidro, água) e reflexões (superfícies polidas) ganham fluidez e realismo fantásticos.

Design futurista

Para completar, o G3 azul tem um acabamento estético do tipo "ame ou odeie, mas não ignore". O chassi metálico

em aço escovado é coberto por painéis translúcidos de policarbonato (um plástico muito resistente, usado também no iMac) nas cores branco-leitoso e azul-turquesa. O azul (tanto no gabinete como no teclado e no mouse) é mais forte e menos esverdeado que o do iMac original. Uma característica curiosa desse azul é que ele não é capturado corretamente em nenhuma fotografia, seja de película ou digital; por alguma ironia ele sempre tende ao azul-anil nas fotos, obrigando a correções manuais no Photoshop. A textura do plástico é fosca, exceto no painel frontal e nas maçãs laterais, que são lisos e infelizmente tendem a riscar muito facilmente. O G3 azul é definitivamente bonito e original quando visto de lado. A simetria

Diferente de qualquer PC

Demorou anos, mas finalmente a traseira de um Power Mac é despolidada, simples e com os conectores seguindo uma disposição racional

Portas FireWire (IEEE 1394)

Porta ADB

Espaço para o modem interno

Ethernet

Portas USB

Entrada e saída de áudio

Saída de vídeo SVGA

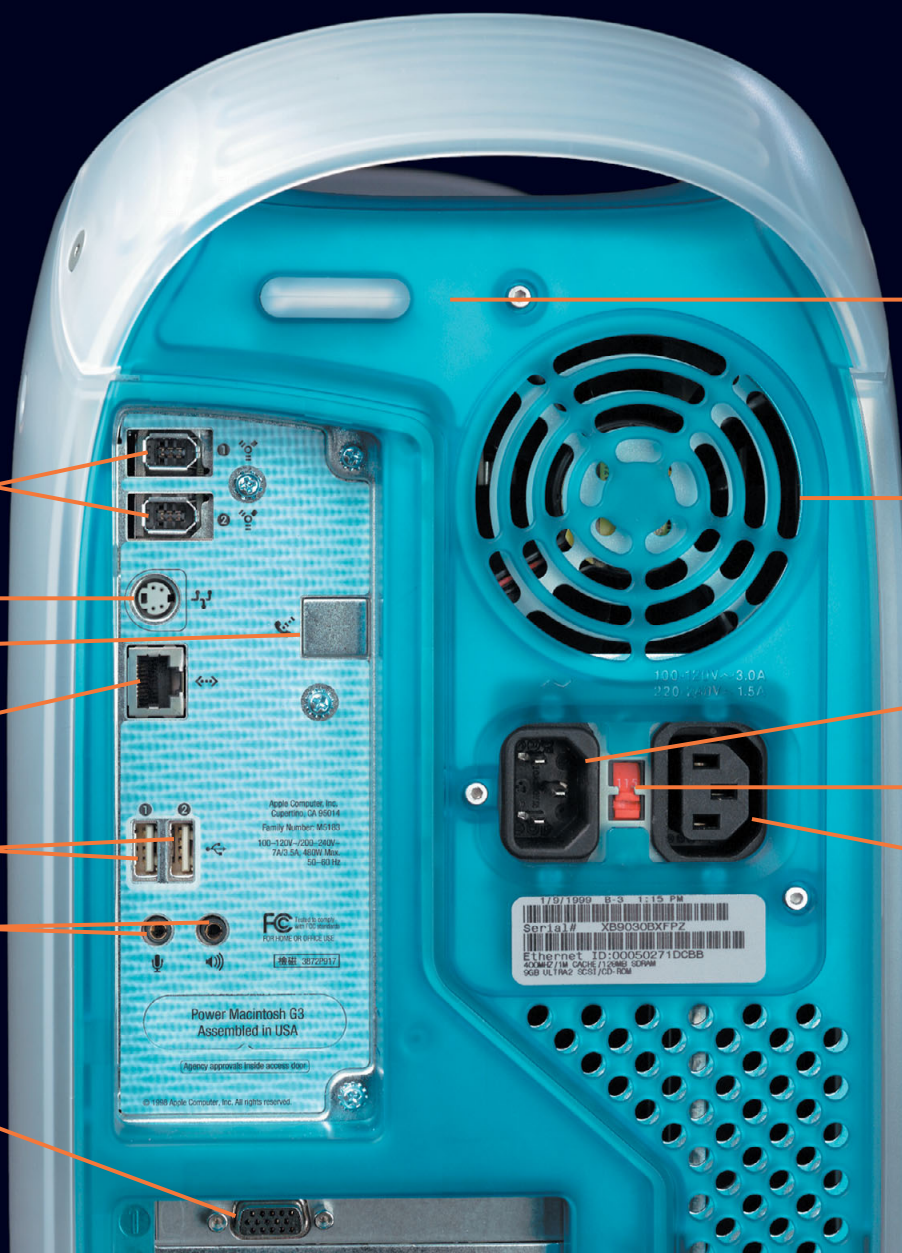
Trava da porta lateral

Ventoinha

Entrada de força

Seletor 115/230 V_{AC}

Saída auxiliar de força (não-chaveada)



quadrada com as alças nas extremidades e o enorme aplique com as letras "G3" em preto por trás do painel lateral são tão chocantes que seria um crime deixar esse Mac sob a sua mesa. Já a frente é um pouco cansativa, com a sua enfadonha simetria vertical, remanescente de máquinas anteriores (e bem menos inspiradas) como o 6400/6500.

SCSI aposentado

A incorporação da tecnologia FireWire é mais uma inovação da geração azul. Proporcionando taxas de transferência de até 400 Mbits, o FireWire veio para substituir diretamente a interface SCSI, que sempre foi padrão nas máquinas da Apple. As vantagens são óbvias: além da maior velocidade, suficiente para receber

diretamente imagens de câmeras de vídeo digitais, há a possibilidade de se conectar até 127 periféricos, inclusive outros computadores (e com tudo ligado), o fim do terminador e a capacidade do mesmo periférico ser conectado a mais de uma máquina. Além disso, os novos G3 trazem mais duas portas USB, permitindo conectar até 63 dispositivos que antes teriam que ser plugados nas extintas portas seriais. Pelo menos o conector ADB se salvou, para quem quiser usar teclado, mouse e tablet tradicionais (dá até para plugar dois mouses ou dois teclados, um no ADB e outro no USB). Como se tudo isso não fosse suficiente, os azulões já vêm de fábrica com Ethernet de 100 Mbits e Gigabit Ethernet como opcional.

Uma pergunta que certamente muitos estão se fazendo é: "O que eu vou fazer com todos os meus periféricos SCSI?" Não há motivo para desespero. A configuração que testamos (a mais cara) já veio com um dos slots PCI ocupado por um veloz controlador Ultra2 SCSI, acoplado a um drive Ultra2 LVD de 9 GB. As demais configurações vêm com um HD Ultra ATA de 6 ou 12 MB. Quem quiser continuar a usar o SCSI pode comprar da própria Apple uma placa SCSI-1 (cerca de R\$ 80) ou um adaptador SCSI/FireWire. Mas existem outras opções no mercado. A Orange Micro, por exemplo, lançou a linha Grappler, que usa os padrões SCSI-2 ou SCSI-3 (os Macs sempre utilizaram o SCSI-1). O modelo mais barato, a

Azul de alma bege?

O drive de CD do G3 azul é o mesmo do G3 bege, e nem há motivo para que fosse diferente, já que não teria cabimento fabricar uma variação transparente somente para combinar com o gabinete. O problema é que a solução inventada para adaptá-lo à frente do Mac encobre os controles frontais do CD player. Isso também ocorre nos Macs bege, só que no G3 azul ficou realmente descarado

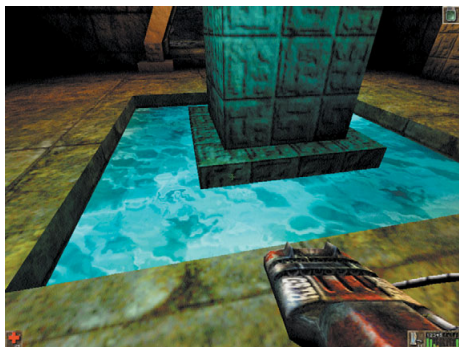
O único outro aspecto da construção do gabinete que desagradou foi o painel frontal liso, que risca muito facilmente





Grapppler SCSI 906F (US\$ 49, nos EUA), é uma placa Fast SCSI-2 que oferece performance de 10 MB

por segundo, o dobro do oferecido pelo SCSI original da Apple. Já a Grapppler SCSI 930U (US\$ 68) é para quem precisa conectar periféricos padrões como HDs, scanners e drives Jaz e Zip. Utiliza o padrão SCSI-3 e transfere dados a 20 MB/s. O topo de linha é a Grapppler SCSI 940UW (US\$ 149), dispositivo Ultra Wide SCSI-3 com transferência de dados de 40 MB/s. Indicado para quem usa discos de 7.200 ou 10.000 RPM ou configurações RAID, por exemplo. Para quem precisa de ainda mais performance, outra opção é a Adaptec 2940U2, que pode suportar diferentes sabores de SCSI através de seu design Speedflex. Essa interface é compatível até com a Ultra Wide SCSI-3, com taxas de transferência de 160 MB/s.



Infelizmente, não dá para capturar telas do Unreal a 32 bits, mas a 16 bits a diferença já se faz notar. As texturas são suaves (abaixo) e as ondulações da água, perfeitamente críveis (acima). Sem falar na fluidez: na resolução destas telas, o jogo roda a 20-30 frames por segundo



A única questão para quem pretende upgradear para o Ultra2 SCSI é que não é uma boa idéia misturar dispositivos de várias gerações, com cabos, conectores, terminadores e velocidades diferentes. Além disso ser uma fonte de bombas, os dispositivos mais antigos (e mais lentos) diminuirão a velocidade da cadeia inteira. Para dar uma sobrevida aos seus HDs velhos, você pode quebrar o galho com uma controladora SCSI-1 e desde já passar a investir em FireWire.

"Tá certo; e o que eu faço com o meu modem, impressoras e tudo que usa as portas seriais?" Bem, aí a solução seria mesmo passar tudo para a frente e ir atrás de periféricos USB ou FireWire. Mas isso é pouco realista, já que dinheiro não cai do céu, e também porque ainda não existe uma grande oferta de dispositivos USB no mercado (de FireWire, então, nem se fala). Uma boa solução é comprar adaptadores USB/porta serial, como os da Farallon ou da Griffin.

Entre sem bater

Se você já achava os gabinetes dos Power Macs 8600 ou do 9600 amigáveis e fáceis de abrir, espere até botar a mão num dos novos G3.

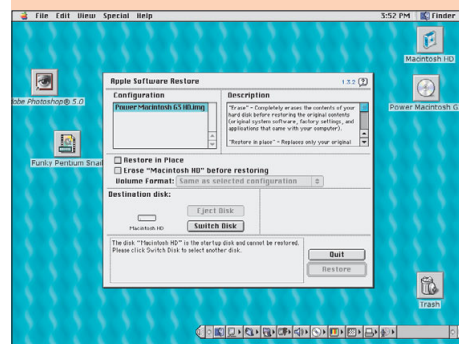
É só enfiar o dedo na abertura redonda da maçaneta embutida no lado direito, puxar a maçaneta e pronto: a lateral inteira bascula, dando acesso total ao interior do Mac. Nunca foi tão simples abrir um computador.

A motherboard fica presa à porta e é ligada ao resto do hardware por cabos flexíveis. Ou seja, até dá para abrir a

máquina ligada, apesar de não ser recomendável. A Apple realmente se preocupou com a parte interna das máquinas e até adicionou plástico reforçado embaixo dos pontos da motherboard que podem sofrer maior pressão, mais especificamente onde ficam os slots de RAM e PCI. Na parte inferior do gabinete encontra-se o disco ATA, numa ban-



O CD do G3 azul não é muito diferente do anterior. Engraçado mesmo é o fundo de tela criado exclusivamente para ele, com um padrão de nome Lollipop (pirulito), semelhante ao dos adesivos holográficos



deja de metal onde se encaixam facilmente mais dois HDs. Para fazer isso, basta soltar um único parafuso, desconectar os cabos de força e de dados e deslizar a bandeja. Coloque o drive adicional em qualquer um dos espaços livres numerados, aparafuse-o, ponha a bandeja no lugar e plugue o drive. Os dois cabos de força já vêm incluídos, mas o de dados é por sua conta. Assim como o iMac, os G3 azules aboliram o drive de disquete. Nem mesmo o Zip foi incluído como padrão, à exceção de uma das quatro configurações básicas. De qualquer maneira, existe uma baia livre logo abaixo do CD ou DVD (uma das configurações vem de fábrica com DVD), para quem quiser colocar um Zip ou algo do gênero. Outra característica importada do iMac foi a transferência da ROM da motherboard para uma memória RAM. Quando você liga um G3

novo, pode notar uma pausa significativa com a tela em cinza enquanto a ROM de 3,2 MB está sendo carregada.

Nas pontas dos dedos

O teclado do novo G3 é o mesmo do iMac, o que significa que as teclas ficaram um pouco mais apertadas e várias delas foram dispensadas – algumas bem úteis, como as de **Option** e **Control** do lado direito, **Del** (Delete para a frente), **Home**, **End** e **F13** a **F15**. Muitos game-maniacos reclamaram que as setinhas do teclado ficaram pequenas e próximas demais, dificultando seu uso nos jogos. Quem também não gostou do minúsculo mouse lançado com o iMac pode ir se preparando para comprar outro, ou

então acostumar-se a usar somente as pontas dos dedos para controlá-lo. Felizmente, a venerável porta ADB ainda existe, permitindo que você continue usando os feios mas confortáveis teclado e mouse da geração bege. Diferentemente do iMac, o novo G3 inclui no painel frontal o botão de reset e o botão do programador (muitos modelos anteriores de Macintosh já tinham esses botões).

Nostalgia bege

Embora tenha um design sofisticado, com as já famosas quatro alças e o azul translúcido, ainda restam resíduos da fase anterior da tecnologia. Ao apertar o botão para ejetar o CD-ROM ou DVD, a

frente azul se inclina para fora e o que aparece no interior é um drive bege comum, que nada tem a ver com a elegância do G3. A idéia da Apple é que não se justificaria encarecer o computador criando para ele um drive de CD exclusivo, fora do padrão da indústria. Ou seja, o deslize estético é totalmente perdoável do ponto de vista funcional. Por outro lado, a portinha azul do drive bloqueia o conector e o controle de volume do fone de ouvido do CD player. Alguns usuários até já reclamaram que essa portinha ocasionalmente não abre, obrigando-os a recorrer a um clip de papel, unha ou chave de fenda para libertar o CD. Uma falha de design que torcemos para que seja revisada.

Benchmania: G3 azul nos força a revisar os testes

Passamos por apuros ao fazer os testes de desempenho no G3 de 400 MHz. Ele simplesmente é rápido demais. Alguns dos tempos cronometrados são tão curtos que tornam-se imprecisos para fins de comparação com outros modelos. Assim, criamos uma nova bateria de testes do Adobe Photoshop.

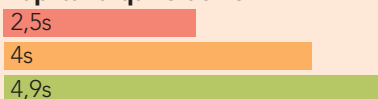
Para dar uma boa idéia do significado dos valores medidos, executamos as operações mais comuns do programa sobre uma imagem do tamanho exato de uma página desta revista: 21 x 28 cm a 300 dpi em CMYK, o que dá 31,3 MB de arquivo. Quem já mexeu com o programa num Mac bege sabe que isso não

é pouco. O Photoshop usado foi o 5.0, com 100 MB de memória RAM alocada. Os resultados na vida real são ainda mais expressivos que os obtidos com benchmarks "abstratos": o G3 azul executa várias operações comuns de imagem ao dobro da velocidade do G3 bege. Às vezes a barra de progresso nem

mesmo aparece na tela. Outra atividade comum que exige muito do processador é a compressão de músicas no formato MP3. Os números representam a relação entre o tempo que o compressor Mpecker leva para comprimir uma música direto de um CD para um arquivo de 160 kbps e a duração da música.

Finder

Duplicar arquivo de 10 MB



Duplicar arquivo de 20 MB



Duplicar arquivo de 40 MB



Photoshop

Converter de RGB para CMYK



Rotate Canvas 90°



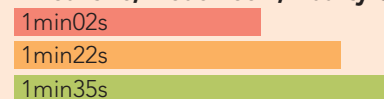
Unsharp Mask: intensidade 100, 1 pixel, threshold 0



Gaussian Blur: 5 pixels



Radial Blur: Amount 10, Mode Zoom, Quality Good



MP3

Comprimir música no MPecker 1.0 para 160 kbps



Barras mais curtas indicam maior desempenho

- G3/400 (azul) com 256 MB de RAM
- G3/266 (bege) com 160 MB de RAM
- 8600/300 com 100 MB de RAM



Uma limitação que com certeza desagradará aos profissionais que mexem com vídeo e áudio

digital é o número de slots PCI. São quatro ao todo. Um deles já vem ocupado pela placa de vídeo ATI. Sobram três. Se você optar por adicionar um controlador SCSI (o que é bem provável), restam apenas dois preciosos slots. É pouco, muito pouco. Qualquer estúdio de gravação de áudio digital profissional vai ocupar de cara esses dois slots e não vai ter para onde expandir, a menos, é claro, que abdique da interface SCSI, já que não poderá tirar a placa ATI (que, por sinal, vai bem além das necessidades de um profissional de áudio). Para esses, a resposta da Apple é que procurem chassis externos de expansão PCI, como o da ProMax, com sete slots. A Digidesign, um dos principais fabri-

cantes de sistemas de áudio digital, está recomendando a seus clientes que não comprem os G3 azuis, pelo menos por enquanto. A empresa afirma que mudanças de arquitetura, como a falta do drive de disquete (utilizado na instalação de seus programas), portas seriais e SCSI, podem comprometer o funcionamento de seus equipamentos. O fim mais que tardio da lenda e eternamente bugada porta de rede LocalTalk representa a consolidação da Ethernet como única opção. Ao contrário do que aconteceu nos primeiros G3 beges, cujo driver Ethernet original simplesmente não funcionava, o nosso G3 azul de saída conversou bem com outras máquinas, tendo puxado de uma rede Unix um documento de 236 MB em 1 minuto e 29 segundos. A interface até detecta automaticamente se ela está conectada numa rede 10Base-T ou 100Base-T, sem qualquer intervenção do usuário.

O modem interno não existia na configuração testada, mas a documentação informa tratar-se de uma placa de 56 kbps, compatível com os padrões V.90 e K56flex (o que no atual estado das comunicações no Brasil ainda está longe de poder ser plenamente usufruído pelos mortais comuns). Quem vai surfar a Internet com o G3 azul precisa adquirir esse modem, pois não existe mais porta serial para plugar um modem externo. O problema é que o modem interno estava em falta até o fechamento desta edição; você pode ter que esperar para adquiri-lo em separado. Quanto ao software, o desempenho do Photoshop 5 foi tão agradável como seria de esperar de uma máquina desse calibre (leia o box "Benchmania"). Também foram perfeitas a qualidade e fluidez da imagem ao rodar Unreal, um jogo capaz de pôr de joelhos qualquer circuito de vídeo – exceto o novo ATI de

FireWire: a rapidez que vicia

A interface FireWire foi desenvolvida por engenheiros da Apple no início da década de 90, primeiro para ser uma substituta do ADB, depois como um modo barato de interligar computadores e aparelhos de áudio e vídeo. Originalmente, previa velocidades de 25 e 50 Mb/s. A velocidade, superdimensionada para a época, e o desinteresse da diretoria da Apple impediram sua utilização imediata. Mas um grupo de interessados prosseguiu o seu desenvolvimento. A velocidade foi dobrando até atingir 400 Mb/s. Nessa forma, o padrão foi certificado como IEEE 1394 em 1995. Depois disso, despertou a atenção de fabricantes como a Sony para uso em suas filmadoras de vídeo digital. Acaba de ser aprovada uma revisão do padrão, IEEE 1394.a, que resolve várias ambigüidades da definição original. A revisão 1394.b, que está em estudo, prevê velocidades ainda maiores: até 3.2 Gb/s! Além disso, uma associação de fabricantes liderada pela Yamaha aprovou um protocolo de transmissão de áudio que prevê mais de 100 canais e centenas de canais MIDI através de um único cabo FireWire. O padrão FireWire é uma interface serial com pares separados de fios para recepção e transmissão e um par opcional para alimentação; ele define o cabo e conectores, a topologia (como os

periféricos podem ser interligados) e o protocolo de transporte de dados. A velocidade pode ser de 100, 200 ou 400 Mb/s, e dispositivos de performances diferentes podem conviver sem problemas. Até 63 dispositivos podem ser interligados em série, e não há terminadores nem endereços físicos. Além disso, dispositivos podem ser conectados e desconectados a qualquer momento, mesmo durante o funcionamento. Notem que estou dizendo "dispositivos"; não há distinção entre computadores e periféricos. Os conectores são pequenos e robustos. O padrão normal é de seis pinos: dois de alimentação e 4 de dados. Alguns dispositivos, como filmadoras, não são alimentados pelo cabo e usam um conector ainda menor, de 4 pinos. O comprimento máximo do cabo é de 4,5 m. No laboratório, comprimentos maiores são possíveis usando cabos mais grossos ou velocidades menores. A tensão de alimentação é de 24 V e o consumo total dos dispositivos não pode ultrapassar 15 W. O protocolo define dois tipos de transferência de dados: síncrona e assíncrona. A transferência assíncrona é usada quando a temporização de dados não é crítica, como nos discos rígidos. Para transferir áudio e vídeo usa-se a transferência síncrona, que garante o

transporte de dados numa razão predefinida. Isso impede que sons e imagens sejam interrompidos ou distorcidos durante a transferência para a CPU. Por isso, o FireWire certamente vai ser o padrão de comunicação multimídia da próxima década. No momento estão disponíveis dúzias de modelos de filmadoras e alguns VCRs que usam FireWire. Há também discos rígidos, impressoras e scanners, bem como receptores de TV por satélite, sistemas de áudio profissionais, ilhas de edição de áudio/vídeo etc. A postura da Apple sobre o futuro do FireWire é controversa. A Sony e várias outras empresas pagaram uma licença fixa à Apple. Com a recente popularidade, a Apple está passando para um modelo de cobrança de royalties por porta instalada e tentando impor restrições sobre o uso da palavra "FireWire". Isso não foi bem recebido pela indústria em geral e vários fabricantes estão usando a denominação "IEEE 1394" ou nomes próprios, como o "i.Link" da Sony. Outros grupos estão tentando definir um padrão interoperável de 800 Mb/s, que contorna as patentes da Apple para fugir aos royalties, que consideram excessivos.

Rainer Brockerhoff

128 bits que vem no G3 azul. Mas, em se tratando de vídeo, nem tudo foi lindo. O Connectix Virtual Game Station (emulador de PlayStation) rodou lentamente ou se recusou a rodar vários games que não dão problema nenhum no iMac ou no G3 bege. O Quake, na sua configuração normal, limitou-se a exibir uma tela em preto. Ambos os paus não são de sistema, e sim devidos a erros na comunicação entre os softwares e a placa de vídeo. Enquanto não chegam novos drivers e updates que corrijam as falhas, elas são o preço a pagar por se ter a tecnologia mais avançada (e, conseqüentemente, menos debugada) do momento.

Mão no bolso

A essa altura você deve estar querendo saber qual é o preço dessas supermáquinas. Já avisamos: não espere preços de iMac. O modelo mais barato é o de 300 MHz, que custa US\$ 2.990 (a dolarização voltou!), incluindo 64 MB de RAM, disco Ultra ATAPI de 6 GB e 512 kB de cache. Em seguida vem o G3 de 350 MHz, que custa US\$ 3.780 e vem com 64 MB, 1 MB de cache, disco Ultra ATAPI de 6 GB e

um drive de DVD (os outros vêm com CD-ROM). O outro modelo de 350 MHz sai por US\$ 4.590 e traz 128 MB, disco Ultra ATAPI de 12 GB e Zip Drive. Já o G3 de 400 MHz, o modelo mais rápido da família, custa US\$ 5.490 e tem basicamente a mesma configuração do G3 de 350 MHz, mas sem o Zip e com disco Ultra2 SCSI de 9 GB.

Os monitores (obviamente) não estão incluídos nos preços. E, por falar nisso, os Macs G3 azuis passaram a utilizar o mesmo tipo de conector de monitor SVGA de 15 pinos usado pelos PCs. O curioso é que, se você quiser utilizar seu monitor de Mac da geração bege, terá que usar o adaptador que, felizmente,

vem incluído na caixa. No entanto, se não quiser ficar com um monitor fora de moda – e que nem combina com o sofá da sala – você vai ter que comprar um modelo da linha nova, que deve sair por algo a partir de US\$ 2 mil. Não é fácil andar na moda. **M**

Márcio Nigro

mnigro@magnet.com

É músico e acha um absurdo que todos os Macs lançados nos últimos anos tenham apenas três slots PCI livres.

Mario AV

mav@uol.com.br

É editor de arte da Macmania e, de repente, não nutre mais sentimentos tão carinhosos pelo seu G3 bege.

As configurações básicas

Modelo	Preço Brasil	Cache	RAM	Disco	CD/DVD	Zip Drive
300 MHz	US\$ 2.990	512 kB	64 MB	6 GB Ultra ATAPI	CD-ROM 24x	opcional
350 MHz	US\$ 3.780	1 MB	64 MB	6 GB Ultra ATAPI	DVD 32x	opcional
350 MHz	US\$ 4.590	1 MB	128 MB	12 GB Ultra ATAPI	CD-ROM 24x	sim
400 MHz	US\$ 5.490	1 MB	128 MB	9 GB Ultra II SCSI	CD-ROM 24x	opcional



Zip, Imation, Orb... a guerra dos drives removíveis continua firme e forte. Mas quando se fala em becape de dados, o CD-ROM ainda é imbatível. Apesar de não ser regravável, ele é o equipamento com a mídia mais barata existente (R\$ 3 a R\$ 4 por um disco onde cabem 650 MB).

Por isso, e por sua relativa resistência no armazenamento de dados (CDs não dão pau como

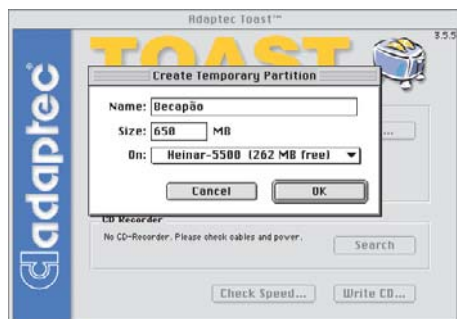


mídias magnéticas, mas não são infalíveis), eles são perfeitos para armazenar aqueles trabalhos antigos que ficam travancando seu

disco rígido. Muita gente acaba usando os CDs até mesmo para transporte de dados, mas, nesse caso, mídias como Zip ou Jaz são mais adequadas, pois podem ser regravadas. Já existe a tecnologia de CD regravável, como o CD-RW, da Philips, mas esta também não é indicada para transporte porque leitores de CD-ROM comuns não lêem CD-RW. Se o seu objetivo for gravar CDs apenas para becape, até mesmo um velho (e barato) gravador de dupla velocidade quebra o galho. O importante na hora de comprar é saber se o modelo escolhido tem software para Mac. Se tiver, muito bom; se esse software for o Toast, da Adaptec, melhor ainda. O Toast é simplesmente um dos melhores programas para gravação de CDs, sejam eles de áudio ou dados. Uma grande variedade de marcas de gravadores de CD-ROM vem com ele em bundle.

Um gravador de CD na mão, algumas mídias e o Toast 3.5.5 (se sua versão for anterior, visite o site da Adaptec — www.adaptec.com — e baixe o update para 3.5.5, pois a empresa recomenda fazer o update para evitar problemas com corrupção de imagens ou discos) é tudo que você precisa para acompanhar este tutorial que vai ajudar você a gravar seus próprios CDs.

A primeira providência é assegurar que seu gravador não está entrando em conflito com um outro equipamento na cadeia SCSI (HD exter-



Crie uma partição temporária

Tostando CD-ROMs

Aprenda a fazer becape de seus arquivos em CD

no, scanner, Jaz ou Zip Drive). Verifique o número ID de cada um (você pode usar o Drive Setup que vem com o Mac OS para isso).

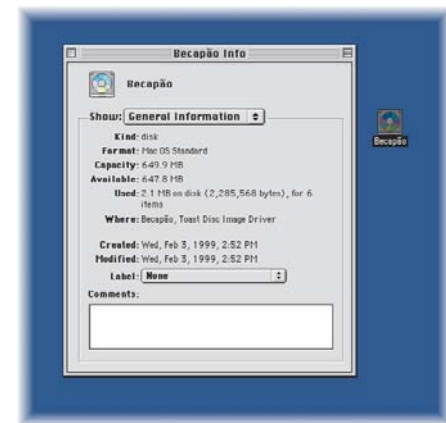
Outras precauções necessárias: desligue protetores de tela, o Energy Saver, o AppleTalk e qualquer antivírus.

Feito isso, ligue o gravador (antes de abrir o Toast). Já é hora de preparar o volume onde toda a informação do CD será armazenada. Se você tem um disco externo com espaço sobrando, uma boa idéia é particioná-lo, deixando uma das partições com 650 MB (o tamanho máximo de um CD-ROM. Se você só tem um disco, siga o seguinte procedimento:

1 Abra o Toast. Vá ao menu Utilities e escolha Create Temporary Partition. Ele vai perguntar se o tamanho é 650 MB. Clique OK.

2 O Toast vai criar uma imagem usando o espaço livre de seu disco. Pode parecer mais complicado que simplesmente arrastar os arquivos para cima do Toast, mas toda essa operação tem um bom motivo. Se o seu disco estiver excessivamente fragmentado ou com algum problema, provavelmente seu CD vai dar pau. Acredite, essa é a maneira mais prática, rápida e segura de gravar um CD.

3 Uma imagem agora aparece no seu Desktop, com um ícone preto e branco horrendo! Sem problemas. Use o velho Get Info para pegar um ícone de sua preferência e mudar o visual de seu CD :-)



Poronha um ícone bonito no seu CD

4 Agora basta arrastar todas as pastas e arquivos para esse "disco virtual" e lembrar que do jeito que ele ficar (posição de janelas, visão por lista ou ícone etc.) é o jeito que ele vai aparecer



Organize direitinho suas pastas

toda vez que você colocar o CD no drive; portanto, capriche na hora de arrumar os itens.

5 Pronto, terminou? Agora arraste o seu disco virtual para cima do Toast. O programa vai mudar para a função de gravação de volume. Clique no botão Data. Você verá que o volume que criou tem duas opções a ser escolhidas: Optimize On The Fly for Speed (otimizar para velocidade) ou Optimize On The Fly for Size. Esta segunda opção é a ideal se você tiver muitos arquivos a gravar (ela não aparece se você tentar gravar um CD arrastando arquivos).



Arraste o CD para cima do Toast

Fique ligado

Particionar: Segmentar o disco rígido em duas ou mais partes, de modo que o computador trate cada partição como um dispositivo de armazenamento completamente independente, como se você tivesse dois ou mais HDs.

Imagem: Cópia virtual de um disquete, CD ou outro tipo de mídia.

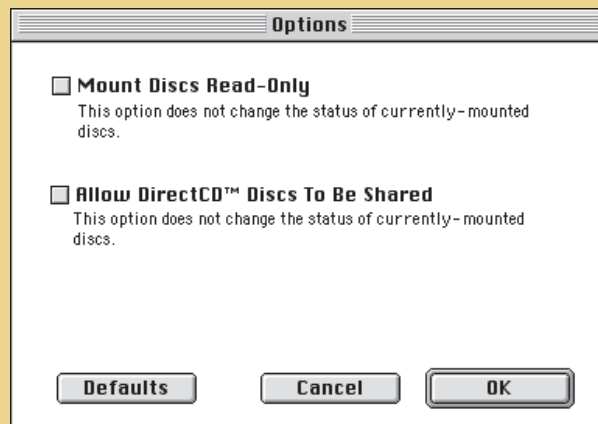
Raiz (root): Diretório principal (no caso, do CD).

DirectCD, uma boa alternativa

Outra ótima opção em matéria de becape em CD-ROM também é oferecida pela Adaptec: o DirectCD. É um conjunto formado por um painel de controle e uma extensão, razoavelmente “magro” (juntos não chegam a 700 kB), que opera um pequeno milagre. Ele transforma o comportamento de seu queimador de CD-ROM, fazendo-o agir como se fosse um drive qualquer. Ou seja, você pode copiar e apagar arquivos em um CD (que não precisa sequer ser regravável!) como se estivesse fazendo a operação em um hard disk ou num disquete. Você pode retocar uma imagem no Photoshop e, na hora de salvar, apertar **⌘S** e escolher o CD na janela que aparece. Simples assim. O segredo para explicar a “mágica” de se poder apagar um arquivo em um CD é simples. Na verdade, o espaço que já foi usado uma vez em um CD está perdido para sempre; o que acontece é que o arquivo “desaparece”. Se você grava um arquivo de 500 megas e depois o deleta, o resultado é que a pasta do CD em seu Desktop vai dizer que ele está vazio – em compensação, você só terá disponíveis para gravação 150 megas. As grandes vantagens do DirectCD são as de simplificar ao mínimo o trabalho de fazer backups com um queimador de CD-ROM e de eliminar as perdas de CDs devido a erros de gravação. Bem, eliminar talvez seja uma palavra forte. Até agora não perdi nenhum CD com o DirectCD, mas como estou com o software há apenas um mês, é melhor ficarmos com a expressão “reduzir a perda de discos”. Estou há meses trabalhan-

do em um projeto que toma mais de 600 arquivos e pastas em meu computador. Com o DirectCD e o File Assistant (um ótimo programinha de apenas 268 kB que era distribuído nos antigos PowerBooks para gerenciar backups e aparentemente não se encontra mais à disposição para downloads gratuitos na área de Software Updates do site da Apple), ficou bem mais fácil zelar por essa montanha de informação. O File Assistant se encarrega de descobrir quais dos 600 arquivos foram modificados e copia apenas esses para o CD. É verdade que o Toast, no formato ISO 9660 com a opção “Incremental Backup”, faz exatamente a mesma coisa, mas a diferença é que foram eliminadas todas as etapas de uma tediosa sessão de gravação de CD. Agora que você já está achando que o DirectCD é a melhor panaceia inventada desde a combinação **Option** **⌘** **Esc**, vamos aos pontos negativos. O primeiro é que, embora o CD apareça no Desktop como se fosse um hard disk, ele não tem a velocidade do mesmo. Se o seu queimador de CD gravar em 2x, você vai ver que a cópia de um arquivo talvez seja mais lenta até do que se fosse feita num disquete. Problema dois: enquanto o CD de becape não estiver “fechado” (ou finalizado; algo como esco-

lher a opção Write Disc em vez de Write Session no Toast), somente o seu gravador de CD-ROM será capaz de acessá-lo. E depois que você sacramentou seu CD para todo o sempre, apenas computadores que tenham a extensão Adaptec UDF Volume Access serão capazes de ler o seu CD (no futuro isso deve mudar, mas por enquanto...). Ruim, né? Mas tem mais. Alguns drives de CD-ROM que não podem ler discos “packet-writ-



Pena que o DirectCD não funciona com qualquer gravador

ten” não vão acessar seu CD nem com a extensão. Uma coisa esquisita: a Adaptec diz que, no momento, discos “fechados” no DirectCD do Mac não podem ser lidos pela versão Windows do programa. E o mais fuleiro: se você abre o Toast (você ainda vai precisar dele para, por exemplo, fazer CDs musicais e apagar CDs regraváveis) com um CD que está com arquivos gravados com o DirectCD dentro do drive, esse disco poderá ficar corrompido.

A Adaptec recomenda que você abra o Toast sem nenhum CD dentro do queimador. Nada mau para dois softwares que são feitos pela mesma empresa, não?

Último aviso. Nem todos os queimadores são compatíveis com o DirectCD e, mesmo que sejam, é preciso prestar atenção no firmware do drive, que também precisa ser de uma versão recente. Modelos da maioria dos fabricantes (Acer, Mitsubishi, Matsushita, DynaTek, Nomai, Olympus, Optima, Panasonic, Philips, Pinnacle, Ricoh, Smart & Friendly, Plextor, Sony e Yamaba) trabalham sem problemas. O site da Adaptec (www.adaptec.com) traz uma lista completa de modelos e firmwares que funcionam. Quem estiver interessado pode comprar o DirectCD via Internet, fazendo o download de um arquivo de 1,7 megas (que inclui instruções de instalação e manual). O preço é US\$ 69. Eu comprei e não me arrependi, mesmo tendo sido surpreendido pelo salto do dólar.

VITOR PAOLOZZI



O DirectCD permite usar CDs como se fossem discos rígidos

Gravando CDs de áudio

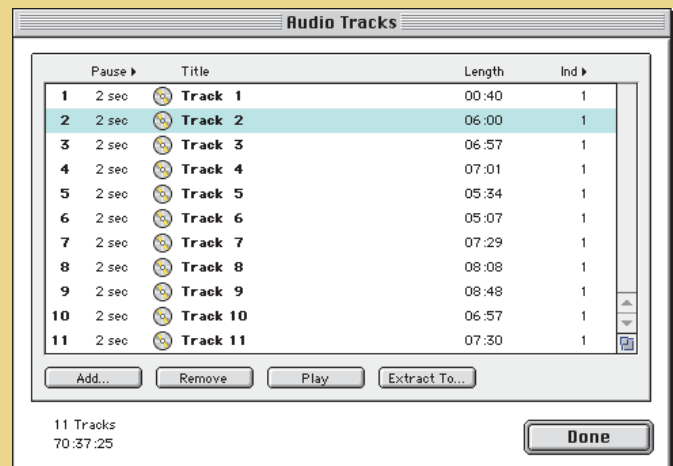
Isso mesmo! Agora você pode juntar aquelas faixas preferidas de vários CDs e colocá-las em um único CD ou transformar sons, de qualidade (16 bits, 44 MHz estéreo) nos formatos AIFF e Sound Designer em faixas de CD de áudio para ouvir em qualquer CD player. Mas é sempre bom lembrar que você só deve gravar CDs para uso pessoal, nada de montar barraquinha de camelô na praça.

Format

Mac Volume	⌘1
Mac Files & Folders	⌘2
ISO 9660	⌘3
Mac/ISO Hybrid	⌘4
✓ Audio CD	⌘5
CD-i	
Video CD	
Enhanced Music CD	
SCSI Copy	
Disc Image	
Multitrack CD-ROM XA	
Audio Tracks	⌘A

Atenção para o formato certo

1 Comece por selecionar os seus queridos CDs. Abra o Toast (lembre-se sempre das dicas anteriores sobre conflitos com outros equipamentos e de ligar o gravador de CD-R antes de abrir o Toast) e, no menu Format, escolha Audio CD.



Selecione a faixa que você quer gravar

2 Dependendo da marca do seu CD-R, a tarefa pode ser simples ou complicada. Em modelos como os da Philips e Sony, basta você arrastar as faixas de áudio para o Toast para montar seu CD até que o tempo de áudio atinja o máximo de 74 minutos. Quando o Toast estiver gravando o CD, ele irá solicitar o CD correto na hora de mudar de faixa.

3 Infelizmente, nem todos os gravadores de CD têm essa possibilidade. Em modelos da Yamaha, Smart & Friendly e LaCie, por exemplo, é preciso transformar as faixas em AIFF antes. Isso pode ser feito pelo próprio Toast. Basta clicar no botão Audio e pedir Extract To, ou então usar o programa Toast Audio Extractor, que acompanha o produto. Certifique-se de que você tem espaço livre suficiente no disco para converter as músicas (650 MB para 74 minutos). Ao fazer o primeiro Extract To, crie um folder para a operação ficar mais organizada e pronto! Você agora pode fazer suas coletâneas tão esperadas!



Você pode até escolher o tempo de silêncio entre as faixas

Gambiarra para fazer cópias SCSI em Macs IDE

O Toast tem a opção SCSI Copy, que permite duplicar CDs. Só que os G3s não têm CD SCSI, mas ATA. E aí? Como fazer? Bem, dá um pouco de trabalho, mas não é tão complicado assim. Primeiro você deve estar com o Toast corretamente instalado (não arrastado de outro HD) e com a extensão Toast

CD Reader ativa. Além disso, é preciso ter mais que 650 MB livres em seu HD, para armazenar a imagem do CD. Desligue o gravador de CD (a força, não o cabo SCSI). Abra o Toast. Ele não reconhecerá o gravador, mas abrirá sem problemas. Em seguida, vá ao menu Format e escolha SCSI Copy. Clique no botão Data. O gravador de CD não vai aparecer na janela de Data. Aí entra o macete. Ligue o queimador de CD (novamente, o botão de ligar, não o cabo SCSI, que já devia estar conectado), espere um pouquinho e clique no botão Re-Scan da janela do Toast. O CD vai aparecer na lista. Clique nele e dê OK. Vai aparecer outra janela, com a descrição do CD; dê OK novamente. No menu File, escolha Save as Disk Image, ou então pressione **⌘D**. Abrirá uma janela de Save. Escolha onde você vai deixar a imagem. O software vai criar um arquivo



Ligue o Toast com o CD desligado

do tipo disk image, que é uma cópia do CD original. Para gravar, vá ao menu Format e troque para Disk Image. Em seguida, clique no botão Data – a janela do Toast muda novamente – e escolha a disk image que

Format

Mac Volume	⌘1
Mac Files & Folders	⌘2
ISO 9660	⌘3
Mac/ISO Hybrid	⌘4
Audio CD	⌘5

CD-i
Video CD
Enhanced Music CD

✓ SCSI Copy
Disc Image
Multitrack CD-ROM XA

Audio Tracks ⌘A

Escolha o modo SCSI Copy

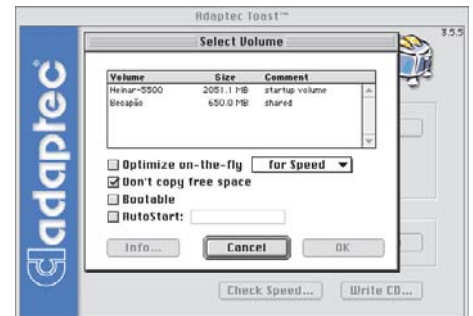
você salvou. Vá agora ao botão Scan e o Toast reconhecerá o CD-R (que está ligado) como gravador, não mais como leitor. Daí é só seguir os passos normais, com Write CD e Write Disk. Esse macete é extremamente útil, por exemplo, para quem comprou softwares como o Norton Utilities, ou o Norton AntiVirus, que rodam a partir de CDs e precisam de update. A opção da Symantec para o

Norton 4.0.1 via disquete, além da lentidão do disquete, não serve para os iMacs e os novos G3.

Pode-se mandar montar a disk image (Utilities ► Mount Disk Image), dar update no software na disk image – que o OS e o Toast tratam como um disco – e, em seguida, gravar um novo CD. O mesmo vale para a versão do OS que vem nesses CDs. Os CDs do 4 ou 4.0.1 com certeza não vão rodar nos G3 azuis e, provavelmente, nos novos iMacs. Basta instalar um 8.5 versão universal para que o novo CD funcione sem que você tenha que passar pelo doloroso e demorado processo de dar um update internacional no seu CD.

MARIO JORGE PASSOS

6 Outra opção que aparece nessa mesma janela é Make This Disk Bootable. Ela permite que o CD seja o disco de inicialização (startup ou boot) do Mac. Se você quiser fazer um CD de boot, basta instalar um Core System folder (sistema mínimo) a partir de um instalador do Mac OS (escolhendo Custom Install). Você pode criar, por exemplo, um CD de emergência com o sistema mínimo mais o Norton Disk Doctor ou outro reparador de disco. Por fim, há a opção Autostart, que abre automaticamente o programa que estiver na raiz do CD assim que ele monta no Desktop.



Aqui você decide se quer o CD bootável ou não

7 Tudo definido? Bom, existe um modo de fazer uma simulação pra saber se tudo vai correr bem. É só escolher no menu Recorder a opção Simulation Mode, que simula uma gravação do CD. Se algum problema ocorrer, você já fica sabendo e não perde uma mídia. Cautela nunca é demais.



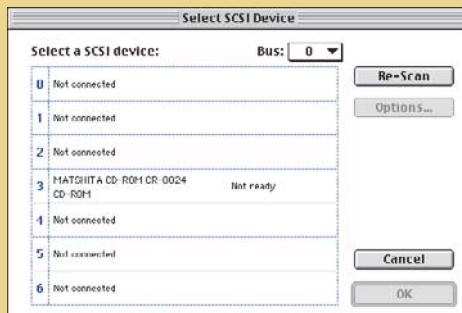
Use o modo Simulation para testar a gravação

8 Bom, vamos gravar de verdade. Aqui você tem duas opções: Write CD e Write Session. A segunda opção grava apenas em um pedaço do CD e permite gravar outras sessões enquanto existir espaço no disco. Cada sessão gravada aparece no Desktop como um volume diferente.

9 Agora é só esperar o Toast queimar seu CD. Repare que ele mostra a contagem regressiva em minutos e segundos. O tempo para gravar um CD vai depender da velocidade do seu gravador. Ao fim, você ouvirá o "plim" de uma torradeira, ou melhor, do Toast. Pronto, seu CD está queimado. **M**

ALE MORAES

Costuma fazer seus backups em CD-R.



Ligue o gravador e clique em Re-Scan



A guerra dos browsers não é algo novo. É sempre o tal negócio, Internet Explorer para cá, Navigator para lá... De um lado está a dominadora Microsoft, que um dia já foi contra a Internet (preferia uma tal de Microsoft Network) e agora só pensa num modo de dominá-la. Do outro está a Netscape, recentemente comprada pela America Online, uma vez que não teve o fôlego necessário para manter seu domínio sobre o mercado de browsers e hoje vê a Microsoft destruir seu império. Desde que a Internet virou sinônimo de modernidade, a pergunta é a mesma: que browser devo usar? Como não há uma resposta definitiva para essa questão, muitas pessoas adotam a solução mais prática: ter os dois instalados no HD. Mesmo assim, não há como escapar, um dos dois vai acabar sendo seu preferido. Só aqueles que são anti-Bill Gates ferrenhos não têm dúvida sobre qual escolher: é Netscape ou a morte. Mas a maioria dos usuários não é tão idealista assim, e nem sempre acha tão fácil optar por um ou outro. Para ajudar quem se encaixa no segundo caso, vamos comparar as versões para Mac mais recentes desses browsers.

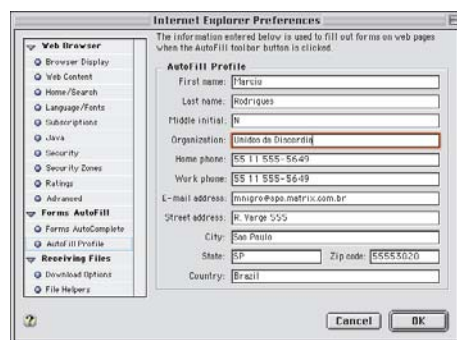
Browser é browser

De um modo geral, os browsers sempre cumpriram bem sua principal função, que é navegar pela Internet. O que sempre impulsionou o lançamento de novas versões foi a "modernização" da Web, com as tecnologias Java, ActiveX, Shockwave, Flash, RealPlayer etc., etc., etc. Fora isso, o modo de se navegar na Internet tem sido o mesmo: clicar em hiperlinks. Todo o resto foi feito apenas para deixar os sites mais bonitos e animados. Atualmente na versão 4.5, tanto a Microsoft quanto a Netscape não trazem em seus produ-

Corra que os browsers vêm aí

Netscape Communicator 4.5 ou Internet Explorer 4.5: qual escolher?

tos novas formas para navegar pelo ciberespaço; oferecem apenas recursos que podem facilitar um pouco a vida do internauta. Nesse ponto, ao que parece, a turma do Bill Gates trabalhou bem e conseguiu colocar no IE 4.5 funções para as quais não só a Netscape não tem similar, como a versão para Windows também não. (É curioso que, integração com o sistema à parte, as versões para Mac do IE são normalmente melhores do que as dos pecezistas.)



O AutoFill preenche formulários automaticamente

Apesar de não ter mudado muito em termos de interface, alguns novos recursos do novo IE para Mac merecem destaque especial. O primeiro é o bem pensado AutoFill Forms.

Acrescentado ao menu Edit, essa opção é interessante para quem vive preenchendo formulários em diferentes sites, seja para fazer compras ou para se cadastrar, permitindo que campos determinados sejam completados automaticamente. Acessando a

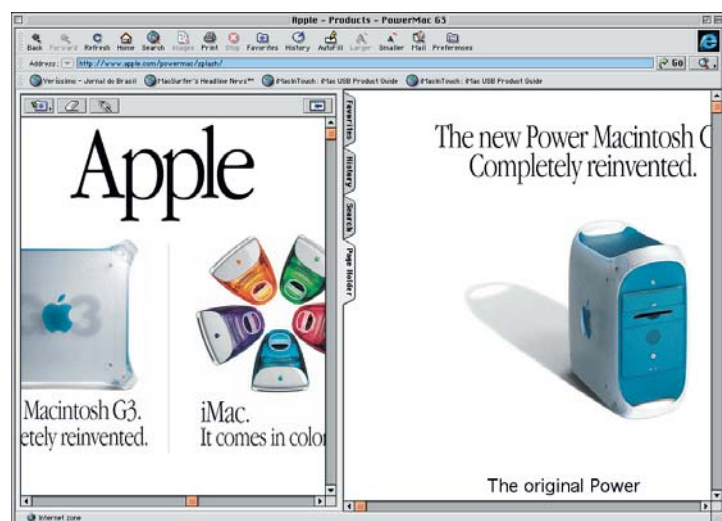
O Page Holder do IE 4.5 facilita a navegação

opção Forms AutoFill nas preferências do IE 4.5, encontra-se um formulário com os campos mais comuns utilizados na Web (nome, endereço, telefone, email etc.). Depois de preenchê-los, toda vez que um site pedir suas informações pessoais, você poderá usar o comando para preencher todos os campos que sejam similares aos do AutoFill Forms com apenas um clique. Além disso, você ainda encontra, também nas preferências, a função AutoComplete, onde é possível determinar que o campo de endereço complete as URLs automaticamente, à medida que vão sendo digitadas.

O segundo recurso digno de menção honrosa é a recém-criada abinha lateral Page Holder, que substituiu a de Channels (os canais, outra tão comentados e exaltados, foram abortados, felizmente). Traduzindo ao pé da letra: o Page Holder é um segurador de página, ou seja, funciona como uma gaveta onde pode-se colocar uma página Web qualquer e acessá-la sempre que necessário durante uma sessão de navegação. De início achei que essa abinha não tinha grande utilidade, mas não demorou muito para ver o quão prática ela é. Não é incomum encontrar sites com um monte de links interessantes. Quando isso acontece, normalmente clicamos em um link, navegamos por ele e depois voltamos para o site inicial clicando uma ou, o que é mais comum, várias vezes no botão Back. Com o Page Holder, toda essa clição não é mais necessária; basta clicar



Microsoft integra browser e Sherlock



na abinha para ter acesso instantâneo à página dos links interessantes a fim de acessar os outros links, os quais serão sempre abertos na “persiana” principal, sem alterar o conteúdo do Page Holder.

O terceiro recurso acrescentado ao IE 4.5 interessa a quem já está utilizando o Mac OS 8.5, que é a integração com o Sherlock. O IE agora traz um botão na barra de ferramentas que permite acesso rápido ao Sherlock para encontrar sites similares na Internet (utilizando as frases iniciais da página). O botão também permite que o conteúdo da página seja resumido no Clipboard para que você possa dar Paste no programa que preferir (se bem que ainda acho mais prático selecionar o texto e dar Copy e Paste).



Finalmente, um browser com Print Preview

Print Preview

Outra coisa que, com certeza, vale ser mencionada é a inclusão (já era hora) de um Print Preview. Chega de mandar imprimir páginas Web e não ter idéia de quantas folhas vão sair da impressora. O IE 4.5 não apenas deixa que você visualize como sairá a impressão, como ainda oferece a opção de imprimir o background do site e também de fazer com que o texto e as imagens se ajustem a uma folha de papel (ou mais).

O browser da Microsoft traz ainda o recurso de auto-reparo, de modo que, se o usuário deletar alguma extensão ou arquivo, o próprio software se encarrega de repor a peça faltante, como acontece no Office 98. E a instalação do IE não poderia ser mais fácil: apenas arraste a pasta para qualquer localidade de seu desktop (o que deve ser impensável no mundo Windows).

Do lado negativo, notei alguns comportamentos estranhos do IE 4.5, como a dificuldade em selecionar trechos de textos em determinados sites, momentos em que só funciona o comando **(A)** (Select All). Além disso, o software apresenta ocasionalmente alguns congelamentos repentinos, o que já era comum na versão anterior.



O Navigator 4.5 traz poucas mudanças

do seu rival (se bem que, em alguns casos isolados, o IE conseguiu ser mais rápido). Além disso, o Navigator se mostra um pouco mais estável do que o concorrente, travando menos frequentemente — o que pesa bastante a favor da Netscape.

A nova versão do Navigator mudou muito pouco, ou praticamente nada, em termos de interface. As principais novidades seguem a filosofia de Smart Browsing (navegação inteligente), que inclui três novos recursos. O primeiro é o botão What's Related na barra de ferramentas, que oferece em um menu pop-

up uma lista de sites relacionados com a página que está sendo visualizada. Desenvolvido em conjunto com a Alexa Internet, esse recurso utiliza a base de dados dos servidores do Netcenter (site principal da Netscape) para pro-



Navigator agora procura sites similares

Navigator é mais rápido

Todas essas novas features colocaram o IE 4.5 alguns passos à frente do Navigator 4.5 (ou, melhor dizendo, Communicator 4.5, já que a Netscape só distribui seu browser dentro do megapacote com programa de email, editor de HTML e outras tranqueiras), pelo menos no que se refere à interface mais amigável com o usuário. Mesmo assim, não dá para dizer que a Microsoft tenha o melhor produto. Os marketeiros do Bill Gates afirmam que o novo Internet Explorer é 30% mais rápido do que o modelo anterior na hora de carregar páginas. No entanto, o que constatamos em um Performance 6400/180 com modem de 33,6 kbps é que, no teste do cronômetro, o IE 4.5 ainda está atrás do Navigator. Em média, o produto da Netscape obteve performance 15% superior à

Os browsers, pau-a-pau

	Explorer 4.5	Navigator 4.5
Memória mínima	6531 kB	6531 kB
Memória sugerida	12902 kB	14950 kB
Suporte a drag and drop	De imagens e de links	De imagens
Copy e paste de texto	Mantém formatação original	Não mantém formatação original
Tamanho do arquivo de download	11 MB (inclui Outlook Express)	15,5 MB (versão Communicator Pro)
Plug-ins de terceiros	QuickTime e Shockwave Flash	Shockwave Flash (desatualizado), RealPlayer, Beatnik Stub, LiveAudio e QuickTime



O NetWatch faz a filtragem de conteúdo

curar os links semelhantes. No entanto, como a relação entre os sites está mais baseada na utilização dos usuários do que no conteúdo propriamente dito, podem aparecer nessa lista sites realmente estranhos, que nada têm a ver com o assunto.

Outro recurso acrescentado ao Smart Browsing é chamado Internet Keywords, e permite digitar palavras-chave diretamente no campo de URL do browser. Isso já era possível, tanto no Navigator quanto no Internet Explorer, que sempre leram as palavras-chave digitadas e traziam os resultados do Netcenter (Navigator) e do Yahoo (IE). Porém, o Navigator 4.5 vai além da capacidade de procurar a palavra-chave num banco de dados contendo marcas registradas e nomes de produtos.

Digitando-se Ford Ranger no campo de URL, por exemplo, o Navigator leva o usuário diretamente para a página dedicada ao modelo Ranger no site da Ford. É claro que palavras mais vagas, como United, pode levar para a página do Netcenter com os resultados da pesquisa, que vai incluir a United Airlines e a United Van Lines, entre outras empresas. O terceiro elemento do Smart Browsing é o NetWatch, um conjunto de ferramentas de filtragem de conteúdo voltadas para pais e administradores de rede. Basicamente, a idéia é evitar que crianças e funcionários fiquem acessando sites com sacanagem, linguagem de baixo calão ou outras coisas que possam ferir a moral de alguém. Diferente do Internet Explorer, que já possui isso há tempos em suas preferências, o NetWatch é configurado no site da Netscape. Fora o Smart Browsing, um dos poucos adendos foi o comando Increase/Decrease Fonts, há muito disponível para os usuários Windows, que permite aumentar e diminuir as fontes de uma página à vontade, sem necessidade ir às preferências do Navigator. Não há muito mais do que isso no Navigator 4.5. Mudanças mais radicais provavelmente virão com o lançamento do Communicator 5.0, que será o primeiro suíte de software baseado no trabalho conjunto com a Mozilla.org. Como arma definitiva para tentar impedir o avanço do Internet Explorer na batalha dos browsers, a

Netscape abriu o código fonte de seu programa para o público (processo coordenado pela Mozilla.org) e também passou a distribuir o produto gratuitamente.

Já a Microsoft, por sua vez, promete continuar oferecendo um Internet Explorer feito exclusivamente para Mac, e não uma mera adaptação da versão para Windows (o que realmente a empresa tem feito), procurando mostrar que está levando o mercado Mac a sério. Depois de testar os dois browsers ali no manômetro, a minha preferência fica com o Internet Explorer 4.5 (sem represálias!), que com os novos recursos ficou bastante prático de se usar, apesar de ainda estar um pouco instável demais para o meu gosto. Ao que parece, a Netscape não tem olho muito para o mercado Mac, pois só isso explica o fato de o Internet Explorer ter algo como o Download Manager e o Navigator não — isso sem falar nas abíndas laterais do IE, muito bem boladas. Por outro lado, o browser da Microsoft não tem a opção About Plug-ins do Navigator, para que se possa saber que plug-ins estão instalados no IE e as suas respectivas versões. Enfim, tudo passa pelo gosto pessoal. Lá no fundo, acho que a opção ciberpoliticamente correta seria utilizar o Navigator. Mas, convenhamos, a Netscape não tá ajudando muito. **M**

MÁRCIO NIGRO mnigro@magnet.com.br

Downloads do Mês ALE MORAES

Veja abaixo alguns endereços de updates importantes, daqueles de que você volta e meia precisa, mas não sabe onde encontrar:

ICQ 1.6.7 (beta)

Agora o ICQ tem a opção de chat como no Windows (embora os textos das conversas acabem se acumulando e fazendo bagunça) e possui nas suas preferências opções para customizar a aparência da sua lista e do chat.

<http://the.ausmac.net/ftp/Communication-SW/icq-for-mac-167-ppc.hqx>

HandyMan 2.0.5

Shareware que adiciona uma espécie de Launcher em seu Control Strip.

www.club.innet.be/~ind0836/mac/HandyMan.html

Mac Palm Doc 0.10b2 (beta)

Transfira textos de seu Mac para o seu Pilot.

www.softplum.com/SW/PalmDoc/default.htm

Palace Client 3.0 (freeware)

O programa de bate-papo Palace está de volta.

ftp.thepalace.com/pub/palace/client/PowerMac/3.0/

MacMAME 0.35b2 (beta)

Jogue os melhores jogos das antigas máquinas Taito e alguns de Neo Geo.

<http://home.talkcity.com/TechnologyWay/intothinair/downloads.html>

VivoActive Player 2.1 (freeware)

Mais um plug-in para visualizar transmissão de vídeo em seu browser.

<http://egg.real.com/vivo-player/vivodl.html>

Apple Display Enabler 2.4.1 (update)

Necessário para quem tem PowerBooks G3 e usa o Mac OS 8.5.

[ftp://ftp.info.apple.com/Apple_Support_Area/Apple_Software_Updates/English-North_American/Macintosh/PowerBook/PB_G3_Series/](http://ftp.info.apple.com/Apple_Support_Area/Apple_Software_Updates/English-North_American/Macintosh/PowerBook/PB_G3_Series/)

Musashi 2.3.2 (shareware)

Excelente cliente de email, agora devidamente atualizado.

www.sonosoft.com/musashi/download.html

Pac The Man 3.0.1 (freeware)

Esse mesmo que você está pensando, em versão freeware e com 25 níveis diferentes!

<http://home.t-online.de/home/mcsebi/pacman.html>



Matando passarinhos no Myth



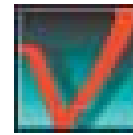
Quem já jogou a versão demo (ou a versão completa) do

Myth II pode estar se perguntando por que não é possível mirar nos pássaros que aparecem no jogo. Na verdade, você pode, mas é preciso saber o método secreto para isso. Clique em um pássaro enquanto segura **(Shift)Option** e o bicho será atingido. O mesmo vale para os veadinhos que surgem no game.



Guerreiro que é guerreiro não tolera passarinhos nem veadinhos

VGS em Macs com upgrade



Uma das sensações da Macworld Expo foi o Virtual Game Station da Connectix, produto que permite rodar jogos de PlayStation num G3.

No entanto, muita gente ficou triste ao ouvir que o game só roda em G3 legítimos. Não é bem assim. É verdade que, para os jogos correrem suavemente, você precisa do tipo de sistema de barramento rápido encontrado nos G3 – incluindo PowerBooks e iMacs – e um chipset gráfico RAGE Pro. Por outro lado, mesmo que seu Mac não possua tal chipset, você pode rodar o VGS. Tudo o que é preciso fazer é instalar os drivers Universal ATI na pasta Extensions. O VGS rodará enquanto estiver enxergando esses drivers. No entanto, dependendo da velocidade do seu Mac, os jogos poderão ficar travancados e com ruídos esquisitos.

Mudando o Desktop

Há um modo muito rápido de abrir o painel Appearance. No Finder, clique na tela de fundo do desktop enquanto segura a tecla **(Control)**. Escolha o item do menu contextual denominado Change Desktop Background... e a tela do Appearance aparecerá em seguida.



Acesse o Appearance com apenas um clique

Clipping é clipping



Quando se arrastam URLs e endereços de email ou de FTP para o Desktop no Mac OS 8.5, um novo tipo de arquivo de clipping é criado, possibilitando que você simplesmente duplo-clique nele para que o endereço seja aberto pela aplicação (browser ou programa de email) apropriada. No entanto, apesar dessa característica, os clippings de Internet funcionam como os clippings normais e podem ser arrastados normalmente para qualquer aplicativo que aceite drag and drop de texto. É uma boa forma de criar listas de URLs.

Screensaver grátis

Achei um screen saver escondido no Finder do Mac OS 8.5. Basta pressionar **(Control)Option** e clicar no menu da maçã e selecionar a opção About MacOS 8.5 Team para fazer aparecer uma tela com os nomes de todo o time de desenvolvedores. A tela muda com o passar do tempo e pode muito bem servir de screen saver.

Roberto Pujol
pujol@valley-bbs.com.br

Euro no Mac



O símbolo (€) do euro (a nova moeda dos países da Comunidade Européia) já é compatível com Mac. Quem tem o Mac OS

8.5 já pode inserir esse caractere em qualquer texto com o comando **(Option)Shift(2)** usando as fontes do sistema (Chicago, Helvetica, Charcoal, Geneva etc.). Mas cuidado na hora de passar o texto para alguém que não tenha o 8.5 e use as versões velhas dessas fontes. E na hora de imprimir em impressoras PostScript, use a fonte Chicago, só por garantia.

Os bips não mentem

Se você acabou de comprar um dos novos Power Macs G3 (o azulzinho), não se assuste se ele apitar de repente. O seu novo Mac roda o Power On Self Test (um teste de memória RAM conhecido como POST) no primeiro startup. Se o teste falhar, o software emitirá um ou mais bips, dependendo da parte do teste que falhou. Veja o que os bips significam:

- 1 bip** – Nenhuma RAM foi detectada.
- 2 bips** – A RAM é incompatível com o seu Mac.
- 3 bips** – Nenhum dos bancos de RAM passou no teste de memória.
- 4 bips** – Problemas no código da boot ROM (bad checksum).
- 5 bips** – Problemas no bloco da boot ROM (bad checksum).

A Apple recomenda que, se seu Mac produzir algum desses sons, você o leve a uma assistência técnica autorizada. No caso de ouvir esses bips depois de instalar pentes de memória RAM, confira se eles estão bem colocados ou se são do tipo correto. Se você ouvir outros tipos de sons, como a máquina cantando "Strangers in the Night" em falsete, é melhor parar de beber.



Sem brincadeira. Para quem trabalha no computador, estrear um monitor novo é como mudar de residência: outra vida, outro clima...

Sempre achei que o som e a imagem do seu Mac precisam ser realmente muito bons, ou irão pouco a pouco tirando a graça de usá-lo; afinal, você interage com eles durante todo o tempo em que está usando o computador. Não paguei barato pelas caixinhas de som Roland há três anos, mas vivo feliz graças ao prazer sonoro que proporcionam — e elas já estão no seu quarto Mac. Um monitor muito bom é a mesma coisa: ele sobrevive a uma CPU após outra. Isso só aumenta a sua responsabilidade ao escolhê-lo, ou você passará anos se conformando ou aborrecendo com os seus defeitos.

It's a Sony

O monitor que testamos tem o tubo de imagem **Trinitron**. Esse nome designa uma tecnologia desenvolvida pela Sony, conhecida tecnicamente como grelha de abertura (*aperture grille*), que se caracteriza pelas telas completamente planas na vertical e sutilmente curvas de lado a lado. Outra característica desse tipo de tubo é que os fósforos luminosos que formam a imagem são dispostos em fileiras verticais contínuas, em vez do padrão de pontinhos redondos dos tubos mais comuns (*shadow mask*). Uma variação mais recente dessa tecnologia tem a tela absolutamente plana e é empregada pela Sony nos luxuosos e caros televisores da linha Wega. Os monitores high-end da Apple sempre têm tubo Trinitron, pois costumam ser fabricados pela Sony em regime de OEM para a Apple. Mas esqueça por um instante a parte técnica e pergunte qual é o melhor monitor a alguém que já usa um modelo com tubo Trinitron. Vai ser muito difícil a pessoa apontar outro tipo. A tecnologia da Sony tem dois grandes atrativos para quem trabalha com edição de imagens e DTP: tela praticamente plana, o que é importante nos monitores grandes, e pixels incrivelmente nítidos em resoluções altas. Num tubo comum, arredondado, é necessário usar um truque de geometria de imagem, chamado “almofada” (*pincushion*), para que a tela aparente ser mais plana; além disso, os pixels podem formar interferências (*moiré*) com os pontos de fósforo.

Se alguém perguntar o seu *dot pitch*, responda



Ricardo Teles

que para o Trinitron isso é pouco relevante, pois os fósforos luminosos são dispostos em faixas verticais, muito estreitas, quase imperceptíveis. Uma especificação equivalente ao dot pitch no Trinitron é o *stripe pitch*, que corresponde à distância de uma faixa para a vizinha (no modelo testado é 0,25 mm).

A maior idiossincrasia do Trinitron são os dois fios horizontais finíssimos (*dampier wires*) que atravessam a tela de lado a lado. Eles só são visíveis contra imagens muito claras ou fundos brancos. Esses fios servem para manter a grelha firme e à prova de vibrações. Curiosamente, por estranhos que sejam os fiozinhos, quem tem um Trinitron simplesmente os ignora, talvez por hábito ou simplesmente porque eles realmente não incomodam.

Impressões visuais

A Sony fabrica os seus monitores em três categorias: profissional, “business” e multimídia. A maior diferença entre elas é a quantidade e estilo dos controles de imagem. O Multiscan 210sf é um modelo “business” e, embora tenha tecno-

Monitor Sony Multiscan 210sf

Bom, bonito e (quase) barato

logia avançada e cara, é competitivo em relação à concorrência, por ser montado no Brasil.

Os botões de controle principais são dispostos em cruz, mais um par de seletores auxiliares. Ao pressionar qualquer botão, surge uma janela gerada pelo próprio monitor, representando as variáveis de ajuste na forma de barras deslizantes sobre um fundo azul. Os ajustes são específicos para a resolução em que o monitor está no momento.

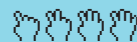
Embora os controles sejam simples e realmente fáceis de usar, não são suficientemente completos para o profissional exigente. O exemplar testado tinha um pequeno desvio na convergência. Esse é um ajuste banal, fácil de fazer no equivalente da Apple, mas para o qual não há nenhum controle no 210sf. Qualquer coisa, ele precisará ir para a assistência técnica. Outra questão é a dimensão da tela. A medida “oficial” do monitor é a diagonal entre dois cantos opostos do tubo de imagem. Como sempre sobra uma borda não utilizada, a dimensão real é menor. O 210sf tem tubo de 17 polegadas, mas a área real corresponde a 16", um pouco menor que a de outros monitores dessa classe. Modelos concorrentes do mesmo tamanho chegam a ter áreas visíveis de 17 polegadas cheias.

Finalmente, o monitor tem uma só entrada padrão SVGA, que é compatível com PC mas obriga ao uso de um plug adaptador para ligá-lo ao Mac. Dependendo do tipo do adaptador, o monitor poderá mudar automaticamente a sua resolução ou não. De certa forma, isso é uma vantagem para o monitor de 17" da Apple, que por dentro é praticamente a mesma coisa que o 210sf. **M**

MARIO AV mav@uol.com.br

Acabou de mudar de residência e espera logo poder mudar também de monitor.

SONY MULTISCAN 210sf



Sony: (011) 3824-6596

Preço: R\$ 1.100,00

Fique ligado

Pixels - Pontos fundamentais que formam a imagem na tela.

Resolução - O significado correto é a densidade de pixels na imagem (por exemplo, "72 pixels por polegada"). No jargão dos monitores, porém, é simplesmente uma medida de tela ("tantos por tantos pixels").

OEM (Original Equipment Manufacturer) - Esquema em que uma empresa fabrica um produto com grife de outra, sob encomenda.

Moiré - Defeito da imagem no qual as fileiras de pixels interferem com as fileiras de fósforos da tela, formando padrões estriados.

Dot pitch - Nos tubos de imagem tipo shadow mask, é a distância entre um ponto da máscara da tela e seu vizinho de mesma cor.

Convergência - "Registro" entre as cores fundamentais vermelha, verde e azul na tela.

Tamanho do monitor: qual é o melhor para você?

Há alguns anos, cada monitor de vídeo tinha uma só resolução e uma aplicação específica, de acordo com a resolução e com o tamanho da tela. Existia aquele monitor barato que vinha com o Mac novo, com tela de 14 polegadas e controles simplórios; monitores para uso em escritórios, de 16 ou 17 polegadas; e caríssimos monitores para DTP e edição de imagem, com telas de 20 ou 21 polegadas e ajustes sofisticados.

Mas é a saída de vídeo do computador que determina a resolução da tela. Nesta década, os circuitos de vídeo embutidos nos Macs passaram a gerar imagens em várias resoluções, para permitir o uso de diversos tamanhos e marcas de monitores. Em seguida, tornaram-se comuns os monitores multissíncronos (ou "multiscan", como quer a Sony), que se ajustam automaticamente à imagem gerada pelo computador. Isso parece uma mera tecnicidade, mas é importante, pois significa que você pode reajustar o monitor a qualquer hora, tornando-o adequado a cada aplicação. Por exemplo, imagine que você tem uma tela de 15 polegadas (o mesmo tamanho da tela do iMac), cuja resolução padrão é 800 x 600 pixels. Para diagra-

mar uma página de jornal no QuarkXPress ou desenhar no Illustrator, porém, você vai preferir trabalhar em 1024 x 768 pixels, que é a resolução normal de uma tela de 19 polegadas. Ao jogar um videogame ou apresentar um filme QuickTime, é melhor baixar a resolução para o padrão do monitor de 14 polegadas: 640 x 480. E assim por diante. Essa versatilidade não quer dizer que você não precisa se preocupar com o tamanho do seu monitor. Se você trabalha o tempo todo com PageMaker ou FreeHand, tem uma séria necessidade de arranjar um monitor maior, a fim de não passar o resto da vida arrastando as paletas para livrar espaço (em resoluções baixas) ou apertando os olhos para poder ler os menus pequenininhos (em resoluções altas).

A escolha do momento é um monitor de 16 ou 17 polegadas, de uso geral, como o modelo aqui testado. Com as resoluções disponíveis, são raras as situações em que você vai desejar uma tela maior que 17". Tamanho de tela nunca é demais; o problema é que os monitores grandes têm consumo bem maior, são volumosos e custam desproporcionalmente mais caro.



Ponha ordem em sua vida

Organizadores pessoais que podem satisfazer suas necessidades



Alguém já disse uma vez que “de complicada já basta a vida”. Pensando nisso, algumas pessoas fizeram de tudo para mudar o hábito de anotar recados e compromissos no bom e velho lápis e papel para o “moderno” teclado e monitor, ou seja, acabaram complicando uma coisa simples e natural.

A partir daí, começaram a surgir desde agendas eletrônicas de bolso até sofisticados e caros “assistentes digitais”, como o já enterrado Newton da Apple e o megasucesso PalmPilot, ambos com reconhecimento de escrita, agendas inteligentes e mais um monte de coisas.

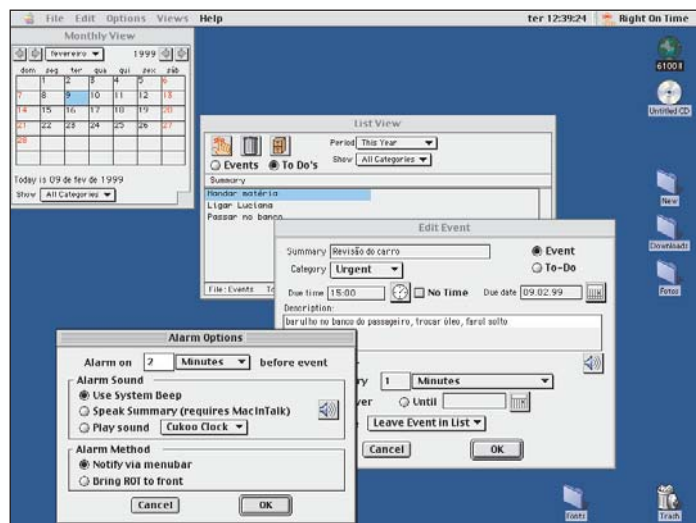
Quando o Mac apareceu, com sua interface gráfica inovadora e grande apelo ao usuário comum, começou a surgir uma categoria de software que viria a ser conhecida como Personal Information Managers (ou PIM), programas que podiam armazenar números de telefones e endereços, agendar compromissos, lembrar os compromissos, fazer listas de tarefas e mais outras coisas de grande utilidade para o usuário que não sai da frente do computador. O número de programas se multiplicou e hoje é possível achar todo tipo de organizador pessoal para todos os gostos, inclusive embutidos dentro de outros softwares. Mas se a sua necessidade é ter algo simples e barato, dê uma boa olhada nesses dez sharewares que podem dar um jeito nessa sua vidinha complicada.



Right On Time

Uma boa opção de freeware (totalmente de graça) para ser usada como uma agenda simples e lista de tarefas.

Entre outras coisas, possui alarmes para avisar sobre eventos (aniversários, contas a pagar, feriados) e uma cara muito simples (talvez simples demais!). Mas, mesmo assim, funciona muito bem, não custa nada e não fica com aqueles avisos chatos que pedem a todo instante para pagar a bendita taxa do shareware.

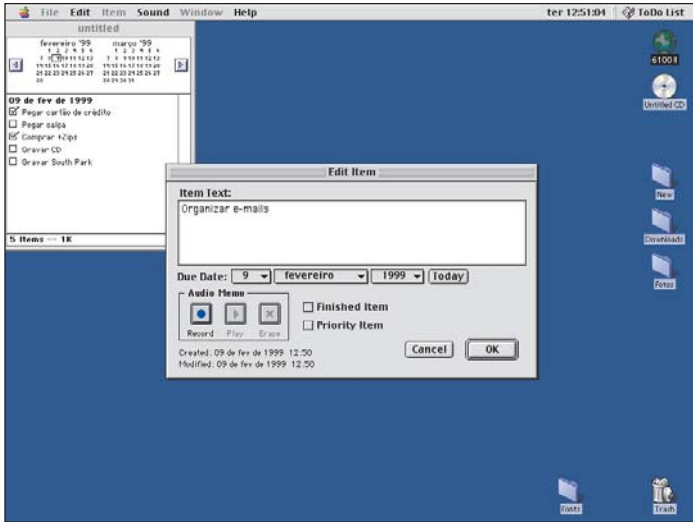


Right On Time, simplicidade é teu nome



ToDo List

Programinha bem simples, pequeno, fácil de usar e aprender, que não atrapalha ninguém e não rouba aquele pedaço de memória valioso para os seus trabalhos. Ele mostra um calendário e um espaço para você colocar sua lista de afazeres naquele dia e nos seguintes. Na frente de cada item (que pode ser indicado como prioritário), ele põe um quadradinho onde é marcado se a atividade foi feita ou não. Você pode colocar itens com a sua própria voz e ouvi-los depois, e pode pedir pra ele ler as coisas a serem feitas se o Speech Manager estiver instalado no seu Mac. A versão demo vale por 15 dias.

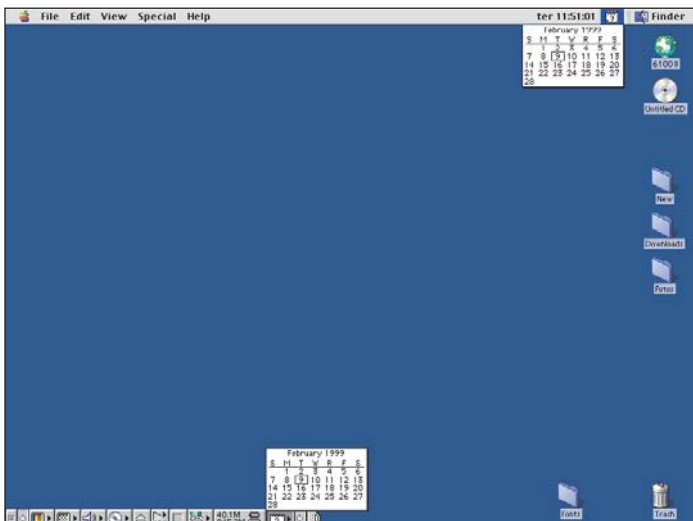


ToDo List: organiza sua vida e até fala

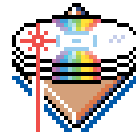


Calendar Menu

Nada mais do que um painel de controle que põe um ícone na sua barra de menu e um módulo de Control Strip. Ambos mostram em seu ícone o dia do mês e, quando clicados, mostram um calendário com todos os dias do mês atual. Pode parecer uma bobagem, mas é bastante útil como referência e não ocupa memória alguma. Mais uma daquelas coisas que poderiam vir no sistema operacional.

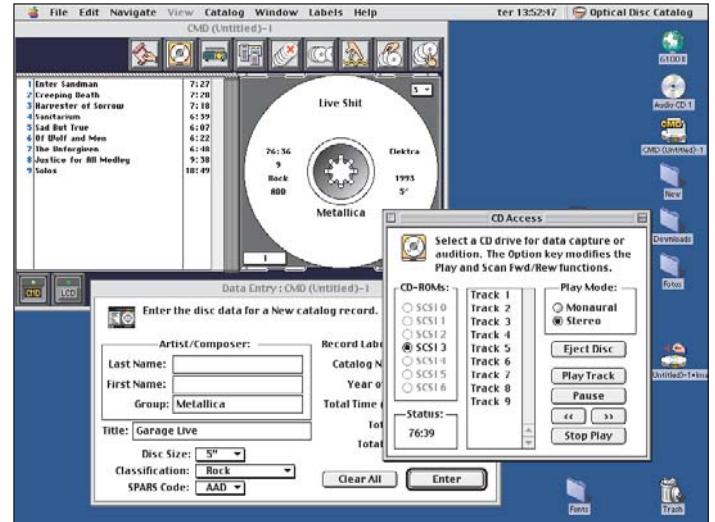


Calendar Menu: um calendário sempre à mão



Optical Disc Catalog

Como o nome diz, é um catálogo de discos ópticos, ou seja, CDs, CD-ROMs, DVDs, MiniDiscs e afins. Ideal para quem gosta de catalogar grandes coleções de discos, para rádios, estúdios de gravação e DJs. Pode-se obter informações sobre tempo de cada faixa e tempo total do disco, para que você digite os nomes de cada música e dados sobre a gravação. Depois podem ser impressas listas com todos os dados ou etiquetas para fitas cassetes. Seu ponto fraco é não ter uma função para colocar a imagem da capa do disco. Mas, como banco de dados, funciona.

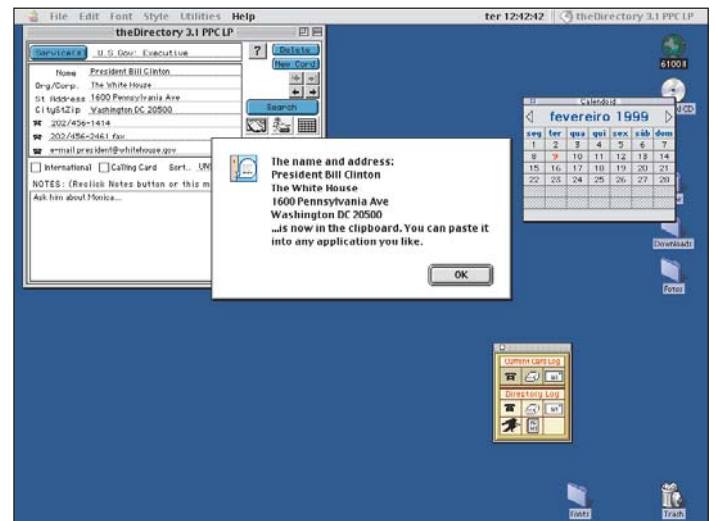


Optical Disc Catalog: catalogue sua coleção de CDs, CD-ROMs e afins



theDirectory

Shareware baseado no HyperCard para armazenar endereços e dados pessoais em geral para depois imprimir em envelopes, etiquetas, fazer chamadas através do modem ou pelo alto-falante do Mac, como os outros PIMs fazem. O interessante desse programa é que ele é extremamente simples e fácil de operar, com algumas funções úteis para quem apenas precisa armazenar dados e não quer usar programas grandes.

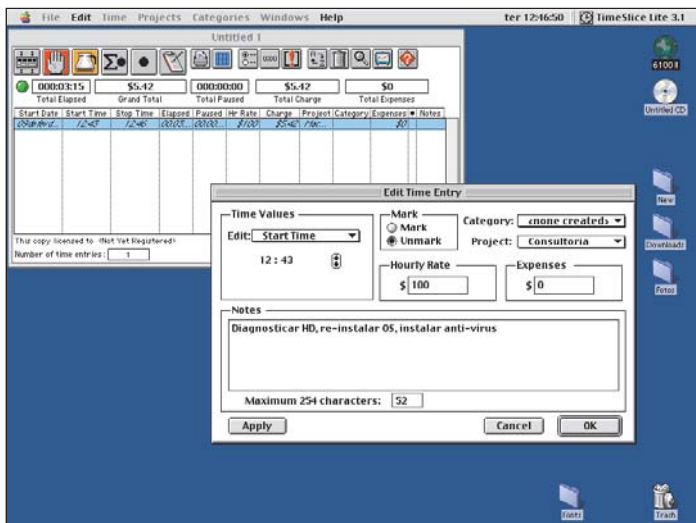


theDirectory: o HyperCard ainda não foi esquecido



TimeSlice Lite

Anteriormente conhecido como TimeTracker, esse shareware é especialmente útil para aqueles profissionais que cobram por hora, como advogados, consultores, técnicos e afins. Você diz quanto a sua hora vale e digita o nome do cliente ou do projeto. Ai é só mandar o relógio funcionar e deixar que no final ele se encarrega de dizer quanto tempo foi gasto e quanto custará para o seu cliente. Ele até imprime um relatório com todos os trabalhos feitos e o total ganho. Possui um botão de pausa pra marcar as paradas para ir tomar cafezinho ou bater papo, exporta a planilha para o Microsoft Excel, por exemplo, e tem uma cara bem simples e intuitiva. Se você trabalha por hora, não deixe de dar uma olhada nesse shareware.

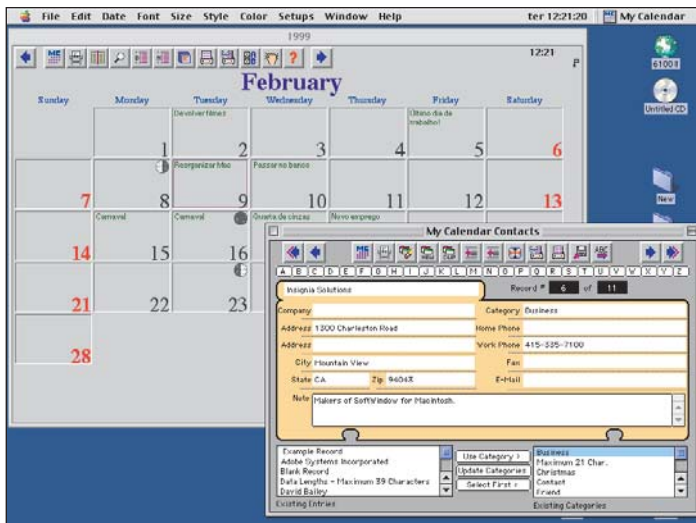


Quem trabalha por hora tem que conferir o TimeSlice Lite

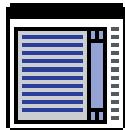


My Calendar

Um dos sharewares mais simpáticos e fáceis de usar dessa lista. Tem tudo que um PIM traz (memos, listas de tarefas, calendários, agenda telefônica etc.), mas de um jeito bem amigável e convidativo para quem não está acostumado a esse tipo de programa. Seu ponto alto é poder personalizar a visualização do calendário principal, que, além de deixar sua tela com uma cara mais agradável, torna suas impressões mais interessantes. O resto funciona muito bem. Você deve pagar a taxa do shareware para ter todas as funções disponíveis.

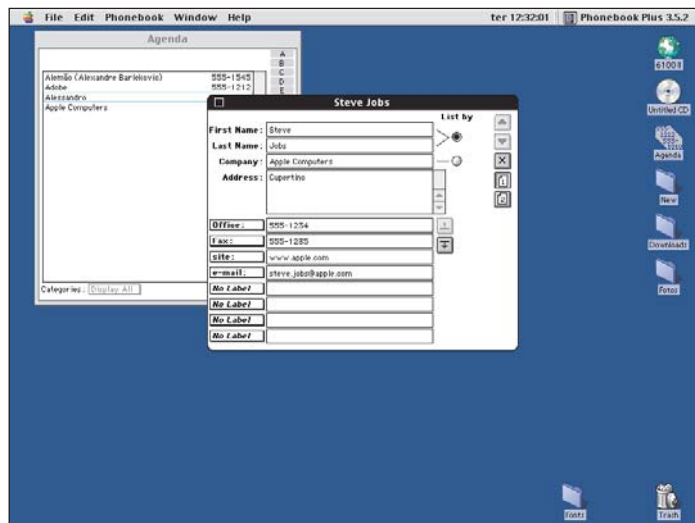


O My Calendar permite personalizar a visualização do calendário

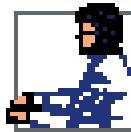


PhoneBook Plus

Com uma cara que lembra os antigos Desk Accessories (DAs) do System 6 e com a simplicidade de uso dos programas mais antigos, o PhoneBook cumpre bem o papel de agendinha de telefones que tem de estar sempre à mão para uma emergência. A partir dos dados que são colocados em seu banco de dados (telefones, endereços, nome da empresa), é possível imprimir etiquetas e envelopes e fazê-lo discar números da agenda, se você é daqueles que não gostam de usar o teclado do telefone (se a sua linha telefônica for do tipo tone, é só colocar o fone em contato com o alto-falante do Mac para discar o número desejado). Vale uma olhada, apesar da taxa salgada do shareware (US\$45).

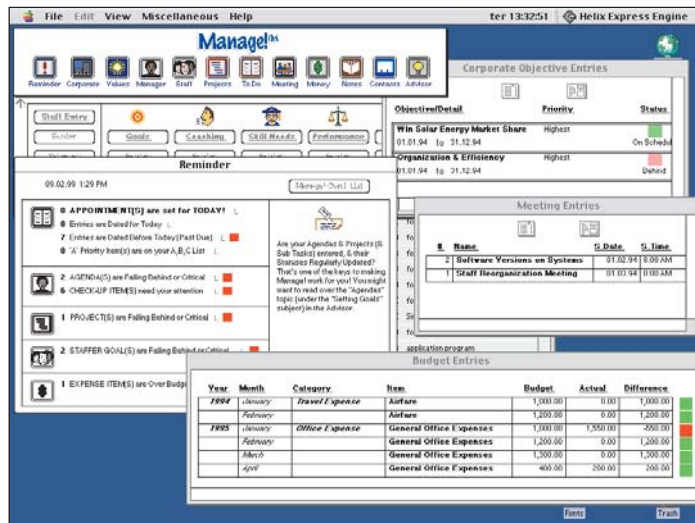


PhoneBook Plus: agenda de telefone com jeito de System 6



Manage!

Manage! é um completíssimo software de gerenciamento de equipes em uma empresa, com opções de controle de orçamentos, dados sobre o pessoal da equipe, dados sobre recrutamento de pessoal, lista de tarefas, agendamento de reuniões e mais uma dezena de funções que assustam na primeira vez que você o abre. É um pouco complicado de início, mas depois que se pega o jeitinho, a coisa flui mais tranquilamente. Acompanha um manual que pode ser útil para os iniciantes. Merece uma olhada, apesar de ser meio complicado e ter um preço bem alto (US\$ 79), para um shareware.

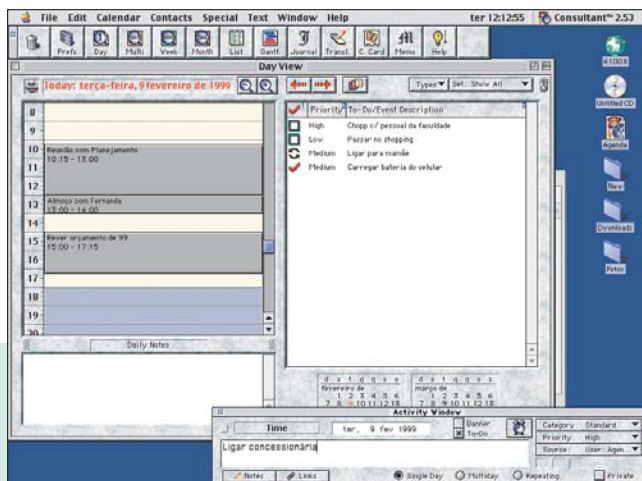


O Manage! é bom para gerenciar equipes dentro de uma empresa



Consultant

O Consultant tem tudo: uma eficiente agenda com lista de tarefas e calendário com várias opções de visualização e alarmes, completa agenda de endereços e telefones, opção de senha na abertura do programa, editor de texto para escrever memos, visualização das tarefas pelo método Gantt (onde tudo é visto em um gráfico horizontal), impressão no formato das agendas mais comuns e vários outros itens que são reunidos numa interface muito elegante e extremamente simples e eficiente. Se você escrever (em inglês, claro) que precisa ligar para alguém na quinta-feira às três da tarde, ele se encarrega de agendar tudo na hora e data certas, inclusive checando se há conflito de horário com outros compromissos. O pacote ainda traz o MiniConsultant, que é uma versão menor pra administrar seus dados sem gastar muita memória. Possui a opção de sincronizar com o Palm Pilot também. Demo totalmente funcional por trinta dias.



O Consultant tem tudo de que você precisa

Onde encontrar

ToDo List: www.scruznet.com/~bward/bwsoftware.html

My Calendar: www.macdownload.com

Consultant: www.chronosnet.com

Right On Time: www.innetix.com/~keymaster/

TimeSlice Lite: www.mauisoftware.com

Optical Disc Catalog: <http://members.aol.com/ardenwds/>

PhoneBook Plus: www.macdownload.com

Manage!: www.macdownload.com

theDirectory: www.macdownload.com

Calendar Menu: www.macdownload.com

Programas para organizar informações pessoais formam uma das categorias que mais títulos disponíveis têm por aí. Esses dez programas listados são apenas uma amostra da quantidade e variedade de tipos existentes. Há sharewares pra catalogar coleções de livros, agendas telefônicas pra todos os gostos, calendários de vários tipos e tamanhos e mais um monte de outras coisas. O problema vai ser arranjar um tempo na sua agenda pra ficar se divertindo com toda essa variedade de programas. Mesmo assim, vale tentar achar aquele que tem a sua cara e que atenda as suas necessidades. **M**

DOUGLAS FERNANDES

dougfern@dialdata.com.br

Não conseguiu se organizar para entregar esta matéria a tempo.

Por que não conecta?

Acessar a Internet normalmente é uma tarefa fácil no Mac. No entanto, dificuldades ocasionalmente podem ser encontradas durante o processo. Muitas vezes, o Remote Access (o painel de controle responsável pela conexão) apresenta mensagens de erro que não ajudam o usuário a resolver o problema. Siga este fluxograma para contornar alguns dos problemas mais comuns encontrados pelos usuários de Mac na hora de se conectar à Internet.

1 Preencha seus dados

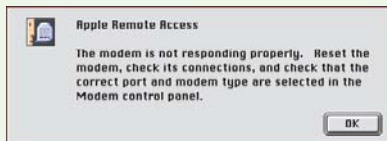
Antes de mais nada, abra o Internet Setup Assistant e siga os passos. Não se esqueça de pedir os dados do seu provedor (telefone de acesso, login, senha, DNS primário e secundário, endereço dos servidores POP e SMTP). (Nós demos a explicação completa do assistente na edição anterior da Macmania.) Quando tudo está pronto, o assistente faz a primeira conexão.

 Conectou!

 Não conectou?

2 O modem não responde

Quando o Remote Access não está recebendo respostas corretas do modem – em geral, nenhuma resposta –, a tentativa de conexão vai falhar e a seguinte mensagem aparecerá em sua tela:



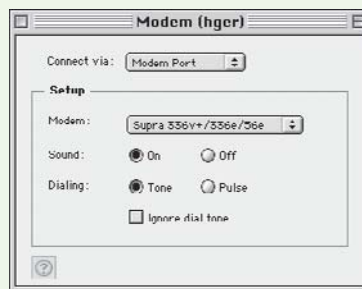
Ou seja, o modem não está respondendo propriamente. Não é problema da linha telefônica (para isso já existe uma outra placa de erro). Ligue e desligue o modem e cheque os cabos que o conectam ao Mac (se for um modem interno, isso vai ser mais complicado).

 Conectou!

 Não conectou?

3 Cheque o painel Modem

Abra o painel de controle Modem e veja se o script de modem selecionado corresponde realmente ao que você possui.



Deixe a opção Ignore dial tone (ignorar tom de discagem) desabilitada, exceto se a sua linha telefônica for ramal de PABX.

 Conectou!

 Não conectou?

5 Cheque o Extensions Manager

Abra o Extensions Manager (ou o Conflict Catcher, se você o tiver) e, no menu pop-up Selected Set, selecione Mac OS X.X All (o número da versão obviamente varia de acordo com o seu sistema; no iMac, aparece iMac All; o importante é ter o All no fim). Isso deixará habilitadas somente as extensões que são instaladas pelo Mac OS. Restarte e tente de novo. Qualquer extensão que porventura estiver ativada e impedindo

o uso do modem (geralmente extensões de programas de fax e comunicação) será desabilitada e ficará assim até que você a habilite novamente no Extensions Manager.

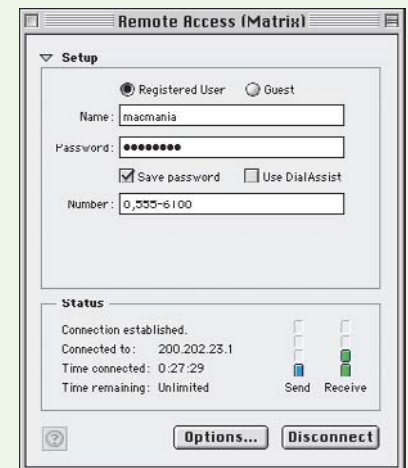


 Conectou!

 Não conectou?

4 Veja o Remote Access

Abra o painel Remote Access. Verifique se o seu nome (user ID), a senha e o telefone de seu provedor estão corretos e tente se conectar (botão Connect).



Se aparecer a mensagem “Modem is not responding”, vá para o passo 5.

Se aparecer a mensagem “Could not detect a dial tone”, vá para o passo 8.

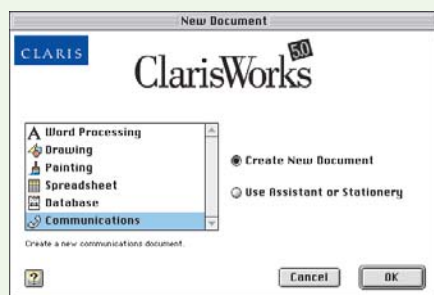
 Conectou!

 Não conectou?

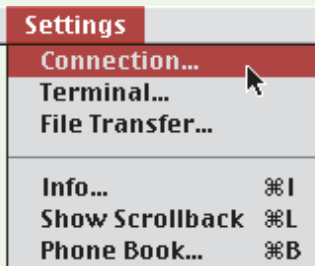
7 Tente conectar na unha

Se nada ainda deu certo, o jeito é tentar conectar na marra, com um programa de comunicação. Esse tipo de programa conversa mais diretamente com o modem. Desse modo, é possível pular o Remote Access a fim de verificar se a sua configuração não foi danificada. O procedimento vai criar uma conexão via terminal, mas ela não vai prestar para navegar na Internet, pois não estabelece a conexão PPP. Existe no mercado uma variedade de sharewares (o Zterm, por exemplo) e softwares comerciais que emulam terminais.

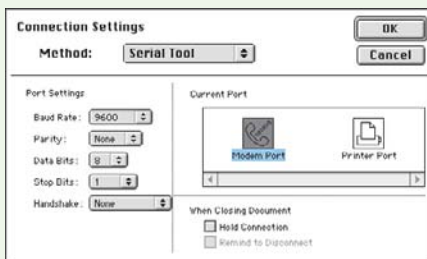
O AppleWorks (antigo ClarisWorks) é uma boa opção, pois já vem incluído no iMac e nos Performas. Por isso, vamos utilizá-lo. Abra o programa, selecione um documento de comunicação (Communications) e clique OK. (Se aparecer um alerta de que não existe uma ferramenta de terminal disponível, reinstale o programa.)



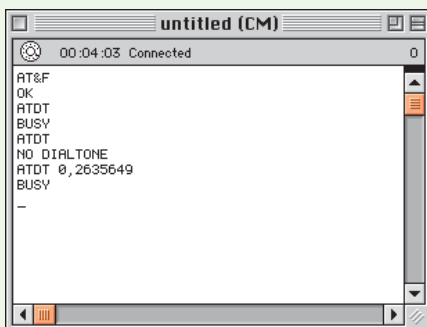
Surgirá um documento de comunicações em branco. Selecione Connection no menu Settings para abrir a janela de ajustes de conexão (Connection Settings).



Escolha Serial Tool no menu pop-up Method. As outras opções devem estar configuradas corretamente por default, mas tenha certeza de que a porta de comunicação esteja selecionada corretamente (no caso de modem interno, selecione Internal Modem) e então clique OK. Feito isso, selecione o comando Open Connection no menu Session.



Na janela de terminal que surge, digite os seguintes comandos (pressione **Enter** após cada comando; se um OK aparecer é porque está tudo bem):



AT&F – Reinicializa o modem para a configuração original de fábrica.

ATDT – Pega a linha. Vai aparecer a mensagem NO DIALTONE ou NO CARRIER se a linha for detectada mas não houver nada a que se conectar. Digitando-se um número de telefone após o comando ATDT, ele será discado logo após a detecção da linha telefônica.

Note que o relógio no canto superior esquerdo do documento deverá estar avançando. Caso contrário:

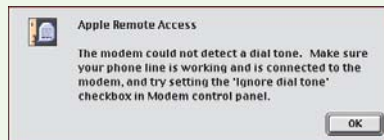
- Repita os passos do AppleWorks, começando pelo menu Setting.
- Saia, reinicie o AppleWorks e repita o procedimento.
- Reinstale o AppleWorks.
- Vá para o passo 8.

Importante: se o relógio está avançando e nenhum caractere aparece na janela de terminal enquanto você digita, é porque o computador não consegue enxergar o modem. Isso significa que:

- Outra aplicação ou extensão está usando o modem. Se você está seguindo este tutorial desde o início, isso não é possível.
- O modem está desligado, desconectado, mal encaixado no slot (no caso de ser interno) ou ocorreu alguma falha interna.
- Se nenhuma das opções acima funcionou, só resta uma possibilidade: o software de sistema está corrompido. Vá para o passo 12.

8 Cadê o tom?

Quando o modem não detecta o tom de discagem, a seguinte mensagem aparece:



Se o seu modem é interno, aumente o volume do computador no módulo do Control Strip ou no control panel Monitors & Sound. Se você está por trás de uma central telefônica particular (tipo PABX), ou se o seu sinal de discar por qualquer motivo não é um tom contínuo, mas intermitente, marque Ignore Dial Tone.

Conectou!

Não conectou?

9 Confira os cabos e conectores

Se nada funcionou até agora, desconecte o cabo telefônico do modem, plugue-o no telefone e ligue-o diretamente à parede. Verifique se há tom de discagem. Se não ouvir nada, há um problema com o cabo ou com o conector da parede. Tente outro cabo, com outro conector.

Conectou!

Não conectou?

12 Apague as preferências

Como o AppleWorks pode ver o modem e o Remote Access não, localize e delete os arquivos Modem Preferences e Remote Access Connections, localizados nas pastas Modem Preferences e Remote Access, dentro de Preferences. Repita os passos 1 e 2.

Conectou!

Não conectou?

13 Reinstale

Reinstale os itens do Remote Access a partir do CD do Mac OS.

Conectou!

Não conectou?

10 Conexão direta

Faça uma conexão ponto-a-ponto, com apenas um cabo conectando o modem e o conector na parede (isolando a linha de outros dispositivos, incluindo telefones, secretária eletrônica, fax, extensões e splitters de linha). Quanto mais curto o cabo, melhor. Agora tente se conectar novamente utilizando o Remote Access. Se o teste for bem sucedido, é porque um ou mais dispositivos estão afetando a qualidade da linha (e, portanto, afetando o tom de discagem), ou então piorando ainda mais uma linha de má qualidade. A única saída é conectar esses dispositivos em outras extensões ou substituí-los (o que não é certo que resolverá o problema). Muitas vezes, a culpa é de uma fiação de telefone precária dentro da casa ou escritório, o que pode ser solucionado por um técnico competente.

Conectou!

Não conectou?

11 Zapeie a PRAM

Embora as extensões de telefonia, fax e outras de terceiros tenham sido desabilitadas pelo Extensions Manager, há configurações do Chooser, determinadas por essas extensões, que podem continuar poluindo a Parameter RAM (PRAM, pronuncia-se pí-rã), que é onde ficam os ajustes mais básicos do Mac. Para apagar a PRAM, dê Shut Down e religue o Mac de novo segurando juntas as teclas **(Option)⌘(P)(R)**, mantendo-as pressionadas até que o som emitido durante o startup se repita pelo menos duas vezes. O “zap na PRAM” apaga também as preferências dos painéis Date & Time, Energy Saver, General Controls, Memory, Mouse e Monitors & Sound. Você terá que refazer todos esses ajustes depois da situação normalizada.

Conectou!

Não conectou?

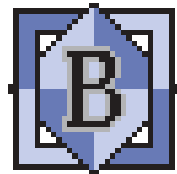
14 Não deu?

Se, mesmo depois de fazer tudo isso, você não conseguiu se conectar à Internet, das duas uma: ou você precisa de uma assistência técnica, ou então precisa se benzer. Ou os dois. **M**



Você pode definir o BBEdit como um editor de textos, mas, decididamente, ele não é um editor de textos comum.

Ele não permite que você troque a fonte de um trecho do texto, não deixa você pagnar o que você escreveu em múltiplas colunas e não tem nenhuma ferramenta para fazer gráficos ou



tabelas. OK, você deve estar se perguntando: mas, afinal, o que diabos o BBEdit faz?!

O BBEdit é um processador de textos no sentido mais puro da palavra; ele permite manipular grandes, imensas quantidades de texto. Como você deve saber, todos os programas que você usa nesse seu computadorzinho foram criados em princípio como longas linhas de texto, o chamado código de programação. É na manipulação desse código que o BBEdit mostra a que veio. Ele é usado em três situações principais: edição de códigos de programação em linguagens como C ou Java, construção de páginas em HTML e manipulação de textos ASCII.

Manipulação de textos

O BBEdit realiza desde as funções mais simples (como mostrar o número da linha ou coluna, visualizar caracteres invisíveis – tabs, returns e linefeeds –, trocar maiúsculas

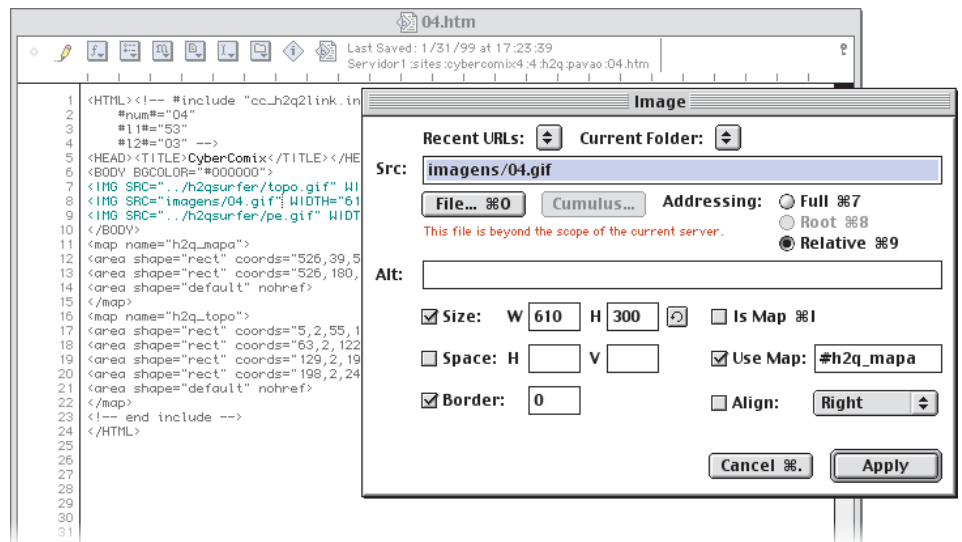
por minúsculas, trocar múltiplos espaços por tabs e ordenar alfabeticamente as linhas) até

tarefas bem complicadas (como copiar ou cortar todas as linhas que contêm uma determinada palavra). Um dos recursos mais úteis do programa é sua poderosa ferramenta de busca e troca de textos. Você consegue procurar uma palavra em todos os documentos que estão em uma determinada pasta, podendo até trocar essa palavra por outra. Por exemplo, se o nome desta revista mudar repentinamente de Macmania para MacOSMania, o BBEdit consegue trocar todas as aparições da palavra em todos os arquivos onde ela estiver escrita.

Mas onde ele vai longe mesmo é no suporte a “Regular Expressions” (Regex), ou padrões Grep, como elas são cha-

BBEdit 5.0.2

Programa confirma posto de melhor editor de HTML-na-unha



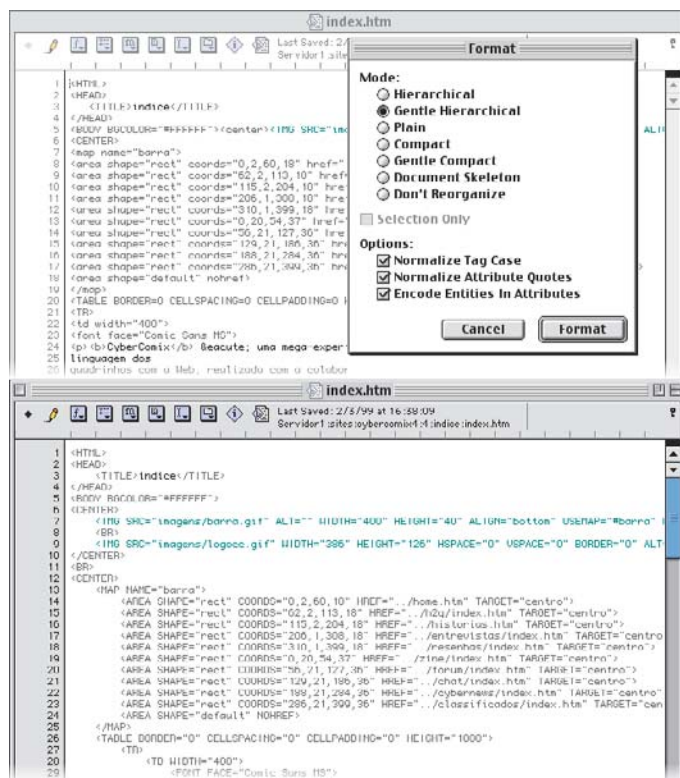
Tags de imagem editados no ato

madas no BBEdit. As Regex nasceram no mundo Unix e a sua utilização, a princípio, pode assustar o usuário normal; mas, por ser uma ferramenta muito poderosa, vale a pena o sacrifício.

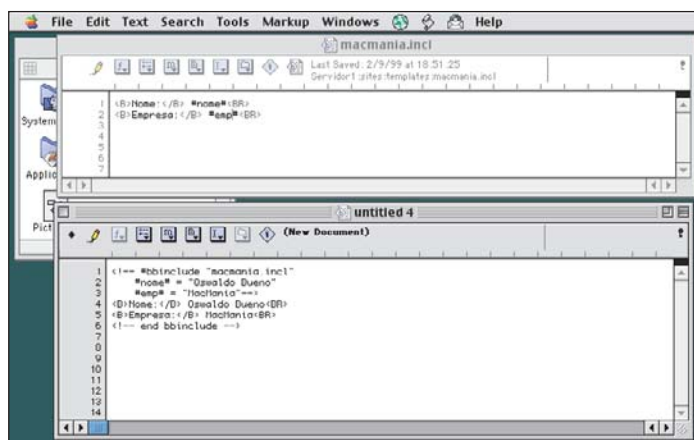
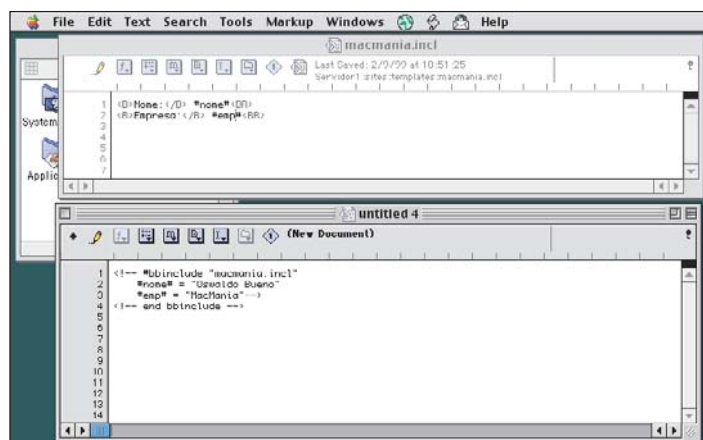
Com as Regex, você consegue alterar padrões no texto, como trocar datas no formato americano (MM/DD/AA) para o formato brasileiro (DD/MM/AA), inverter colunas de texto, reformatar os dados para facilitar a importação em bancos de dados e assim por diante.

HTML

Como o BBEdit sempre foi uma ferramenta excelente para editar textos sem destruir os arquivos originais, os webmasters usuários de Mac começaram a adotá-lo como sua principal ferramenta para editar HTML. Com o tempo, foram surgindo plug-ins específicos para auxiliar na criação de páginas. Hoje o BBEdit é a ferramenta mais completa para edição de HTML que existe, independentemente da plataforma – para aqueles que gostam de editar códigos na mão, pois o BBEdit não possui nenhuma forma de edição visual de páginas; todo o trabalho é feito no próprio código e o preview da página é feito diretamente no browser de sua escolha. A versão 5.0 traz como



Hierarquize seu código HTML, tornando-o mais legível



Os Includes automatizam a atualização de páginas com conteúdo semelhante, como assinaturas

novidade a compatibilidade com os padrões mais recentes de HTML. Suas ferramentas geram códigos que seguem as regras dos padrões 3.2, 4.0 transicional e 4.0 final. Esse cuidado com a compatibilidade retroativa é muito importante para que seu código funcione num maior número de browsers. Mas, com certeza, uma das grandes inovações da versão 5.0 é a ferramenta Tag Maker, que verifica contextualmente onde está o cursor de

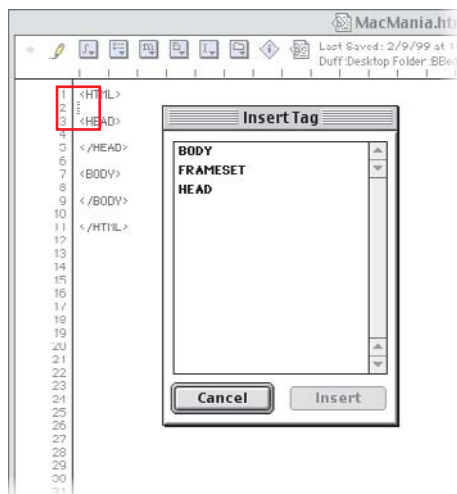
inserção de texto e mostra quais tags de HTML podem ser usados ali. Por exemplo, quando o cursor se encontra entre <HTML> e </HTML>, ela mostra apenas <HEAD>, <BODY> e <FRAMESET>. Após selecionar qual tag será usado, ele apresenta uma janela com todos os parâmetros permitidos. Se você já tiver inserido um tag e quiser alterá-lo para um tag de

imagem, você utiliza o comando Edit Tag e ele abre essa mesma janela para alterar os parâmetros, permitindo que você atualize o tamanho da imagem, caso ela tenha sido alterada. Além de bem completo, oferecendo suporte a todos os tags do HTML 4.0, o BBEdit possui vários utilitários, como: verificação, otimização e formatação de códigos; verificação de links;

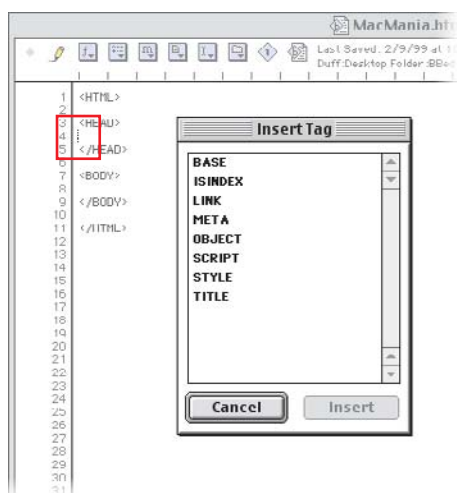
Minha mãe mandou eu escolher esse daqui, mas como eu sou teimoso eu vou escolher esse daqui



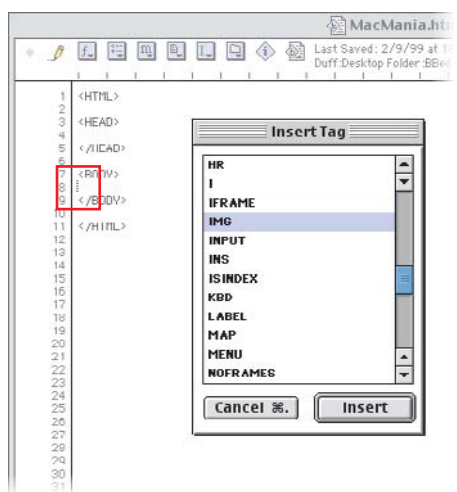
Qual vai ser a cor do seu iMac?
Vá ao site da Macmania e escolha o seu preferido
www.macmania.com.br



O Insert Tag mostra os tags disponíveis...

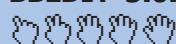


...contextualmente, de acordo com o...



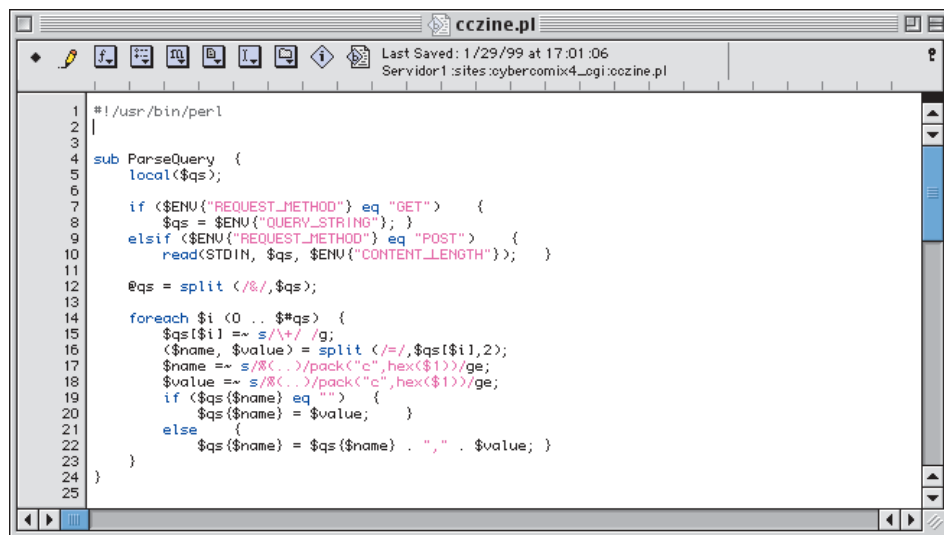
...posicionamento do cursor dentro do código

BBEDIT 5.0.2



BareBones Software: www.barebones.com

Preço: US\$ 129



No BBEdit você vê seu código colorido

limpeza de códigos do PageMill e CyberStudio; integração com o Dreamweaver; conversão de caracteres especiais (como acentos); e atualização dos tamanhos das imagens de uma página ou site.

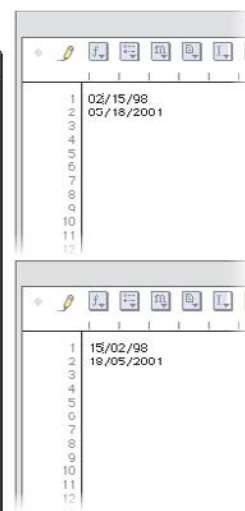
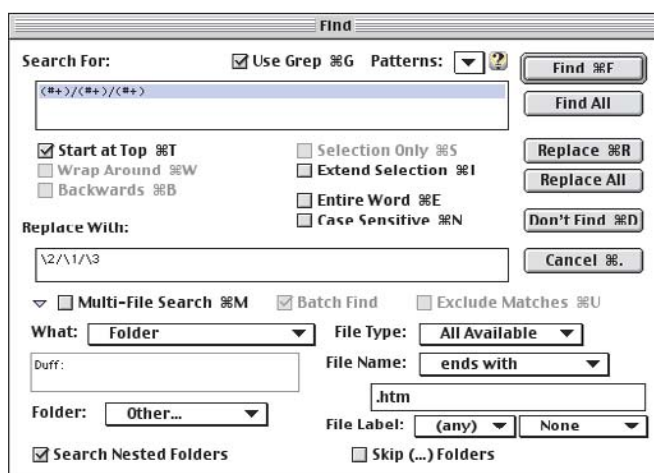
Outro destaque é o suporte a "Includes". Includes são templates que podem ser usados em seus HTMLs, poupando muito tempo e eliminando várias tarefas repetitivas. Das situações mais simples, como um aviso de copyright em toda página, até páginas geradas automaticamente pelo BBEdit com AppleScript. Essa é uma função inestimável para quem trabalha com sites com grande volume de conteúdo e páginas semelhantes que podem ser descritas com templates. Somente ela já vale o programa. Alterando o arquivo Include, você consegue atualizar seu site inteiro com um único comando. Para completar, o aplicativo traz suporte a FTP, de modo que você pode alterar as suas páginas diretamente no servidor.

Linguagens de programação

O BBEdit possui ainda a capacidade de "entender" as seguintes linguagens de programação: C, C++, Object Pascal, Fortran, TCL, Perl, Java e JavaScript. Ao abrir um arquivo de uma dessas linguagens, o programa consegue colorir o código para facilitar a sua visualização, além de criar um índice das funções. O BBEdit consegue ainda se integrar aos ambientes de programação da Symantec e da Metrowerks e ao MPW ToolServer, permitindo inclusive que se use o Search e o Grep. Na verdade, essas ferramentas de programação já vêm com um editor de texto embutido, mas é normal que um programador que utiliza o BBEdit para outros fins acabe se acostumando com ele e o utilize também para programar. **M**

OSWALDO BUENO

É diretor da Carpintaria do Software (www.carpintaria.com) e atrasou a matéria para ficar vendo as estrelas.



O Find com capacidade para executar Regular Expressions (Regex) é uma das funções mais poderosas do BBEdit 5.0

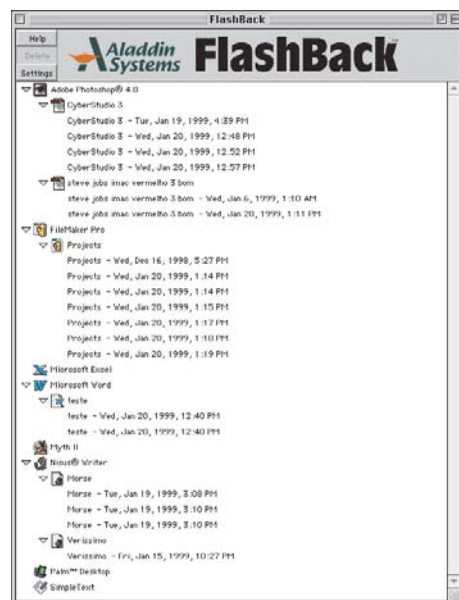


FlashBack 1.1

Voltar no tempo é possível

Programas que não oferecem a possibilidade de fazer múltiplos undos podem ser uma dor de cabeça. Aliás, qualquer aplicativo em que um documento seja alterado constantemente é uma virtual fonte de problemas. A grande frustração é que, muitas vezes, queremos voltar no tempo para desfazer algumas modificações que fizemos, mas não há como: estamos presos no presente. Mas espere! Vejo algo na minha frente. Seria o DeLorean do professor Brown, do filme "De Volta Para o Futuro"? Nada disso. É o FlashBack, da Aladdin Systems.

Idéias simples e funcionais merecem nosso profundo respeito. É o caso do FlashBack, que faz muito bem aquilo a que se propõe: monitorar qualquer arquivo que você especificar e guardar uma versão diferente a cada comando Save. A única coisa que o usuário tem que fazer é arrastar para a janela do programa os arquivos que serão monitorados, e o FlashBack faz o resto. As versões são organizadas pela ordem cronológica e os arquivos são catalogados a partir do programa criador. Para abrir uma versão, basta um duplo clique sobre o ícone e nada mais. Também é possível arrastar o ícone para uma janela do Finder ou para o Desktop para transformar uma versão em um arquivo definitivo. O FlashBack pode parecer, em princípio, um daqueles softwares tipo "é interessante, mas fica para a próxima". Mas é só começar a usar que você já se sente apegado a ele. Afinal, ele é uma segurança de que você pode voltar atrás. Se você, por exemplo, acha que a janela de History do Photoshop não serve para compensar a ausência de múltiplos undos, o FlashBack pode vir bem a calhar. Com ele, não é preciso dar um Save As para guardar várias versões. No entanto, para quem trabalha com arquivos muito grandes, pode haver uma limitação: espaço em disco. O FlashBack não faz mágica. Ele cria uma pasta de preferências onde é feito o becape. Só que cada versão salva tem basicamente o mesmo tamanho da original. Quer dizer, um arquivo de dez megas ou mais pode rapidamente ocupar mais de 100 MB, a menos que você delete frequentemente algumas versões da lista do FlashBack (o que pode ser feito



O FlashBack é, literalmente, o salvador

facilmente clicando-se no botão Delete). Por outro lado, o programa só ocupa 640 K de RAM e traz a opção para ser aberto automaticamente após o startup, com a janela principal ficando escondida se o usuário quiser. Clicando no botão Settings, você pode configurá-lo para salvar até as últimas 999 versões de um documento, especificando com que frequência ele deverá ser becapado. Ainda pode-se determinar que o software seja acionado a cada comando Save ou quando o documento for fechado. Só senti falta da possibilidade de arrastar o ícone de um programa para a janela do FlashBack, de modo que qualquer documento criado dentro desse aplicativo fosse monitorado automaticamente. Como essa opção não existe, é preciso se lembrar sempre de acrescentar um documento importante ao FlashBack, antes que seja tarde demais. Para pessoas distraídas como eu, isso seria uma bênção. Quem sabe na próxima versão... **M**

FLASHBACK



Aladdin Systems: www.aladdinsys.com

Preço: US\$ 29,95



Alguns softwares têm a rara habilidade de transformar sonhos em realidade.

Um deles é o Dreamweaver, da Macromedia. Lançado no final de 97, ele criou um novo padrão para os editores visuais de

HTML, principalmente nos tópicos de integração de plug-ins, JavaScript e DHTML. A Macromedia lançou um update, o 1.2, que oferecia algumas melhorias sobre o original. Mas o melhor chegou agora, com a versão 2.0.

A vantagem do Dreamweaver sempre foi a simbiose entre o melhor de dois mundos: o HTML na unha, em integração com o BBEdit, o editor de HTML preferido de nove entre dez Web designers macmaníacos, e o ambiente HTML gráfico, através dos ricos comandos do programa. Gregos e troianos podem ficar tranqüilos.

O Dreamweaver corrigiu vários dos problemas da versão anterior: agora ficou fácil trabalhar com tabelas, integrar layers com tabelas, checar os links de um site inteiro e até mesmo fazer o desenho da página. Além disso, foram acrescentados novos recursos, facilitando a criação de conteúdos específicos para diferentes tipos de plataformas e servidores.

Um dos comandos mais interessantes para os designers é o Tracing Page. É como se você transformasse a área de sua página em uma folha de papel vegetal e pudesse desenhar a página seguindo um rascunho colocado por baixo. Isso permite montar a página a partir de um original gráfico já existente ou criado em outro programa, como o Photoshop. Você pode até mesmo rabiscar sua página em papel, escanear e usar como molde. Outro comando,

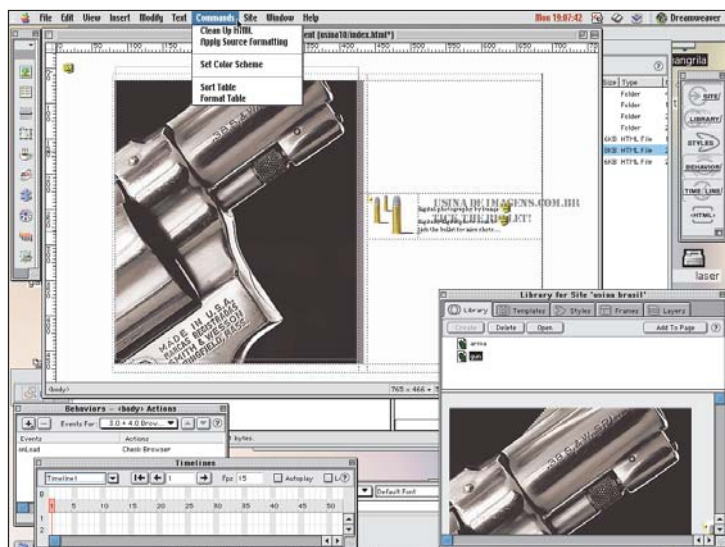
chamado Convert Layers to Table, permite posicionar os objetos de forma precisa na página e depois criar uma tabela referente a essas posições.

O programa se tornou bem mais customizável em sua interface e na forma de lidar com a edição do código. Você pode criar esquemas de cor para o seu site, criar tags e páginas através dos libraries e templates, definir as áreas que podem ou não ser editadas e modificar o comportamento do programa em relação à geração de código HTML. É claro que ainda falta a customização quase total do seu parceiro BBEdit, e a possibilidade de se "scriptar" comandos de forma direta via AppleScript ou Frontier. Mas sem dúvida o programa é um dos mais customizáveis em sua categoria.

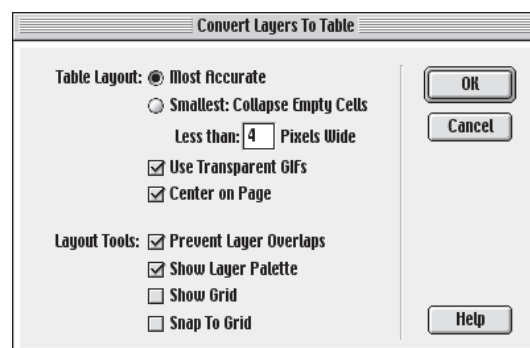
Para aqueles que precisam criar código com JavaScript ou DHTML, nada poderia ser mais simples: o Dreamweaver já sai de fábrica com diversos scripts altamente

Dreamweaver 2.0

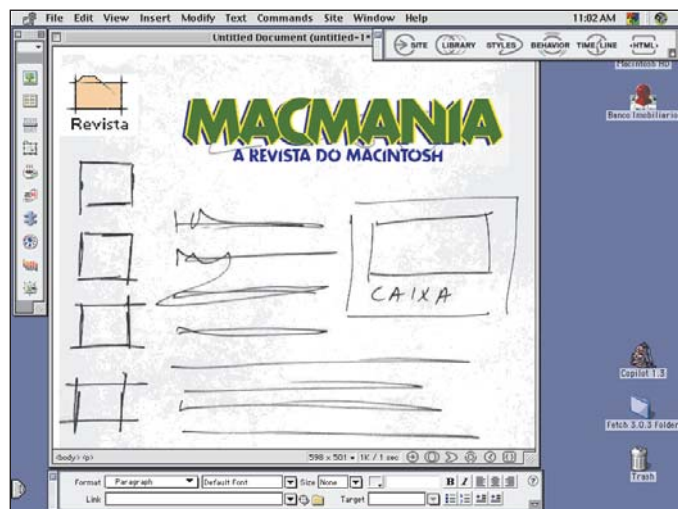
O melhor editor visual de HTML



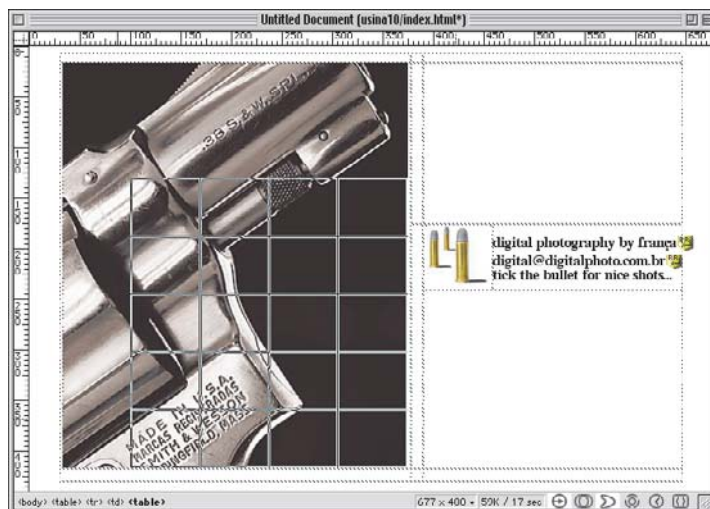
Ficou mais fácil trabalhar no Dreamweaver



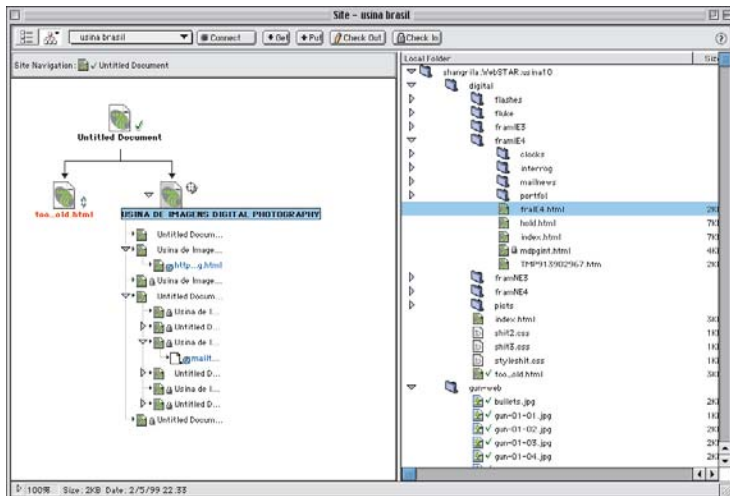
Posicionamento preciso de objetos



Novos recursos sofisticados de tracing page



Botando a mão na massa



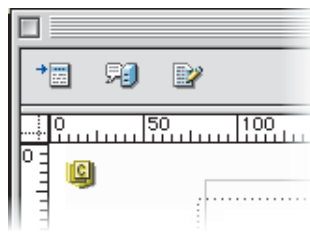
O cliente de FTP parece ser muito bom, mas não cumpre o que promete

confiáveis. Basta aprender a usar uma função chamada Behaviour para diminuir exponencialmente o seu sofrimento. Já para se usar o DHTML, existem dois comandos: Layers e Timeline. Eles permitem o posicionamento preciso do conteúdo na página e a criação de animações que não dependem de Java, scripts ou plug-ins. Puro código!

Junto com a library (espécie de arquivo de gabaritos, atualizado automaticamente no site), surge um novo recurso: as templates. Agora você pode criar um gabarito e determinar quais áreas deste são editáveis e quais não são. Isso permite que terceiros possam usar seu gabarito para modificar textos sem detonar o visual.

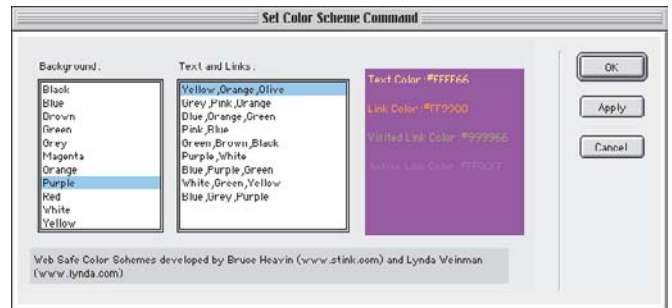
Sites dinâmicos: é possível?

Para criar conteúdos dinâmicos, que dependem de acesso a bancos de dados, é necessário criar um bocadinho de templates e usá-las na medida do necessário. Além de conhecer a fundo o assunto, sem contar com nenhuma ajuda inte-

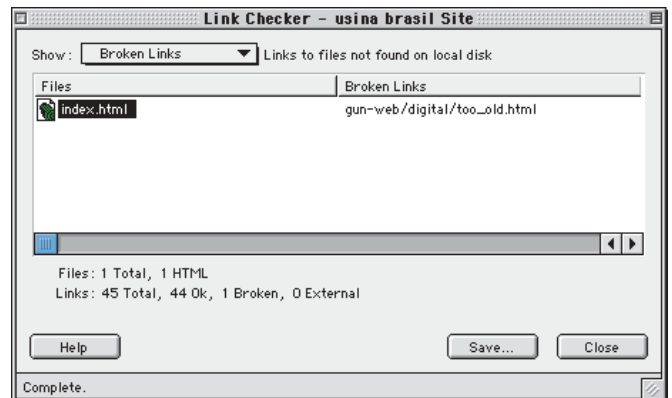


Botões facilitam o head

rativa do programa. Nesse caso, é mais fácil criar comandos e macros no programa-irmão xipófago, o BBEdit, e utilizá-los em ambos os programas. Se você está começando na Web e pretende utilizar como base de dados o FileMaker Pro, então o Claris Home Page e o NetObjects Fusion são bem melhores nesse quesito. O Home Page, na verdade, é quase um prolongamento do banco de dados, perfeito tanto para iniciantes quanto para profissionais. O que o Dreamweaver faz, e faz bem feito, é reconhecer os tags de alguns tipos de estruturas utilizadas para conteúdo dinâmico: SSI (Server-Side Includes, código utilizado para



A possibilidade de criar esquemas de cores é uma das novidades



Checamagem automática de links

inclusão de conteúdo dinâmico em páginas construídas "on-the-fly"), ColdFusion (um programa de Windows que gera códigos para acesso a bancos de dados SQL) e ASP (ou Active Server Pages, a interface da Microsoft para conteúdos dinâmicos), por exemplo.

O que ainda está nos sonhos

Apesar de todos os melhoramentos introduzidos nesse novo release, o programa ainda está na versão 2. Ou seja, ainda tem muito chão pela frente. Mas já briga de igual para igual ou até ganha dos seus amigos mais velhos: CyberStudio, Fusion e Claris Home Page, os quais já estão na versão 3.

De qualquer forma, a conclusão a que se chega é: bom com ele, impossível sem ele. **M**

J. C. FRANÇA

É diretor da Usina de Imagens.

Outros novos recursos

- Os comandos Clean Up HTML e seu parceiro Apply Source Formatting dão uma geral na página e limpam seu HTML de qualquer impureza
- Gabaritos de esquemas de cor para tornar as suas tabelas mais simpáticas em um piscar de olhos
- Possibilidade de incluir XML (o primo rico do HTML) nas páginas
- Search and Replace poderoso

O que fica devendo

- Tem um cliente FTP que, embora bonito, é ordinário. Vive travando a máquina e, quando empaca, você é obrigado a forçar um Quit
- Os frames que você cria de vez em quando ficam confusos e as páginas correspondentes desaparecem
- Ainda devora muita memória, dá pausas inexplicáveis e instala várias extensões da Microsoft, altamente suspeitas

DREAMWEAVER 2.0



Macromedia: www.macromedia.com

Macromedia: (011) 5185-2824

Preço: R\$ 690,00



Lançado na Macworld de São Francisco, o VGS (Virtual Game Station), da Connectix, foi um dos maiores sucessos da feira. Em poucos dias a Connectix esgotou seu estoque de 3 mil cópias da versão preliminar, superando suas próprias expectativas. E nas três



semanas seguintes vendeu mais de 60 mil cópias, o que representa um faturamento de US\$ 3 milhões. Para um software de Mac, é o sucesso absoluto.

O VGS permite que você jogue games do Sony PlayStation no Mac, com jogabilidade total e animações fluidas. Não há nenhum dos efeitos colaterais comuns em outros emuladores, como baixa velocidade e instabilidade. Segundo a Connectix, o VGS funciona apenas nos computadores com processadores G3 (inclusive os PowerBooks G3 e os iMacs). Isso porque ele utiliza o chip de vídeo ATI RAGE que vem na motherboard dos G3. Mas, como ficam outras máquinas que também possuem o chip ATI RAGE, como os Power Macs 6400/6500 e o 5500? Conseguimos rodar o VGS em um Power Mac 6400/180, que, devido ao seu processador antigo, deixou o jogo bem lento

Connectix Virtual Game Station

Ei, o seu Mac é um PlayStation!

(apesar da existência do chip ATI). Estranhamente, num Mac 5500/250 o programa nem mesmo instalou. Em um iMac de 233 MHz e em um G3 de 300 MHz (bege), a coisa ficou bem mais rápida, praticamente indistinguível do console. Uma diferença notável é que, graças aos drives de CD-ROM de alta velocidade dos Macs, os jogos e animações carregam muito mais depressa que no console!

E não é que é bom mesmo?

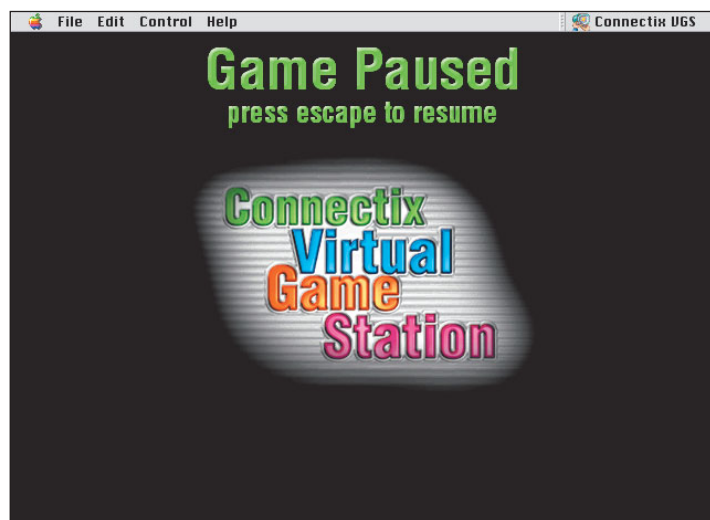
A operação do VGS é muito simples. Você abre o programa, coloca um CD de PlayStation no drive e ele automaticamente começa a rodar. A qualquer altura do jogo é possível interrompê-lo e voltar para o Finder imediatamente. Daria até para se sentir jogando em um

PlayStation de verdade, não fosse pelo teclado, que deixa o jogador perdido com os 14 botões do videogame. É imprescindível o uso de um joystick para ter realmente a sensação de

se estar jogando num console. Para remediar a situação, é possível programar o teclado em qualquer configuração que você achar menos desconfortável.

Jogar pelo teclado pode até dar mais emoção ao jogo. O VGS permite que duas pessoas joguem numa mesma máquina. É claro que duas pessoas jogando ao mesmo tempo, com as mãos todas entrelaçadas para alcançar 28 teclas no teclado, não é uma coisa muito prática. Para um melhor aproveitamento, convém deixar um jogador no teclado e outro no joystick, ou (no caso dos iMacs) usar dois joysticks, cada um em uma porta USB.

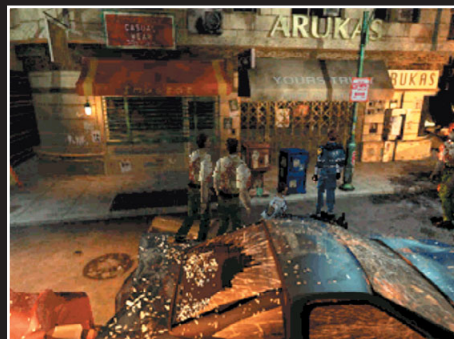
Teoricamente, o VGS permite utilizar apenas jogos de PlayStation produzidos para o mercado americano. Mas, na mesma semana em que o jogo foi lançado, já começaram a surgir na Internet patches (remendos) que habilitam o programa a rodar games japoneses e europeus. Embora o VGS seja realmente espantoso, ele tem alguns defeitos, para surpresa geral da nação. Alguns jogos travam, outros não rodam de jeito nenhum. Mas, segundo a Connectix, existem cerca de 150 jogos que rodam direitinho com a versão 1.1.



O emulador adapta a resolução da tela automaticamente. Você pode interromper o jogo a qualquer instante pressionando [Esc] (à esquerda) e trocar de jogo com um mero comando de menu (à direita)

Control

Eject CD	⌘I
Resume	⌘P
Reset	⌘R

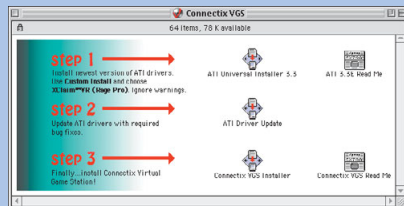


Como instalar o VGS

1 Em primeiro lugar, você deve ter um Mac com as características citadas. Em computadores sem chip de vídeo ATI, ele nem sequer instala.

2 Agora esteja preparado para dar no mínimo dois restarts.

A própria janela do CD de instalação já contém as instruções básicas, na forma de um mosaico de ícones:



Rode primeiro o ATI Universal Installer 3.3; depois reinicie a máquina e instale o ATI Driver Update e dê outro restart. Você até pode dar Quit num instalador e rodar o seguinte sem reiniciar, desde que não faça mais nada no Mac além das instalações.

3 Agora sim, instale o VGS. Tudo isso é necessário porque ele precisa dos drivers ATI novos para poder rodar.

4 Pronto! Coloque um CD de jogo no drive e pau na máquina.

Além disso, não existe nada semelhante ao VGS para Windows (hehehe), o qual continua apenas com emuladores sharewares, que raramente funcionam a contento.

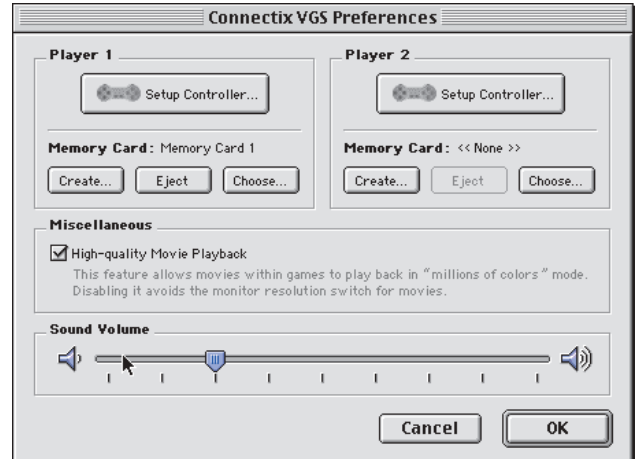
E a Sony, como fica?

E com esse sucesso todo, qual é a atitude da Sony? A Connectix não infringiu nenhum copyright da Sony ao criar o emulador pelo método de "engenharia reversa". Mas a fabricante do PlayStation entrou com um processo na Justiça americana para proibir a venda do VGS, alegan-

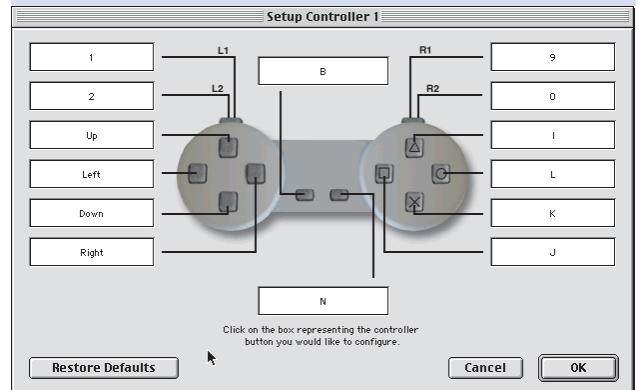
do que ele ajudava na proliferação de games piratas. Em resposta a isso, a Connectix lançou o update 1.1 para o VGS, que parece servir principalmente para bloquear os patches já existentes.

A Connectix ganhou o processo em primeira instância e já saiu vendendo seu emulador normalmente. Mas parece que a empresa está cautelosa nessa brincadeira de Davi e Golias com a gigante japonesa. Uma prova disso é que mesmo as cópias do programa enviadas para lojas de software foram gravadas em CD-R, e não em um processo de duplicação de CDs convencional. Ou seja, a Connectix está fazendo somente alguns milhares de cópias de cada vez, provavelmente para não micar com dezenas de milhares de cópias de CDs na mão, caso a Sony venha a ganhar essa batalha. Outra prova dessa cautela é a insistência da Connectix em não permitir a venda do VGS em outros países além dos EUA.

Cada país terá que ser analisado separadamente, do ponto de vista legal, para que os advogados da Sony não consigam impedir a venda. Em países como o Brasil, onde a Sony nem sequer vende o PlayStation, devido aos altos índices de pirataria no país (é



Os ajustes gerais (acima) são genialmente simples e incluem a possibilidade de se criar memory cards virtuais. Configurar o teclado (abaixo) para um jogador não é tão difícil; dois ao mesmo tempo é que é dureza



nos royalties por CD vendido que ela ganha dinheiro, não no console, o que explica essa briga toda), a possibilidade de venda do VGS é ainda mais remota. Tanto a Passport quanto a SED Magna, que distribuem produtos da Connectix no Brasil, afirmam ter pedidos do VGS junto à Connectix, mas até o fechamento desta edição a empresa não havia confirmado o envio do produto. Só nos resta esperar. **M**

OCTÁVIO MARON octmaron@sti.com.br
Perdeu o Carnaval jogando PlayStation no seu Mac.

VIRTUAL GAME STATION



Connectix: www.connectix.com

Preço: US\$ 49 (EUA)



ProNotas

Documentação de Java para Mac

Graças ao trabalho de um desenvolvedor independente, **Steve Revilak** (revilak@umbsky.cc.umb.edu), a Sun conseguiu disponibilizar em janeiro a **documentação do API Java** para Macintosh. Para que isso pudesse ser feito, foi necessário resolver a limitação de 31 caracteres que os nomes dos arquivos Macintosh têm em relação aos arquivos Java puros, que podem ter nomes mais longos.

Com esse release, os desenvolvedores Java macmaníacos agora têm ao alcance dos dedos toda a documentação do Java até a versão 1.1.7 em formato HTML, o que significa poder contar com o melhor suporte da linguagem na sua máquina: superior a qualquer livro, CD ou outra mídia existente, e de graça.

Você encontra essa API em www.java.sun.com/docs/mac_format/index.html. O arquivo de download tem cerca de 1,6 MB; quando descomprimido, o bicho ocupa 14 MB no disco, com 578 arquivos! Para usá-lo, basta duplo-clicar no arquivo **a-names.html**; este chamará o seu browser default e mostrará uma lista alfabética de A a Z. Selecione a letra que corresponda ao primeiro caractere da palavra-chave, constante, classe, método (inclusive construtores) ou variável que esteja querendo estudar. Será então exibida uma lista com todos os termos Java que comecem por aquela letra. Localize o termo sobre o qual queira informações (com **⌘F**, por exemplo), clique nele e o sistema exibirá uma página HTML com a sintaxe correta do termo, sua descrição, o valor de retorno (se houver) e os parâmetros requeridos. Muitas vezes, o sistema também sugere alternativas à palavra que você escolheu.

Para os desenvolvedores pokaprátika, a API é uma importante ferramenta de auxílio aos estudos, pois permite tirar dúvidas rapidamente. Para os desenvolvedores profiça, é o melhor utilitário disponível para depurar programas. E o que é melhor, não custa nada!

Programação orientada a objeto

O shareware sueco **Object Plant 2.1** (US\$25) é uma ferramenta para desenvolvimento e análise de código orientado a objeto que, na nova versão, corrige vários bugs e tem a possibilidade de combinar saídas de várias classes em um único arquivo.

Softsys: www.softsys.se/ObjectPlant

Debugando o debugador

Até os caçadores de bugs às vezes têm bugs. O **BugLink 1.1.1** faz o update do sistema de rastreamento de bugs da PandaWave. A empresa também lançou o **UUIDLib 1.0**, uma biblioteca que possibilita que os programas gerem IDs únicas baseadas em endereços de hardware Ethernet e num timer de 100 ns, como no pacote OSF DCE.

PandaWave: www.pandawave.com

Media 100 5.0

Nova versão do célebre software de edição não-linear de vídeo traz suporte a DV/FireWire e múltiplos undos

por João Velho

Os dias de espera foram contados ansiosamente pela sua legião de usuários no Brasil e no mundo todo. Só na Macmania, o upgrade foi antecipado por duas vezes. Pois é: depois de ter sido anunciada aos quatro ventos por meses seguidos, finalmente está sendo

distribuída a nova versão do software do sistema de edição não-linear de vídeo **Media 100**, um dos ícones da plataforma Macintosh nos anos 90.

A grande expectativa foi realmente correspondida com um programa mais maduro, demonstrando que o Media 100 não esqueceu os macmaníacos (agora já há uma versão para PC, o Finish). Essa impressão é causada não apenas pelos novos recursos de software incluídos, mas também pelo fato de que, junto com a versão 5.0, foi lançada a opção para input e output DV/FireWire.

Upgrade necessário

Para usufruir do processamento DV e de algumas outras facilidades do Media 100 5.0, o usuário vai precisar fazer também um upgrade de hardware, que custará US\$ 3 mil nos EUA. Trata-se de uma variação da placa Vincent, chamada P6000, acoplada a uma daughtercard para o processamento do DV.

Independentemente do software e da opção DV, a P6000 proporciona um processamento de vídeo ampliado e melhorado, devido aos avanços nos chips e no design da placa.

Com a P6000 é possível, por exemplo, chavear o programa para trabalhar com imagens a 640 x 480 pixels (como antes) ou com imagens a 720 x 486 pixels (padrão ITU-R BT.601), recur-



so que vem com um considerável atraso, já que quase todas as outras placas para edição não-linear há muito usam esse padrão. Novidade mesmo em termos de mercado é a possibilidade adicional de captura, monitoração e processamento de imagens na proporção

16:9 (HDTV).

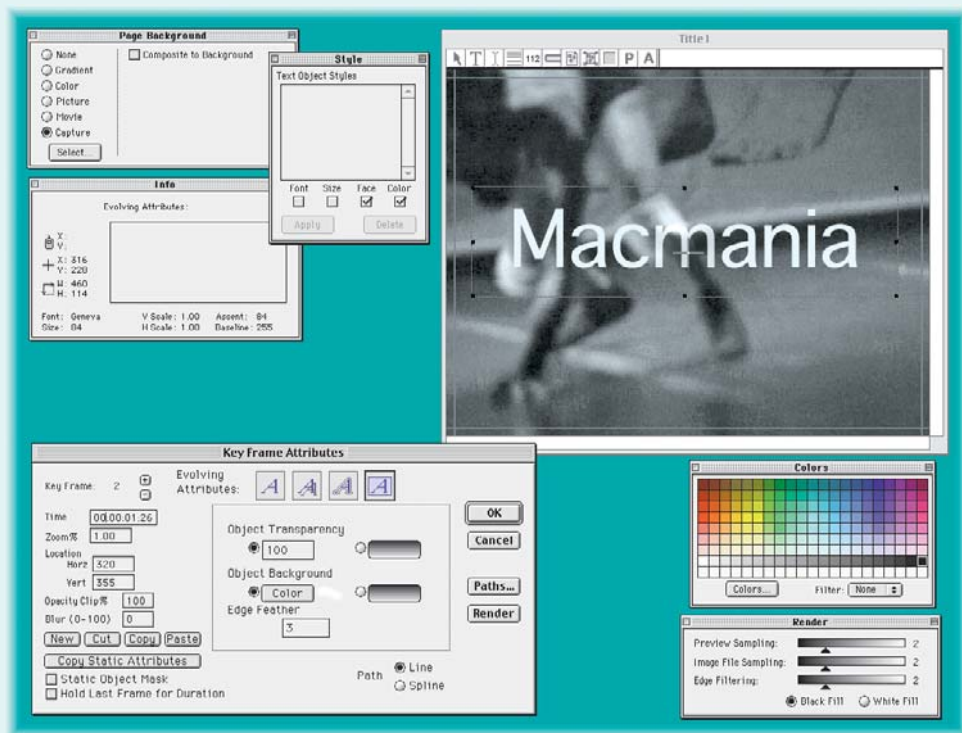
Se você já possui um M100, terá que devolver a placa antiga para receber a nova como parte do acordo de upgrade. No caso dos sistemas novos vendidos a partir da versão 5.0, a placa P6000 estará disponível apenas para as faixas de produto XL/XE/XS e XR, tendo o processamento DV como opcional. O Media 100 qx é o único que continua com a Vincent 601. Os novos compradores do M100 também vão levar uma Junction Box mais robusta e resistente. Fisicamente, além do novo conector externo DV/FireWire para ligar a câmera ou o VCR DV, a P6000 possui dois novos conectores internos. Um deles serve para ligar a placa HDRfx (para efeitos em real time) e para a futura conexão SDI através de uma nova daughtercard – a ser lançada ainda neste semestre –, enquanto o outro é usado exclusivamente para a conexão com a daughtercard DV.

O novo sistema captura o sinal DV 4:1:1 via FireWire e o converte para vídeo 4:2:2 M-JPEG em tempo real. Nesse aspecto reside o que há de mais interessante na solução DV do Media 100. Essa arquitetura foi criada para permitir ao usuário integrar num mesmo projeto imagens provenientes de material DV, Betacam, S-VHS e outros formatos analógicos.

O único senão é que não dá para usar as saídas analógica e digital (DV) simultaneamente.

Media 100 5.0

continuação



Versão 5 traz grandes melhorias na geração de caracteres

Media 5.0 estão um pouco menos à mostra, mescladas com as mais diversas funções.

Múltiplos undos

Uma das mais importantes é certamente a implementação dos múltiplos níveis de undo, que podem chegar a 150, dependendo da quantidade de memória RAM disponível. A sequência de undos se modifica de acordo com a janela que estiver ativa no momento, no caso, as janelas Bin, Program e Edit Suit, em seus vários modos. Não é preciso dizer que o undo único era um tremendo furo do software, um pouco tardiamente consertado.

A substituição de clips na timeline agora pode ser feita transferindo atributos e efeitos do clip original da edição para o clip que estiver entrando. Outra mão na roda são os marcadores dos usuários, que antes só eram aplicáveis em pontos da timeline e que agora podem ser colocados nos clips, melhorando sensivelmente as operações de sincronização de áudio e vídeo e criação de pontos de edição.

Na parte de gerenciamento de projeto, mais alguns motivos de alegria: drag and drop de arquivos e folders importados ou abertos do Finder diretamente para um bin, a possibilidade de mudança dos nomes de bins e programas dentro da janela Project e a abertura de arquivos de projeto sem precisar reabrir bins e programas, que muitas vezes, dependendo do número de clips e do tamanho da edição, demoram uma eternidade.

O Media 100 é conhecido pela facilidade de integração com outros programas, por trabalhar com arquivos em QuickTime nativo. No entanto, nas versões anteriores não dava para abrir dois arquivos de vídeo Media 100 em mais de um programa ao mesmo tempo. Com a versão 5.0, o compartilhamento do codec passou a permitir que o usuário deixe o Media 100 em background enquanto trabalha em algum arquivo de vídeo nativo do Media 100 em programas como After Effects, Commotion e Efeito Pronto.

Antes da versão 5.0, projetos baseados em efeitos de correção de cor, para consertar erros de gravação ou de telecinagem, esbarravam em um limite muito estreito no número de ColorFX disponível para um mesmo projeto. Esse foi outro ponto que ganhou a atenção dos engenheiros da Media 100: o limite aumentou para até 1000 efeitos. Ainda falando de efeitos, não se pode esquecer a habilitação dos efeitos nativos do QuickTime 3.0, dos dois novos wipes e do efeito Color Pass. Para fechar, o efeito Wipe

Código de instalação

Antes mesmo da instalação, quem já é usuário do Media 100 dá de cara com uma outra novidade na versão 5.0, que pode não agradar àqueles que não possuem o contrato Platinum para upgrades de software e costumam copiar as novas versões de amigos ou de outras fontes mais obscuras. A partir de agora, o usuário necessitará de um código de 20 dígitos para poder instalar upgrades dessa e de qualquer outra versão. Esse código é fornecido diretamente pela Media 100 a partir do número de série de cada placa Vincent, apenas para usuários que possuem o contrato Platinum.

Se alguém colocar uma numeração que não bata com a encriptação correspondente ao número de sua placa, a instalação não prosseguirá. Nada mais justo, já que essa é a única maneira de garantir o retorno do investimento do fabricante nas pesquisas para melhorar o sistema. Convenhamos: para quem usa o

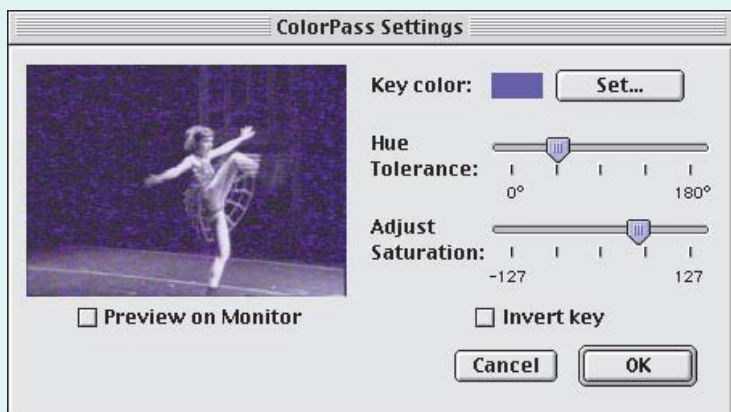
Media 100 em trabalhos profissionais, se umas duas vezes por ano houver upgrades como esse, repletos de melhorias significativas, o contrato Platinum será bem compensador.

Melhorias significativas

Inicialmente, quando abrimos o programa, já na janela que pergunta se queremos criar um novo projeto nota-se uma diferença na interface. As janelas de diálogo para arquivos e projetos ganharam três menus pull-down: um com acesso aos discos montados, um para acesso a folders e arquivos favoritos e outro para acesso a folders e arquivos abertos ou importados recentemente. As janelas também podem ter seus tamanhos alterados, além de proporcionar seleções múltiplas em uma mesma operação (oba!).

Com um projeto aberto, logo se sobressai o novo menu Media, que resultou de um desdobramento do menu Tools. O novo menu agrupa as funções ligadas ao render, à digitalização automatizada e ao gerenciamento e busca de arquivos de mídia. Mas as verdadeiras inovações do

A nova versão prova que o software é cada vez mais a base do desktop video



Ajuste fácil nas imagens

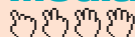
Importar arquivos é ainda mais fácil e direto

Designer, que antes só aceitava imagens de referência em PICT, agora aceita imagens nos formatos TIFF, GIF, JPEG, BMP e TGA.

Mudanças no CG

Pode-se concluir que esse upgrade claramente foi feito não com a intenção de trazer novos recursos mirabolantes, mas sim facilitar a vida do editor. Mas, com todas as melhorias já citadas, é no CG (o software de geração de caracteres que trabalha acoplado ao M100) que talvez esteja concentrado o maior número de mudanças significativas da versão 5.0. O CG, outro calcanhar de Aquiles do M100, ganhou novos recursos, tais como o suporte para múltiplos objetos em movimento em um mesmo título, o uso de filmes QuickTime como background para textos e placas, além de muitos outros detalhes que praticamente exigiriam uma resenha à parte. Novas paletes, melhores ferramentas para animar textos e objetos, maior precisão etc. Vale conferir o que parece ser uma espécie de “conquista da maioridade” do CG.

Media 100 5.0



Media 100: www.media100.com

Video Mart: (021) 493-3281; fax (021) 494-3334

Preço: Versões variam de US\$ 1.995

(QX) até 19.995 (XR)



Conclusão

O lançamento da versão 5.0, com tudo o que ela representa, prova que o software é cada vez mais a base do desktop video, e que sempre há o que melhorar nessa espécie de *work in progress* que é a indústria da informática.

Tomara que os próximos upgrades sejam tão ou mais generosos quanto esse. Por outro lado, já se sabe por informações extra-oficiais que a próxima parada deverá ser na NAB deste ano, com o hardware mais uma vez em foco, quando a Media 100 deverá mostrar uma solução integrada para input e output de vídeo analógico, DV e serial digital, obtida através de placas principais (a P6000 e uma nova) acopladas a duas daughtercards. **M**

JOÃO VELHO

jvelho@cyberhome.com.br

É sócio da Digiworks, empresa de criação de projetos de animação, vinhetas e pós-produção de vídeo digital.

Hack do Leitor

Resgatando velhos easter eggs do Mac OS

É verdade que aqueles sistemas 7 ponto alguma coisa eram muito instáveis, lentos e tinham muitas desvantagens em relação ao atual 8.5. Mas existe um item em que o velho System 7 supera o atual: Easter eggs (“ovos de Páscoa”, features ocultos no software). Digitando-se `secret about box` e arrastando o texto para o Desktop, em vez de virar um clipping ele se transformava num joguinho ou uma bandeira de iguana orientada pelo mouse. Bom, fiquei com saudade do joguinho e dei um jeito de “prender” esse easter egg no Calculator. Agora posso jogá-lo em qualquer versão do Mac OS.

1 Abra no ResEdit uma cópia do

arquivo System da versão 7.5. (Na versão 7.5.5, a Apple trocou o game pela bandeira de iguana. Ainda estou tentando descobrir se é possível fazer o mesmo com esse outro easter egg.)

2 Abra uma cópia de algum Desk Accessory com o ResEdit (eu prefiro usar o Calculator porque é um programa pequeno e mais fácil de lidar).

3 Na janela System do ResEdit, selecione o resource `DRVr`. No menu Edit, selecione Copy.

4 Na janela Calculator do ResEdit, selecione Paste no menu Edit. Responda Yes para a caixa de diálogo que aparecer.

5 Feche a janela Calculator no ResEdit e salve as mudanças fei-

tas. Feche a janela System do ResEdit.

6 Mude o nome do Calculator para qualquer coisa que quiser. Agora, toda vez que abrir o programa, o Easter egg vai aparecer com o nome de todos os programadores do sistema, inclusive o famoso Peter Bierman, autor do MacDISCO e desenvolvedor do Mac OS X (Macmania 52).

A única diferença entre esse e o Easter egg original é que, se você estiver rodando o sistema 8.X, não aparecerá escrito System 7.5 brought to you by: antes de introduzir a lista de nomes dos programadores.

Pedro Estarque

pedroestarque@openlink.com.br

ProNotas

continuação

A fórmula para documentos científicos

Boas novas para as pessoas que têm que preparar documentos técnicos e científicos contendo muitas fórmulas matemáticas. A Wolfram Research anunciou o **Publicon 1.0**, software que oferece estrutura de documento hierárquica, digitação de caracteres matemáticos, hipertexto e muitas outras características high-end. Além disso, o formato nativo do programa é o texto ASCII padrão, o que torna mais simples a tarefa de portar um documento entre várias plataformas. Uma versão beta está disponível para download, assim como a chave para desbloquear o recurso de Save sem qualquer taxa durante o período de teste.

Wolfram Research: www.publicon.com

HFS+ documentado, finalmente

As informações sobre a formatação de volume HFS+ agora estão disponíveis online. Já não era sem tempo. Faz mais de um ano que membros dos programas de desenvolvedores da Apple têm acesso aos dados preliminares sobre o layout dos discos HFS+, mas a documentação final veio a passo de tartaruga e só agora apareceu definitivamente. Os documentos podem ser encontrados nas páginas do Macintosh Technical Note 1150, que descreve a estrutura de arquivos do HFS+ para aqueles que já estão familiarizados com o HFS.

Apple: <http://developer.apple.com/technotes/tn/tn1150.html>

ProLinks

CenterNet 1.0 (US\$15)

Ferramenta para webmasters que permite automatizar pesquisas em doze ferramentas de busca simultaneamente.

<http://www.moonbeam-online.com/products/centernet.html>

MacDNS 1.0.4

Versão melhorada de servidor de nome de domínio gratuito.

<http://asu.info.apple.com/swupdates.nsf/artnum/n11264>

JustEdit Plus 1.0

Applet Java (US\$ 100) para administração remota de sites via formulários.

http://www.mstay.com/jel10_ab1.html

Rumpus, Rumpus Pro 1.3

Versão final de servidor FTP.

<http://www.maxum.com/Rumpus>

Stalker Internet Mail Server 1.8b1

Servidor de mail gratuito que agora suporta comandos AUTH para autorizar conexões SMTP e POP.

<http://www.stalker.com/SIMS>

FileMaker+comércio eletrônico= lojas virtuais em tempo recorde

Por J. C. França

A Internet, o maior shopping center do mundo, tem espaço ilimitado para a abertura de novas lojas. E a febre se espalha: é como se todos quisessem oferecer algo através da rede. Aqueles que já se aventuraram no *ecommerce* e no projeto de lojas virtuais sabem a quantidade de trabalho envolvida. São muitas variáveis, muitos detalhes para serem checados à exaustão, muitos pequenos truques, configurações e adaptações a serem feitas.

Temos então duas frentes: o design puro e simples, que deve ser o mais atraente possível, a fim de "segurar" nossos possíveis clientes, e o mecanismo que funciona nos bastidores. Tal mecanismo deve ser à prova de falhas, pois estamos lidando com o bolso das pessoas. E essa é uma parte extremamente sensível do corpo. Vamos tentar especificar melhor o mecanismo envolvido:

- O usuário chega ao seu site.
- Você oferece a ele um produto.
- Você mostra a ele detalhes do produto.
- Você o convida a fazer uma encomenda.
- O usuário encomenda o produto desejado.
- Você pede ao seu usuário para preencher uma ficha e confirmar o pedido.
- O usuário passa a você informações críticas, como o número do cartão de crédito.
- As informações são cheçadas e confirmadas.
- O usuário é avisado de que tudo está em ordem e o pedido foi efetuado, ou que alguns dados são inválidos e a ficha deve ser refeita.
- O usuário vai embora do site feliz da vida e recebe em alguns minutos um email confirmando a transação.

Parece simples, não? É apenas uma sequência de ações, não é mesmo? Parece, mas não é.

Temos vários problemas a serem resolvidos nas etapas descritas. Por exemplo, como eu faço para:

1 Manter um registro individual de cada cliente que acessa o meu site, de forma a não confundir-lo com qualquer outro que esteja lá no mesmo momento? E como acompanhar o usuário a cada mudança de página?

2 Manter o banco de dados dos meus produtos oferecidos constantemente atualizado, mesmo que esteja a grande distância do servidor?

3 Conferir se o cliente já não veio ao meu site antes e, portanto, já não tem uma ficha cadastral preenchida?

4 Conferir os dados fornecidos pelo cliente?

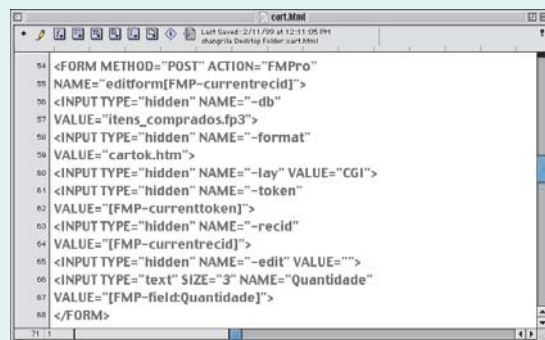
5 Proteger os dados confidenciais em trânsito? Como tornar o site seguro?

6 Passar um email para o cliente com o registro das transações efetuadas, ao mesmo tempo em que aciono o meu sistema para enviar o produto ao cliente?

Este artigo não tem a intenção de ser um tratado sobre *ecommerce*, mas sim de sugerir uma solução que, neste momento, parece ser a mais rápida e eficiente para quem está iniciando na área. Essa solução é a combinação do **FileMaker Pro** com o **Clarís Home Page**.

Como funciona

O FileMaker funciona como banco de dados e servidor Web, enquanto o Clarís Home Page é o editor de HTML que gera os códigos necessários para a página dinâmica funcionar. Depois de criados os códigos, você pode passar



Este é um exemplo típico de um form para criar uma loja virtual. No caso, temos a página chamando o servidor Web do FileMaker Pro para executar uma ação ao mesmo tempo em que especificamos o banco de dados e o layout utilizados e as variáveis necessárias para executar o processo. Preste atenção no valor token: é ele quem carrega informações de uma página para outra, permitindo rastrear cada usuário separadamente

para outro editor de HTML de sua preferência e fazer a parte cosmética. Ou simplesmente continuar no Home Page, que não deixa de ser um excelente editor de páginas WYSIWYG. O FileMaker traz alguns templates (modelos prontos) que podem ser adaptados ou servir de referência para o início do trabalho.

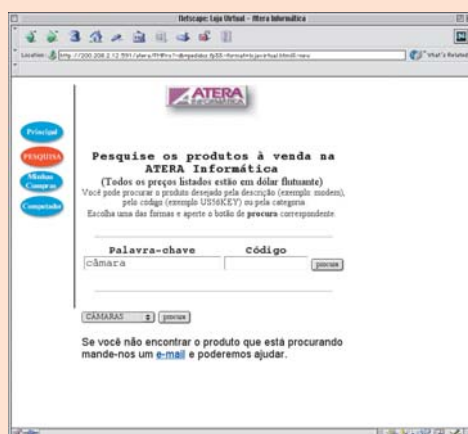
Vamos, então, destrinchar algumas das questões colocadas no início do artigo. Certos problemas, como a proteção dos dados confidenciais em trânsito, são muito extensos para serem discutidos neste espaço. Faremos apenas um breve relato das possibilidades para a solução dos problemas, de acordo com a sua numeração.

1 A **personalização da informação** é o grande apelo da Internet. Temos mecanismos para

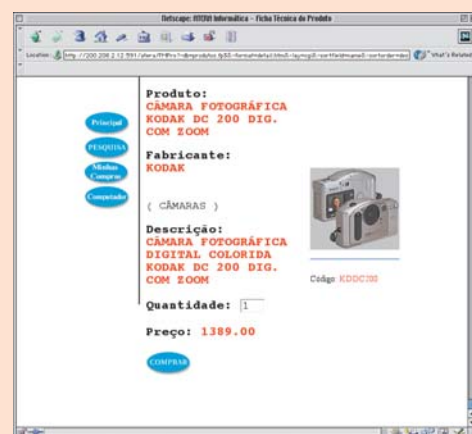
Comprando sem ter que encarar o

Não tem volta: a compra por cartão de crédito via Internet já está consolidada. Alguns dos sites mais movimentados do planeta neste momento são de venda direta, como a Amazon Books, a CDnow e a própria Apple. Para a compra de muitos tipos de produtos, o ato de percorrer as lojas e a figura do balconista estão virando lembranças do passado, e para muitas mercadorias simplesmente não existirá mais um sistema tradicional, "não-virtual", de aquisição.

Compre solitariamente, a partir do seu computador de casa ou do trabalho. A ausência de interação com outro ser humano (ou seja, o fim da pechincha) e do contato prévio com o produto (tipo "deixa eu olhar essa câmera") são compensadas por um mecanismo de catálogo eletrônico rigoroso e tremendamente eficiente para o comprador e para o comerciante online. Mas não basta que o site seja bem programado: para que venda bem, precisa ser fácil de usar e oferecer informações satisfatórias sobre os produtos. Veja o exemplo ao lado.



Você pode folhear o catálogo ou ir direto ao ponto



Ficha do item e o curto e grosso botão "Comprar"

O melhor meio de aumentar as suas vendas com pouco esforço é o comércio pela Internet. Saiba o que é preciso para entrar nessa

saber quem está em nosso site, e por onde navega tal pessoa. Dois mecanismos são os mais utilizados atualmente:

- O **cookie**, um pequeno arquivo-texto enviado pelo servidor que fica armazenado no HD do cliente. Esse arquivo em geral tem uma data de expiração e armazena alguns dados que podem ser reutilizados posteriormente, permitindo ao servidor Web identificar o usuário, a hora da sua visita, o número de vezes que ele acessou o site etc.

- O **token**, utilizado pelos CGIs e bancos de dados. Através de um comando de código inserido na página, é possível gerar uma identificação que acompanha o usuário a cada mudança de página. Basta invocar tal identificação que o banco de dados irá acionar o registro referente às transações desse usuário específico.

2 Por esses dois mecanismos é possível termos um número teoricamente ilimitado de clientes acessando o site ao mesmo tempo, cada um deles sendo atendido por um “vendedor” virtual.

3 A **atualização** do banco de dados é crítica. Preços defasados podem levar até a processos jurídicos. O FileMaker Pro permite a conexão para manutenção direta da base de dados, via TCP/IP ou por meio de uma interface Web. A configuração necessária para o uso desses serviços é mínima.

4 A partir do momento em que o cliente preencheu uma ficha cadastral no seu site, basta ele digitar algum **código individual** para trazer à tona a sua ficha completa. Você, é claro, é quem escolhe quais informações pretende disponibilizar.

É um pouco mais complicado conferir os

dados que o seu cliente afirma serem dele. Você pode criar alguns campos de cálculo ou scripts no FileMaker para checar informações, ou mesmo ter um arquivo de cartões de crédito inválidos, por exemplo. No nível do HTML, o máximo que se pode fazer, na maioria dos casos, é afirmar que os dados **não** são do cliente. Existem alguns Javascripts que permitem checar se um CPF ou número de cartão de crédito é válido, mas dificilmente você vai conseguir autenticar os dados fornecidos. No caso do cartão de crédito, a única alternativa seria estar online com algum sistema bancário, o que é caro e complicado. Existem empresas que oferecem serviços de autenticação, mediante a cobrança de uma comissão sobre cada transação efetuada. Algo em torno de 5%.

É importante especificar no FileMaker Pro um número exclusivo para cada cliente. Para isso, basta ir a Options em Define Fields e clicar em Unique

5 A maneira mais comum de proteger os dados do seu cliente é **criptografá-los** antes do envio para você. Assim, não há perigo de alguém obtê-los em trânsito. Para isso é necessário adquirir um **certificado digital**, o qual será interpretado pelo browser do cliente. O browser então codificará a informação e a enviará ao servidor. Mas de nada adianta transmitir os dados seguramente se, ao chegar no servidor, eles não estiverem seguramente armazenados. Quando se fala em segurança dos dados confidenciais dos clientes, todo cuidado é pouco. Nesse aspecto, o FileMaker pouco tem a oferecer: a criação de um site seguro não tem nada a ver com as páginas dinâmicas.

6 Alguns códigos específicos do FileMaker Pro permitem o envio de um email ao cliente com as especificações do pedido e outros emails para outras pessoas ou departamentos de uma empresa.

Conclusão

Se, depois de todos esses requisitos, você ainda estiver animado para abrir a sua loja, vá em frente! Mas ainda faltam alguns detalhes a serem checados:

- O seu provedor tem um computador rodando FileMaker Pro? Em que plataforma?

- O seu provedor oferece sites seguros?

Passou neste último teste? Então, agora é criar algo muito bonito e esperar a caixa registradora tilintar! **M**

J.C.FRANÇA usina.de.imagens@pobox.com

É fotógrafo digital e diretor da Usina de Imagens.

vendedor

Consulta dos itens que você já escolheu

A hora do frio-inho na espinha: assine a fatura

Ao voltar, não é preciso preencher tudo de novo



Muita gente se espantou com o sucesso da Apple e a virada do iMac, mas poucos chegaram a uma conclusão sobre o motivo desse sucesso. Aqui vai minha teoria:

é verdade que eles conseguiram fazer as malditas máquinas funcionarem, finalmente, depois de sete anos de descaso. Isso, é claro, não tem nenhum valor intrínseco, mas é uma condição necessária para a VERDADEIRA estratégia!

E a verdadeira estratégia é a seguinte:

1 Eles descobriram que — ei! — a Apple ainda é um fabricante de hardware. Todos diziam para ela parar de ser um fabricante de hardware, para mudar para o negócio de sistemas operacionais, onde obviamente estava o dinheiro, já que não existe margem no hardware, blá, blá, blá. Eu disse isso, nós todos dissemos, eles obedeceram; seguiram manquitolando durante anos como uma empresa de software que também fazia máquinas. Finalmente, eles acordaram e saíram do negócio de software para mergulhar de cabeça no mercado de equipamentos. Em retrospecto, foi um grande lance, já que no fundo ninguém realmente dá a menor pelota para o software em si (exceto o povo do Linux).

2 Eles descobriram que estavam sentados sobre uma marca fantástica que a maioria das pessoas associa a “bonitinha”, “alternativa” e “fácil de usar”, apesar de manchada com “pena que faliu”. Mais importante — já que eles não venderam nenhuma máquina a novos usuários durante a maior parte dos anos 90 —, a percepção que o público em geral tem da Apple como “fácil de usar” não se modificou durante os quase sete anos em que as máquinas vendidas fora dos mercados verticais — os Macs para o mercado doméstico — eram trambolhos frágeis, lentos e mal-configurados (não discuta comigo; meu campus tem aproximadamente dez mil Macs, a maioria lançada no começo dos 90, e eles ainda são horríveis caixinhas do Mal).

Então, eles (ou melhor, Jobs) se sentaram e pensaram: “hardware... marca fantástica... hardware... marca fantástica” e bolaram uma daquelas estratégias “transformando fraqueza em força”, que deve virar um estudo de caso em um livro de marketing em alguns anos. Pararam de vender “Macintosh” como se fosse uma vaga substância fluida que pode ser colocada em vasilhames variados com uma vasta gama de efeitos diferentes. Esse é o jogo da Microsoft. A Microsoft está em tudo quanto é lugar, sugando royalties e tascando a marca “Windows” no seu computador de mesa, de mão ou no microondas. Realmente existe uma enorme quantidade de dinheiro nisso, mas infelizmente a MS já detém todo ele e vai mantê-lo.

“A Apple é aqui”. Atire para matar em todos os fabricantes de clones de Mac e não pare aí. Cancele vir-

Onde a Apple acertou?



tificar sua afeição irracional; quando estiverem lendo os números do processador G3, a compra já vai estar decidida). Além disso, o mundo PC está repleto de gabinetes MEDONHOS (por exemplo, o estilo “grande alça inútil” da IBM, a “grande porta inútil” da Sony, o “roxinho e torto como um frasco de desodorante feminino” da HP, o “buracos no monitor que parecem tiros de espingarda” da Packard-Bell e muito mais), portanto, o nicho para máquinas com design realmente bom tem estado desabastecido por um bom tempo.

A Microsoft atualmente ganha uns cem dólares por cada PC vendido. Cem paus! Em cada PC! E seu custo de produção deve estar por volta de uns dez paus, já que eles não dão mais o manual (acredito que a caixa de papelão, com todos aqueles hologramas anti-pirataria, deve sair por uns cinco paus). É uma licença para imprimir dinheiro!

Quem sabe qual a margem de lucro dos iMacs? Aposto que a Apple ganha uns quinhentos dólares por unidade, o que significa que ela só precisa chegar a 15% do mercado de computadores para ser tão lucrativa quanto o Windows.

Não há nenhum custo extra no iMac, não há escolha de configurações, o que faz maravilhas com a economia de escala. E o gabinete é um brinquedo de montar de plástico barato.

Se você vai fazer algo em plástico barato, deve aproveitar as vantagens inerentes do plástico barato, como o fato de ele poder ser colorido (ou até transparente) e ter o formato que você quiser.

Ou seja, ao final das contas, o iMac é apenas um Mac barato e configurado apropriadamente, com um design atraente em uma linha de produtos simples (um modelo só), com um sistema operacional estável e eficiente. Da mesma forma, o novo Fusca (objeto de comparação padrão) é a penas um Golf com um design mais atraente. Mas, da última vez que eu vi, eles o estavam vendendo com um ágio de US\$ 7 mil! O iMac não é uma daquelas coisas em que você pode achar uma explicação racional. Entretanto, você pode achar uma pilha de explicações emocionais para ele, e é aí que está a outra parte do dinheiro. A Microsoft esqueceu essa parte e, desde então, vem sendo apertada pelo Linux, que é todo racionalidade e mais racionalidade. **M**

EVAN KIRCHHOFF

É professor canadense de Filosofia que escreve sobre arte e cinema nos Estados Unidos e, portanto, se considera totalmente qualificado a ser um consultor de informática no Brasil.

As opiniões emitidas nesta coluna não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.